



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

FABIANA LINS BROWNE REGO

**INVESTIGANDO A ECOLALIA NO AUTISMO: Há Possibilidade de
Um Novo Olhar?**

Recife
2015

FABIANA LINS BROWNE REGO

**INVESTIGANDO A ECOLALIA NO AUTISMO: Há Possibilidade de
Um Novo Olhar?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
para obtenção do título de Mestra em
Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Prof^a. Dra. Glória Maria
Monteiro Carvalho.

Recife
2015

R343i Rego, Fabiana Lins Browne.

Investigando a ecolalia no autismo : há possibilidade de um novo olhar? / Fabiana Lins Browne Rego. – 2006.

115 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória Maria Monteiro Carvalho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2006.

Inclui referências.

1. Psicologia cognitiva. 2. Autismo. 3. Ecolalia. 4. Linguagem. I. Carvalho, Glória Maria Monteiro (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-98)

Ata da 183ª Defesa de Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE.

Por vinte e um dias do mês de fevereiro, de dois mil e seis, no auditório do sétimo andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, teve lugar em sessão pública a 183ª Defesa de Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, sendo examinanda a mestrandia Fabiana Lima Browne Rego e examinadores os profs. drs. Glória Maria Monteiro de Carvalho (Presidente), Marianne Carvalho B. Cavalcante (Examinador Externo, Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas/UFPE) e Jorge Valério da Rocha Galvão (Examinador Interno). A dissertação em julgamento intitula-se "Investigando a Ecolalia no Autismo: há possibilidade de um novo olhar?" e recebeu orientações da dra. Glória M. de Carvalho. Os trabalhos foram iniciados às 14:30h pela presidente da Comissão julgadora que, em cumprimento a determinações regimentais, concedeu a palavra à mestrandia Fabiana Rego, à qual apresentou um resumo da dissertação em exame, respeitando o tempo previsto no Regimento Interno do curso. Encerrada a apresentação, a presidente passou a palavra à dra. Marianne Cavalcante, a qual propôs à examinanda questões relativas à dissertação que considerou pertinentes. Com a palavra, a mestrandia Fabiana B. Rego respondeu às questionamentos propostos sem ultrapassar o tempo que o Regimento Interno lhe concede. Semelhante procedimento foi obedecido em face de questões apresentadas pelos demais examinadores. Findo o exame, a presidente suspendeu a sessão, permanecendo a Comissão Examinadora em reunião privada, com o objetivo de proceder à avaliação da dissertação e de sua defesa. Após intervalo de 15 minutos, a sessão pública foi reaberta pela presidente, a qual comunicou aos presentes o julgamento de cada examinador: profa. dra. Marianne Cavalcante — aprovada.

CONFERE COM O ORIGINAL

31/08/2015

61

VERA AMÉLIA F. DACHECO

Psicóloga em Psicologia Cognitiva

com distinção; dr. Jorge F. da Rocha Galvão — aprovada com
distinção; e dra. Glória M. de Carvalho — aprovada com dis-
tinção. Nada mais havendo a tratar, às 16:25h, a pre-
sidente encerrou a sessão e eu, Vera Amélia F. Dacheco,
secretária deste Programa, lavrei a presente ata, que vai
por mim assinada, pela examinada, pelos membros da
Banca Examinadora e pelos demais presentes. Recife,
21 de fevereiro de 2006

Dedico este trabalho ao meu amado e querido avô Marcionilo, que hoje não está mais entre nós, mas que foi a primeira pessoa que me ensinou a respeitar as diferenças deixando impressas no meu coração lembranças de afeto e ternura.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai de amor, Senhor da minha vida em quem diversas vezes busquei forças quando julgava não mais possuí-las. Sem Ele sei que nada posso, nada sou.

À minha orientadora Dra. Glória Carvalho pela competência, serenidade, tranquilidade e, sobretudo, pela confiança que depositou em mim durante essa trajetória, acreditando no meu trabalho e na minha pessoa, tornando-se, assim, alguém muito especial na minha vida.

À minha mãe, minha referência, meu esteio, que esteve sempre ao meu lado, incentivando, investindo, acreditando, apoiando nos momentos difíceis e alegrando-se com minhas conquistas. Pelo exemplo de mulher, de profissional, de pessoa, por ter me ensinado a trilhar o caminho do bem e por ter me introduzido, desde cedo, mesmo sem que eu soubesse, no fascinante mundo da Psicologia.

Ao meu pai pelo investimento na minha educação que me possibilitou chegar até aqui.

À minha irmã Daniela pelo amor e, sobretudo, pelos momentos de descontração que transformavam as minhas ansiedades e os meus medos numa maravilhosa piada, me ajudando, assim, a diminuir o peso desses sentimentos e me fazendo entre uma risada e outra retomar o meu trabalho.

Ao meu querido irmão Alexandre que, com uma inteligência sagaz e sua incrível sensibilidade, apesar de tão jovem, vem me ensinando coisas que nenhum livro é capaz de ensinar.

À minha amada vovó Zita, pelo amor, pelo incentivo, pelo cuidado e pelos deliciosos quitutes que tornam meus finais de semana mais saborosos.

Ao meu amado e querido Aldir, pelo companheirismo, pela força, pelo exemplo de uma vida de luta, coragem e perseverança. Sua mão segurando na minha foi fundamental para que eu caminhasse com mais segurança.

À minha amada amiga Manoela, pela amizade, pelas valiosas discussões, pela revisão do meu trabalho, pelas risadas, pelo coração generoso e pela mente incrivelmente talentosa e criativa que tantas vezes me inspirou.

À Andressa, amada amiga, pelos momentos compartilhados, pelas horas no telefone, pela solidariedade, pela amizade construída e consolidada durante esse tempo que ajudaram a tornar esse caminho mais prazeroso.

À Letícia, pela força, pela generosidade e disponibilidade, pelo calor humano, pelo aconchego, enfim, por ter se tornado uma amiga muito querida e especial.

À Fernanda Andrade por ter tão generosamente cedido os dados e sempre se mostrado tão disponível e afável

À equipe do CPPL, por terem cedido os dados para essa pesquisa. Aos colegas de mestrado com que tive o prazer de conviver durante essa trajetória e compartilhar os desafios acadêmicos, momentos que estarão para sempre registrados na minha memória.

Às minhas queridas amigas Elizandra e Mônica, pela amizade e por terem compreendido minhas ausências.

Às minhas queridas amigas da graduação, Isabelle, Elana, Mana, Sibelle, Luciana, pela amizade construída ao longo dos anos de curso.

A Pedro e João sujeitos dessa pesquisa que mesmo sem saberem me possibilitaram adentrar na sua fascinante singularidade. Espero que de alguma forma eu possa lhes retribuir apontando para a importância de que se seja lançado um outro olhar sobre esses indivíduos, os quais denominamos: autistas.

Aos Pais de Pedro e João pela confiança e pela autorização da utilização desses dados que permitiu que essa pesquisa acontecesse.

Às crianças especiais com quem trabalho, pelos sorrisos, beijos, abraços, espontaneidade, inocência. Estas crianças têm tornado os meus dias melhores, me dando verdadeiras lições de vida.

RESUMO

Embora a aquisição da linguagem tenha sido um campo de elaboração teórica e investigação empírica bastante profícuo, sobretudo a partir dos meados do século passado, ainda são reduzidas as investigações acerca da singularidade e vicissitudes da linguagem de crianças que apresentam um obstáculo no seu percurso linguístico. Atualmente, pesquisas empíricas realizadas em torno da questão da linguagem do autista, em sua maioria, priorizam em seus resultados a perpetuação de um fechamento da mesma num registro não significativo, não simbólico e não comunicativo. Os estudos que exploram especificamente a ecolalia têm enfatizado os aspectos descritivos, conceituais ou nosográficos. Entretanto, a atividade clínica com crianças autistas nos mostra que essas apresentam uma relação singular com a linguagem a qual é ainda pouco destacada pelos modelos teóricos vigentes. A partir destas considerações, baseando-se nos marcos teóricos da Psicanálise e do estruturalismo linguístico ressignificados por Cláudia Lemos, no campo da aquisição da linguagem, o presente trabalho teve o objetivo de investigar as produções ecológicas de dois pré-adolescentes com o diagnóstico de autismo. Tentou-se, portanto, buscar explicações que não se restringissem às polaridades normal versus patológico / correto versus incorreto, mas, a partir de uma análise aprofundada procurou-se apreender singularidades ou mudanças na verbalização ecológica que pudessem indicar a posição subjetiva desses sujeitos frente à língua. Para atingir o objetivo proposto foram analisadas as produções verbais ecológicas de dois sujeitos com idades de 12 e 11 anos respectivamente, participantes de grupos de terapia em instituições especializadas no atendimento aos portadores de autismo. Os resultados obtidos a partir da análise longitudinal das transcrições das sessões de terapia revelaram não só singularidades nas produções ecológicas dos participantes do estudo como permitiram a identificação de mudanças qualitativas do ponto de vista estrutural, na sua relação com a linguagem, abrindo-se um espaço para o estabelecimento de um diálogo entre os campos da aquisição da linguagem e da patologia da linguagem.

Palavras-chave: Autismo. Ecolalia. Linguagem.

ABSTRACT

Regardless of the considerable ammount of theories and empirical research on language acquisition since the second half of the past century, studies focusing on individual differences in language acquisition of learning disable children are still reduced. Empirical research on the linguistics skills of autistic children usually point out the meaningless and non-communicative character of the autistic language. Studies, which focused on echolalia emphasize its descriptive and conceptual aspects. Nevertheless, clinical activities with autistic children have shown that these children may demonstrate particular relationships with language which are not yet explained by the existing theoretical models. Based on the psychoanalytical approach and on the linguistic structuralism implicit on the Claudia Lemos conception of language acquisition the present study aimed to investigate the echolalia production of two pre-adolescent with a diagnosis of autism. It was attempted to search for explanation beyond the dichotomies of normal versus pathological, correct versus incorrect and by means of a deeper analysis capture the individual changes in echolalia which could indicate the subjects genuine position in regard to language. To attain this objective, the verbal echolalia production of two subjects with age of 11 and 12 respectively, participating of therapy sessions, was analyzed. The results obtained from the longitudinal analysis of the therapy sessions transcription revealed not only individual differences in echolalia productions of the participants of this study but also allowed the identification of structural qualitative changes in their language, opening the possibility of a dialogue between the field of language acquisition and of language pathology.

Keywords: Autism. Echolalia. Language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Comparativo das ecolalias de Pedro e João.....	97
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema Saussuriano.....	19
Figura 2. Significantes “homens” e “Senhoras”, de Lacan.....	21
Figura 3. Fragmentação 1.....	70
Figura 4. Fragmentação 2.....	87
Figura 5. Fragmentação 3.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS DO ESTUDO	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
3.1 Sujeito e Linguagem: apresentando a concepção Estruturalista de Saussure a Lacan	17
3.2 A Proposta de Lemos	22
3.2.1 O espelhamento na proposta de Lemos e a ecolalia na fala do autista	27
3.3 Falas patológicas: algumas considerações	29
3.4 O Autismo Infantil	30
3.4.1 Algumas considerações sobre a etiologia da síndrome	32
3.4.2 O que a psicanálise nos diz sobre o Autismo?	33
3.4.3 As concepções do autismo: algumas questões para um debate e algumas controvérsias	37
3.5 Linguagem e Autismo	38
3.6 Levantando questões sobre a ecolalia	40
3.6.1 O que pode nos dizer a Psicanálise acerca da ecolalia?	44
4 MÉTODO	46
4.1 Participantes	46
4.2 Material	47
4.3 Procedimento	47
4.3.1 Procedimento da análise dos resultados	49
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO	52
5.1 Sujeito 1 - Pedro - O Malabarista dos Blocos Ecolálicos	52
5.2 Sujeito 2 - João: O equilibrista caminhando na corda bamba da linguagem	73
5.3 Pedro e João seus autismos, suas ecolalias, suas singularidades	93
5.4 Um breve diálogo entre o campo da aquisição da linguagem e o campo da patologia da linguagem	98
6 REFLEXÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

a) A Ecolalia no Autismo: De uma questão clínica a uma indagação teórica

Tomando por base o pensamento de Sacks, pode-se perceber quais as concepções que perpassam o diagnóstico do autismo infantil.

O quadro do autismo infantil clássico é terrível. A maioria das pessoas (e, de fato, dos médicos) se questionada sobre o autismo, faz uma imagem de uma criança profundamente incapacitada, com movimentos estereotipados, talvez batendo com a cabeça, com uma linguagem rudimentar, quase inacessível: uma criatura a quem o futuro não reserva muita coisa (SACKS, 1995, p. 253).

Tais concepções parecem defender a existência de um vazio subjetivo: o autista seria um ser de comportamentos bizarros e linguagem rudimentar impossíveis de serem compreendidos. Basta observar as metáforas terríveis que circunscrevem o imaginário teórico e clínico dos autistas: tomadas desligadas, conchas, fortalezas vazias. Tais definições são marcadas pelo déficit, pela ausência, um ser quase sem subjetividade, uma criatura a quem não se atribui, ou não se permite um mínimo de positividade; é como se desses indivíduos só se pudesse dizer o que não têm. Entretanto, o presente estudo pretende abrir uma fenda nesse circuito teórico fechado que compõe o autismo infantil, acreditando que existe uma singularidade autista persistente e até mesmo profunda, sendo a linguagem uma das formas de manifestação dessa singularidade.

Hochmann aponta que as teorias sobre o autismo parecem assumir a mesma “imobilidade” dos mecanismos colocados em curso pela criança autista, tais teorias são marcadas pela necessidade de uma infalibilidade e tendem a se tornar mais rígidas à medida que se mostram mais frágeis como modelos para compreensão da etiologia, funcionamento e terapêutica do autismo (HOCHMANN *apud* CAVALCANTI; ROCHA, 2001).

O autismo infantil, ao lado de outros distúrbios globais do desenvolvimento, representa um dos grandes desafios clínicos enfrentados pelos profissionais da área de saúde. Não é preciso mais do que um caso para afrontar o saber estabelecido, abalando as certezas clínico/teóricas e levantando uma nuvem de indagações que inclui desde o diagnóstico, até o tratamento mais adequado. Portanto, pode-se dizer que o campo de estudo do Autismo é árido, permeado por incertezas e controvérsias. Sem dúvida alguma, trilhar esse caminho é um desafio teórico e metodológico que se impõe ao pesquisador que pretende estudar alguma nuance desse quadro.

Desde que foi batizado por Leo Kanner em 1943, o autismo instiga e mobiliza um interesse inusitado, tornando-se objeto de investigação de diversas disciplinas (Psicanálise, Psiquiatria, Educação, Neurociências) tendo também, a literatura e o cinema o tomado como tema, sobretudo nas últimas décadas, despertando atenção e intrigando as pessoas do mundo inteiro. O autismo envolve uma gama de manifestações sintomáticas, por isso, alguns autores preferem o termo “Autismos” preservando suas expressões fenomênicas, dentre as quais estão os distúrbios da linguagem que fazem parte dos critérios diagnósticos da síndrome (LEBOYER *In*: MAZET; LEOVICI 1991).

Na literatura científica, mais especificamente, no campo da aquisição da linguagem, existem vertentes teóricas que se ocupam de investigar a trajetória linguística do sujeito considerado normal. Entretanto, parecem ainda reduzidas as investigações acerca da singularidade e vicissitudes da linguagem de crianças que apresentam um obstáculo no seu percurso linguístico. Por outro lado, a atividade clínica com crianças autistas nos mostra que estas apresentam uma relação singular com a linguagem, a qual ainda é pouco destacada pelos modelos teóricos vigentes. Esse fato justifica a importância de que sejam realizados estudos sistemáticos em torno das particularidades dos fenômenos linguísticos nessas crianças.

Dentre a gama de alterações presentes na linguagem dos autistas, a presente investigação fará um recorte da fala ecológica. Kanner descreveu a ecolalia como “uma combinação de palavras ouvidas e repetidas como um papagaio” (KANNER *In*: ROCHA, 1997, p. 149), sem valor semântico ou qualquer caráter de comunicação. Atualmente, as pesquisas empíricas realizadas em torno da questão da linguagem do autista parecem ainda impregnadas pela concepção de Kanner. A grande maioria delas prioriza, em seus resultados, a perpetuação de um fechamento dessa linguagem num registro não significativo, não simbólico e não comunicativo. Os trabalhos que tratam especificamente da ecolalia, em grande parte, parecem destacar apenas os aspectos descritivos e/ou nosográficos. É, portanto, nesse sentido, que a presente investigação pretendeu avançar no estudo da ecolalia, saindo da forquilha correto versus incorreto / normal versus patológico, supondo que uma análise aprofundada da ecolalia poderia nos ajudar a entender melhor a relação do autista com a linguagem (KANNER *In*: ROCHA, 1997).

A linguagem dos portadores de autismo infantil e especificamente a fala ecológica vêm sendo foco do meu interesse desde 2001 quando ainda era bolsista de iniciação científica. Dessa trajetória, resultou a publicação de dois artigos: Ecolalia e Autismo: um estudo no campo de aquisição da linguagem (2002) e Aquisição de linguagem e a verbalização ecológica

do autista (2003). Como profissional, deparei-me com a clínica do autismo e com a ecolalia. Essa última continuava a me afetar, a me interrogar e a exigir de mim uma nova leitura, um maior entendimento. Assim, vários foram os meus questionamentos diante dessa fala:

- A ecolalia pode ser reduzida a um repetição sem nenhum valor simbólico, nenhuma intenção comunicativa, nenhum outro sentido?

- É possível que o autista esteja, de alguma forma, afetado pelo funcionamento da língua?

- É possível fazer uma leitura da ecolalia tentando alguma aproximação com os campos da linguística, da aquisição de linguagem e da psicanálise?

- É possível encontrar mudanças nas produções ecolálicas ao longo do tempo?

- Será que se poderiam encontrar singularidades nas produções ecolálicas de diferentes sujeitos?

- É coerente situar o autista, conforme postulam alguns autores, como estando fora do campo da linguagem?

- A ecolalia pode nos fornecer elementos que ajudem a esclarecer a posição subjetiva do autista diante da língua?

- É possível apreender, através do estudo da ecolalia, indícios da subjetividade na criança autista?

- Quem é esse outro que nos fala através da fala ecolálica?

- Quais os efeitos dessa fala naquele que a escuta?

Diante disso, vi desenrolar-se a minha trajetória frente à ecolalia: primeiramente como um questionamento teórico, depois como uma interrogação clínica que me confrontava com as teorizações a respeito daquelas produções, teorizações essas que, antes tão claras, agora pareciam ameaçadas e, por fim, percebi-me na interface do encontro de dois campos: o teórico e o clínico, lugar esse de onde hoje tentamos falar, interrogar, questionar, investigar. O presente estudo teve como norte os questionamentos levantados acima, embora não tenha tido a pretensão de esgotá-los.

Esta pesquisa teve como fio condutor, para a fundamentação dos seus objetivos e a análise dos seus resultados, a Psicanálise, a abordagem estruturalista da linguagem representada pelos trabalhos de três autores - Saussure, Jakobson e Lacan - de uma forma

mais geral e, de uma forma mais estrita, terá como marco teórico referencial o trabalho no campo da aquisição de linguagem de Lemos (1982). É importante destacar alguns postulados apontados por Andrade (2005) que podem ajudar a compreender porque esse corpo teórico foi escolhido como operador de leitura do fenômeno da ecolalia no autismo:

b) A psicanálise e o estruturalismo linguístico

- O sujeito não é constituído antes da sua inserção na linguagem - Esse pressuposto, nos permite pensar a linguagem como constitutiva da subjetividade saindo, portanto, da esfera de algumas abordagens cognitivistas que apresentam uma concepção instrumental de linguagem. Partindo desse referencial, pudemos incidir nosso olhar sobre a ecolalia de uma outra forma: não apenas como uma falha na comunicação, mas no sentido de que a ecolalia, enquanto manifestação linguística, poderia nos dizer algo a respeito de um sujeito.

- Quando alguém fala, o faz de uma posição subjetiva, relativa à sua estruturação psíquica. Esse seria outro pressuposto importante, já que não estamos estudando a ecolalia, de uma forma geral, mas sim, a ecolalia no autismo. Assim, poderíamos pensar que quando os autistas falam, o fazem de uma posição subjetiva.

- A posição subjetiva é dimensionada na relação com o Outro¹. O cenário estruturalista privilegia a relação do sujeito no campo do Outro para sua constituição subjetiva. Esse postulado nos levou a pensar que um espaço privilegiado para o estudo da ecolalia seria um espaço de interação. O grupo de terapia (base analítica) nos pareceu um ambiente mais adequado, em virtude do setting terapêutico ser lócus onde circulam interpretação, oferta de significantes e, sobretudo, onde existe uma aposta prévia na emergência de um sujeito.

c) A proposta de Aquisição de Linguagem de Lemos

A proposta de Lemos, além de reafirmar os pressupostos acima citados, vai mais além, trazendo para o campo da aquisição de linguagem um modelo que visa a explicar a mudança do *infans* de uma condição de não falante para uma condição de falante. Para essa

¹ A noção de Outro foi introduzida por Lacan a partir dos anos 50 e tornou-se um dos núcleos de sua teoria, em torno do qual muitos conceitos tomam forma e desenvolvem-se. O Outro é para a psicanálise lacaniana o “tesouro de significantes”, um lugar terceiro de onde vêm os significantes que fundam a posição do sujeito (LACAN, 1988). Esse Outro pode ser entendido, portanto, como o universo prévio da palavra, o lugar em que a constituição subjetiva se dá.

autora, esse processo é concebido como mudanças estruturais da posição do sujeito em relação à língua. Dessa forma, poderíamos pensar que as possíveis mudanças qualitativas advindas do campo linguístico do sujeito com diagnóstico de autismo poderiam estar implicando numa mudança da sua posição subjetiva frente à língua.

Vale ressaltar ainda, que a escolha da teoria de Lemos pode nos levar a uma articulação entre o campo da aquisição da linguagem e da patologia da linguagem. A nossa tentativa foi estabelecer um diálogo teórico que para Lier-De-Vitto (2004) seria um bom encontro, caracterizável pela recusa da aplicação ou adesão/submissão do modelo de Lemos na aproximação com a fala sintomática. Esse diálogo teórico consiste na possibilidade de que os conceitos dessa autora possam funcionar como operadores de leitura da singularidade sintomática da ecolalia e produzir diferenças. Portanto, não foi nosso objetivo realizar uma aplicação instrumental-descritivo da proposta de Lemos para realizar uma leitura da ecolalia.

Para Fonseca (1995), as investigações relativas às patologias e à clínica da linguagem têm relação com a teorização desenvolvida na proposta em aquisição de linguagem conforme Lemos (1982, 1986, 1997, 2002), na medida em que esta ocupa nas palavras de Lier-De-Vitto: “a posição de outro na lida com essas falas ditas patológicas. Assim, categorias ou operadores de leitura, nodais nessa proposta teórica são mobilizados para pensar diferenças- à interação, à mudança, ao erro ao outro à heterogeneidade e á interpretação” (LIER-DE-VITTO, 2003, p. 34).

Face ao exposto, o presente estudo terá por objetivo investigar as produções ecolálicas de sujeitos portadores de autismo e, num espectro mais amplo, discutir a sua posição subjetiva diante da língua. Em outros termos, pretendemos refletir sobre a ecolalia buscando explicações que não se restringissem à polaridade normal versus patológico ou correto versus incorreto, mas, a partir de dados empíricos e de uma análise aprofundada, procurar indicar singularidades, diferenças ou mudanças na fala ecolálica que poderiam estar sugerindo uma mudança na sua posição subjetiva diante da língua.

O autismo é um dos grandes desafios para diversos campos de estudo que lidam com o homem em suas diferentes dimensões: a biológica, a cognitiva e a subjetiva. Desafio porque, a cada novo caso que acompanham, o médico, o educador, o psicólogo são levados a interrogar seus saberes, repensando o alcance de seus instrumentos prático-teóricos. Assim, no confronto com o limite de suas intervenções, são levados a deixar em suspenso as certezas teóricas. Portanto, ao repensar tais certezas teóricas, podemos abrir a possibilidade de construção de um novo conhecimento, sendo esse, de fato, o papel da ciência.

Para finalizar, Guerra e Carvalho, levantam uma questão interessante: qualquer produção cujos postulados ou totalizações a tornem fechada sobre si mesma, está, na verdade, protegendo-se de uma possível angústia suscitada pela ideia de mudança ou quebra das certezas. Essa postura, entretanto, acarretaria um bloqueio à oxigenação/renovação do saber (GUERRA; CARVALHO, 2002). Assim, as autoras acima citadas ainda destacam que “Algo novo/diferente somente poderá emergir através das fendas que possam vir a ser abertas mediante o permanente movimento de se colocar em questão o estabelecido” (GUERRA; CARVALHO, 2002, p. 16). Dessa forma, colocar em questão a ecolalia nos permitiu abrir essas fendas que nos possibilitaram lançar sobre esse fenômeno um novo olhar.

Vale a pena, neste momento, fornecer uma visão geral do que será abordado em cada parte da fundamentação teórica desse trabalho. A primeira parte apresenta a concepção estruturalista de linguagem e, mais especificamente, a proposta de Lemos que nortearam a nossa análise; a segunda traz os fundamentos teóricos acerca do autismo infantil, buscando fornecer uma visão geral sobre essa síndrome, mas dando especial destaque à perspectiva lacaniana como modelo etiológico para compreensão dessa patologia; a terceira parte versa sobre a linguagem no autismo buscando delimitar o foco da nossa investigação para por fim abordar o ponto central dessa pesquisa: uma discussão sobre a ecolalia.

Com base nessa discussão, os objetivos deste trabalho serão, a seguir, retomados, visando à sua maior especificação.

2 OBJETIVOS DO ESTUDO

2.1 Objetivo geral

O objetivo do presente estudo consistiu em aprofundar a investigação das produções ecológicas de pré-adolescentes com diagnóstico de autismo, procurando discutir sua posição subjetiva diante da língua.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar de forma minuciosa as produções ecológicas desses sujeitos;
- Através dessa caracterização, tentar verificar a existência de singularidades nas produções ecológicas de diferentes sujeitos;
- Realizar uma análise dos processos dialógicos entre os pré-adolescentes e seus interlocutores, objetivando identificar mudanças qualitativas advindas do seu campo linguístico, especificamente nas suas produções ecológicas;
- Tentar estabelecer um diálogo teórico entre os campos da aquisição da linguagem e da patologia da linguagem.

Sendo o autismo um campo de estudo árido permeado por incertezas e por um diagnóstico que acentua o déficit: ausência de uma organização simbólica, de linguagem e até mesmo de subjetividade, a proposta deste estudo consistiu, portanto, numa tentativa de caracterizar várias nuances da ecolalia, tentando destacar a positividade dessa produção, procurando discutir, como já foi colocado, a posição ocupada pelo autista diante da língua.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Sujeito e Linguagem: apresentando a concepção Estruturalista de Saussure a Lacan

Tendo em vista que o objeto de análise deste estudo é a linguagem de sujeitos diagnosticados como autistas, faz-se necessário tecer considerações acerca da concepção de linguagem que fundamenta esta pesquisa e suas bases epistemológicas. O presente trabalho, de um modo geral apoiou-se na concepção estruturalista da linguagem, dando especial destaque a Lacan e a proposta de aquisição de linguagem de Lemos. Essas teorias trazem em seu bojo a concepção de sujeito da psicanálise, cindido em duas instâncias psíquicas consciente/inconsciente, sendo a relação deste sujeito com a linguagem condição crucial para constituição de sua subjetividade.

A Psicanálise apresenta concepções de sujeito e de linguagem radicalmente diferentes das concepções da linguística e das teorias cognitivas apoiadas na filosofia clássica como, por exemplo, a teoria de Jean Piaget. Este teórico trata do sujeito epistêmico, não apenas prévio, mas que ultrapassa as fronteiras da linguagem.

Piaget destaca que é através de um processo de maturação cognitiva que o indivíduo torna-se capaz de apreender a linguagem. Esse processo teria início através das ações da própria criança sobre o mundo, o que a levaria à construção do simbolismo, a capacidade de representar, de dar significados (PIAGET, 1973). Ainda dentro dessa perspectiva, é atribuída à linguagem a característica de meio de expressão. Essas colocações nos permitem afirmar que, para o sujeito piagetiano, a linguagem seria um recurso instrumental do qual ele vai tomando posse.

Poderíamos dizer, ainda, que Piaget é um teórico desenvolvimentista e que, dentro desta perspectiva, a aquisição de linguagem ocorreria quando o sujeito, com suas propriedades perceptuais e cognitivas, toma a linguagem como objeto de conhecimento, adquirindo-a paulatinamente, através de uma série de processos reorganizacionais. Esse sujeito cognitivo é, portanto, capaz de, ativamente, governar as suas próprias produções linguísticas.

Ao contrário de Piaget, Lacan destaca que a linguagem seria o eixo principal da constituição do sujeito psíquico, isto é, a criança se organizaria em torno das significações produzidas pela linguagem (LACAN *apud* LAJONQUÈRE, 1999). Para Lacan, antes mesmo de nascer, o sujeito já é objeto do discurso, do desejo e das fantasias dos pais que, por sua vez, são assujeitados às estruturas linguísticas e histórico-sociais. Explicando melhor, o conceito

de linguagem para a psicanálise, superpõe-se ao de cultura, transcendendo o ato mecânico de falar e designando a dimensão própria do humano, condição de toda subjetividade. Nas palavras de Fernandes:

Antes mesmo que uma criança nasça, aqueles que serão seus pais já pensam nela. E pensam com sonhos que lhe foram legados por sua época, por sua história, pela história dos seus próprios pais. Muito antes que um filho seja concebido, isto é, antes mesmo de geneticamente existir, dele já são esperados traços, a ele correspondem desígnios, como também sobre a sua suposta existência recaem fantasmas. Além disso, a esta criança já corresponde um nome, como também um sobrenome que a inscreve numa linhagem em relação a pais, avós, irmãos, tios etc. (FERNANDES, 2000, p. 06).

Assim, afirma Lacan: “também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (LACAN, 1988, p. 498).

Fica claro, portanto, que Jaques Lacan, dentro de uma perspectiva estruturalista, vem subverter a concepção de sujeito da filosofia clássica, um sujeito reflexivo, psicológico, que tem controle sobre si e sobre o mundo. O indivíduo não usa a língua como instrumento, é sim, assujeitado por ela. Desta forma, a perspectiva lacaniana concebe que o ser humano é constituído na e pela linguagem; somos imersos num mundo tomado de linguagem, já nascemos inseridos dentro de um universo simbólico e somos afetados por ele.

Alguns pesquisadores como, por exemplo, Lier-De-Vitto apoiam-se nessa concepção. Para esta autora, a significação não é decorrente de um mecanismo de “fora” da linguagem. Desta forma, critica Piaget que atribui o poder de significação à imagem mental ou representação, e não como algo decorrente da linguagem. Para o autor supracitado, a linguagem é força fundante não só para significação, mas para o nascimento do sujeito (LIER-DE-VITTO, 1994, p. 62).

Porém, antes de nos aprofundarmos em alguns aspectos da teoria lacaniana, faz-se necessária uma elucidação do caminho percorrido por ele e isso implica num retomo ao estruturalismo francês passando por F. de Saussure e Jakobson.

A partir de Ferdinand de Saussure, as concepções de língua e de sujeito se transformam na linguística. Tal autor surgiu como um dos maiores representantes da corrente estruturalista, fundador, não somente do estruturalismo francês, mas da linguística como ciência. A sua tentativa foi investigar ou teorizar sobre o próprio funcionamento da língua, funcionamento este, segundo ele, regulado por leis próprias. Nesta perspectiva, a língua seria um sistema autônomo e anterior ao sujeito. Saussure faz uma distinção importante entre

língua (*langue*) e fala (*parole*) que juntos compõem o amplo campo da linguagem (SAUSSURE *In*: DOR, 1995).

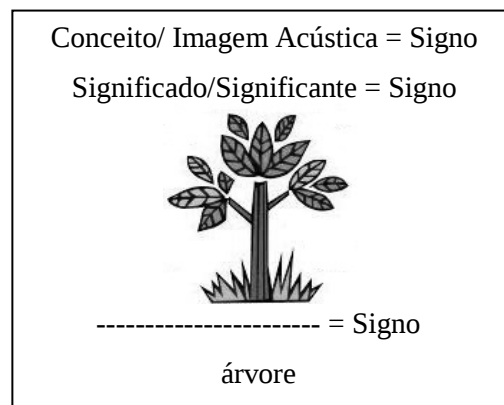
Esse pressuposto é retratado na seguinte equação: LINGUAGEM = Língua + Fala. Para Saussure, a linguagem é vista como algo abstrato, indomável, inclassificável e inobservável diretamente, sendo inferida nas propriedades da língua e da fala. A língua, para Saussure, é um sistema de signos que independe da existência e da vontade de um sujeito particular, é um código que preexiste e persiste aos falantes individualmente considerados, sendo resultado de uma série de transformações acumuladas no curso da história.

Por sua vez, a fala se refere ao puro exercício fonatório dos signos por parte do indivíduo, emitida de uma forma singular para atender aos propósitos imediatos da comunicação. Segundo Saussure: “a fala é [...] um ato individual de vontade e de inteligência” (SAUSSURE *In*: DOR, 1995, p. 57). Dentro da fala, segundo Saussure, se permite um grau maior, embora limitado, de criatividade.

Em síntese, enquanto a língua (*langue*) seria o limite, a barreira, a restrição imposta pelo código linguístico, a fala (*parole*) seria a via de acesso a uma mínima possibilidade de inovação no campo da linguagem. Para finalizar, conclui-se que a linguagem, para Saussure, enquanto a composição desses dois termos, comporta uma certa margem de liberdade, embora ela seja, certamente, limitada pelas amarras do sistema gramatical culturalmente herdado.

No início do século, Saussure rompe com a ideia de unidade linguística, como a associação de um termo a determinada coisa. Para ele, o signo linguístico une um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante) (SAUSSURE *apud* DOR, 1995). A imagem acústica é sensorial, o que não significa que ela seja o som material, ela é “marca física do som” (DOR, 1995, p. 28). O esquema Saussuriano é:

Figura 1. Esquema Saussuriano



Fonte: (CASTRO, 2002)

Para Saussure, o signo é considerado como elemento fundamental do sistema da língua e possui certas propriedades: 1 - é arbitrário (não há ligação natural na realidade entre o significado e o seu significante); 2 - é imutável (uma vez escolhido, impõe-se à comunidade linguística); 3 - pode ser alterado (dependendo do fator tempo, quanto à prática de uma sociedade); 4 - é linear (a língua desdobra-se numa direção orientada pela estrutura).

Ainda no que se refere a Saussure, esse autor concebe a língua como um sistema de relações em que nenhuma unidade se define relativamente a si própria, mas só na relação com os demais, o que ele chama de Teoria de Valor (SAUSSURE *apud* FARIA, 1997). Para Saussure, o funcionamento da língua está baseado nas relações sintagmáticas e paradigmáticas. As primeiras são fundamentais para a fala, sendo o valor de uma palavra dado pela combinação de termos, o que requer um certo tipo de articulação entre as unidades linguísticas. No que se refere às relações paradigmáticas, há uma seleção da palavra entre outras existentes. De acordo com esta perspectiva, uma frase só terá valor se houver seleção e combinação (relações paradigmáticas e sintagmáticas) e isso ocorreria, segundo Saussure, automaticamente no sujeito falante.

Jackobson, partindo de Saussure, vem substituir sintagma por metonímia e paradigma por metáfora, propondo que o discurso se desdobra em dois tipos de processos: os processos metafóricos e os processos metonímicos. Desta forma, pode-se dizer que ele considera o sistema de linguagem em função do modo pelo qual os termos encontram-se associados: por similitude ou por contiguidade (JACKOBSON *apud* FARIAS, 1997).

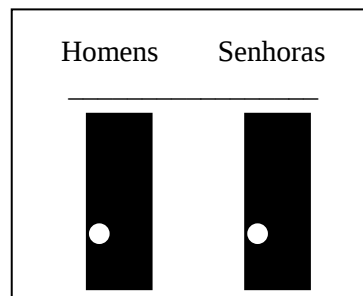
Na metáfora, os significantes são substituídos em função de uma relação de similaridade. Vale esclarecer que a metáfora não é apenas uma substituição, já que ela possibilita a emergência de um terceiro sentido. Por exemplo, quando se diz: “A menina é uma flor”, o significante flor pode estar evocando: beleza, doçura, delicadeza, fragilidade, enfim, uma infinidade de significados. Assim, esse terceiro elemento teria, portanto, um caráter de equívoco que, segundo Milner, é a possibilidade de um mesmo termo assumir mais de um sentido (MILNER, 1989). Na metonímia, os significantes são substituídos pela sua relação de contiguidade ou proximidade. Por exemplo, quando uma criança substitui o termo “alô” por “telefone”, ela o fez pela relação de proximidade destes significantes, substituindo a parte pelo todo, resultando num processo metonímico. Vale ressaltar que, tanto na metáfora como na metonímia, um significado novo emerge da relação entre os dois significantes.

Para Lacan, fica claro que Freud, na sua obra, convoca a introdução de certos conceitos da linguística no campo teórico da psicanálise. Dessa forma, ele tenta aplicar a

estratégia estruturalista no terreno da psicanálise. Assim, Lacan vem inverter a representação de signo, elaborada por Saussure: enquanto, esse último, representava o signo por significado/significante, como pôde ser visto anteriormente, Lacan passou a representá-lo por significante/significado (LACAN *apud* DOR, 1995). A barra, que separa um do outro, significaria a autonomia do significante em relação ao significado, o que, mais uma vez, se contrapõe à concepção Saussureana, pois, este concebia essas duas entidades como indissociáveis; daí a sua famosa metáfora “a língua é comparável uma folha de papel” (DOR, 1995, p. 30), isto é, não se pode cortar um lado se não cortar o outro também.

Segundo Garcia-Roza, Lacan, faz a seguinte ilustração:

Figura 2. Significantes “homens” e “Senhoras”, de Lacan



Fonte: (GARCIA-ROZA, 1997).

Esse autor mostra, nessa ilustração, que, no lugar do significado, estão duas portas absolutamente idênticas separadas dos significantes “Homens” e “Senhoras” por uma barra. Nesse caso, é a oposição entre significantes que irá produzir a diferenciação de significados. Com isso, Lacan faz uma crítica a Saussure e mostra o que ele chama de primazia do significante: esse último não tem por função representar o significado, mas, ao contrário, o precede e o determina. Dessa forma, para Lacan, o significante não está colado a um significado tal como propusera Saussure. A ideia de que relação significante-significado é sempre fluida, prestes a se desfazer, resultou no conceito lacaniano de Ponto de estofo: “o ponto de estofo é antes de mais nada, a operação pela qual o significante detém o deslizamento, ou seja, o significante é autônomo, pode desligar-se a qualquer momento, podendo colar-se a outros significados” (DOR, 1995, p. 39).

Ainda nesse artigo, Lacan faz uma releitura da interpretação dos sonhos de Sigmund Freud e relaciona os mecanismos de condensação e deslocamento à metáfora e à metonímia, respectivamente (LACAN *apud* GARCIA-ROIA, 1997). Na condensação “uma única

representação, representa por si só várias cadeias associativas, em cuja interseção ela se encontra” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 87).

E no deslocamento, “a importância, o interesse, a intensidade de uma representação é suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 116).

Para Lacan, na condensação teria-se uma sobreposição dos significantes, dando origem a metáfora e, no deslocamento, a substituição dos significantes com base na contiguidade, seria o equivalente a uma metonímia.

Com isso, os ensinamentos de Lacan conclui que os mecanismos apontados por Freud como responsáveis pela elaboração onírica, são mecanismos de linguagem, colocando, ainda, que esses mecanismos não se restringem aos sonhos, mas vão ser apontados como mecanismos fundamentais do inconsciente em geral. A metáfora e a metonímia vão fornecer a tópica do inconsciente, daí surge um dos pilares do seu pensamento: O inconsciente é estruturado como linguagem, isto é, os funcionamentos que regem a língua (metáfora e metonímica) estruturam o próprio inconsciente.

A apresentação desses conceitos torna-se necessária para se compreender as bases teóricas que sustentam a concepção de linguagem que fundamenta esta pesquisa. No que se refere à ecolalia no autismo, objeto dessa investigação, a concepção estruturalista de linguagem nos parece muito útil, pois, norteadas por esses princípios, pudemos incidir nosso olhar sobre a ecolalia, não apenas como uma falha na comunicação, como colocam algumas abordagens cognitivistas, mas como um fenômeno de linguagem que, enquanto tal, pode nos dizer algo desse sujeito.

Dentro de uma linha estruturalista e apoiando-se na concepção de sujeito psicanalítico, Lemos apresenta um modelo teórico de aquisição da linguagem que será de fundamental importância para este estudo, como já foi colocado anteriormente. É a respeito disso que nos propusemos discutir a seguir (LEMOS, 2003).

3.2 A Proposta de Lemos

Seguindo a concepção de sujeito da psicanálise, Lemos também vem apontar para o caráter constitutivo da linguagem, ou seja, que não há realidade anterior à linguagem, o

mundo empírico, objetos pessoas e acontecimentos ganham significado e existência na e pela linguagem. Diante disso, evidencia-se que essa ideia opõe-se ao sujeito prévio piagetiano.

A proposta de Lemos (1997, 1999, 2000) surge após o fracasso da tentativa de Noam Chomsky em descrever uma gramática universal da criança, o que se revelou impossível, dadas as características essenciais dessa fala caracterizada, sobretudo, por uma indeterminação que compareceria em sua superfície na forma de erros, enunciados insólitos e repetições, não passíveis, portanto, de uma previsão por uma gramática (LEMOS, 1981).

Lemos chama atenção para o fato de que as diferentes propostas teóricas no campo da linguística e psicolinguística têm respondido a muitas questões acerca da língua, entretanto, mostram-se insuficientes no que se refere à compreensão do processo de aquisição de linguagem pela criança, mais especificamente na explicação das mudanças que ocorrem na fala da criança quando essa passa de uma condição de não falante para uma condição de falante. Segundo discute a autora, o desenvolvimento linguístico tem sido definido como um processo de aprendizado ou de construção de um conhecimento requerido para a criança se tornar um falante nativo de uma determinada língua. Essa definição, entretanto, trataria a língua como um objeto externo que pode ser parcelado numa teoria de estágios. Tal definição refere-se à postura cognitivista e opõe-se à compreensão de Lemos a respeito do processo de aquisição de linguagem (LEMOS, 2000).

Lemos ainda destaca três evidências empíricas que se contrapõem à perspectiva da aquisição de linguagem como ocorrendo em estágios: o alto grau de heterogeneidade da fala infantil que vai se opor à ideia de homogeneidade, ideia essa que evidenciaria um grau de conhecimento sobre a língua, possibilitando a descrição do desenvolvimento linguístico em estágios; o retorno, no enunciado da criança, de fragmentos da fala do seu interlocutor, o que impossibilitaria tratar a criança como conhecedor da língua e, por último, os erros resultantes de cruzamentos da fala do outro nos enunciados da criança, apontando para a impossibilidade de se fazer uma diferenciação entre sua fala e a do seu interlocutor adulto (LEMOS, 2000).

Partindo dessas reflexões, o mesmo autor distancia-se das concepções predominantes no campo da aquisição da linguagem e aproxima-se de alguns conceitos do estruturalismo lacaniano propondo que o processo de aquisição da linguagem seja concebido como:

Um processo de subjetivação definível pelas mudanças de posição da criança em uma estrutura, onde a língua, a fala do outro em sua total compreensão são inextricavelmente relacionadas com um corpo pulsional, isto é, com a criança enquanto um corpo cuja atividade demanda interpretação (LEMOS, 2000, p.15).

Lemos (2000), concebe que a aquisição da linguagem ocorre através do processo de mudança de posição da criança em relação à língua. Segundo a autora a criança é capturada pelo funcionamento da língua, na qual é significada e desse modo, as mudanças na fala da criança não se qualificariam nem como acúmulo nem como construção de conhecimento e sim como mudanças consequentes à captura da criança por esse funcionamento da língua.

Esta captura proposta por Lemos colocaria a criança em uma estrutura, na qual comparecem três polos: o outro como instância representativa da língua; a língua e a relação do sujeito com a sua fala. A predominância destas três instâncias (outro, língua e relação) evidencia as três posições, pelas quais a criança passa no seu percurso rumo à aquisição da linguagem. Nas palavras da autora, “[...] as mudanças que qualificam a trajetória da criança de infans a sujeito falante são as mudanças de posição relativamente à fala do outro, à língua e, em consequência, em relação à sua própria fala” (LEMOS, 1999, p. 14).

A seguir apresentaremos uma descrição sucinta das três posições apontadas por Lemos. Vale ressaltar que essas posições não podem ser entendidas como estágios, já que a concepção de posição não implica na superação de uma em detrimento da outra. O que sinalizaria que a criança estaria ocupando determinada posição seria a predominância de uma dessas formas de funcionamento o que não implicaria numa ausência de um retorno às outras.

1ª posição: Na primeira posição, há um predomínio da fala do outro, o qual é concebido como representante da língua. O que há de mais característico nessa posição é a alienação da criança e de sua fala na fala do outro. A fala da criança é composta, portanto, de fragmentos da fala materna. Nesta posição, a fala da criança espelha a fala do outro. As repetições da fala do outro deslizam e este deslizamento pode ocorrer num mesmo fragmento ou através de um processo metonímico que proporciona ligação entre os fragmentos da fala atual do adulto e outros fragmentos (também do adulto) explicitados na fala da criança. É importante salientar que, embora a criança se encontre numa situação de dependência da fala do outro, ou seja, de espelhamento dessa fala, isso não implica numa assimilação do tipo reprodutivo dos enunciados do outro, pois desde o início existe “uma língua em funcionamento o que determinaria um processo de subjetivação, o qual, por sua vez, impede que se pense em termos de uma coincidência entre a fala da criança e a fala do outro (LEMOS, 2002 p. 57).

O extrato abaixo descrito por Lemos (2002, p. 57) ilustra como se caracteriza essa primeira posição:

Ex: (criança entrega para mãe uma revista)

C - criança M - mãe

C: Ó nenê / au au

M: auaau? Vam acha o auau? Ó a moça tá tomando banho.

C: ava? Eva?

M: É, tá lavando o cabelo. Acho que essa revista não tem au au nenhum.

C: au au

M: só tem moça, moço, carro, telefone. Fica claro que a coesão e progressão do diálogo estão ancorados na interpretação da mãe

C: alô?

M: alô quem fala? é a Mariana?

Diante desse extrato, pode-se observar o retorno, na fala da criança, de partes dos enunciados da mãe. Entretanto, esse retorno permite ir além da semelhança, pois os significados da fala da criança não estão explícitos, eles convocam interpretação do outro para significá-los e permitir a coesão e a progressão do diálogo. Esta não coincidência está ilustrada no exemplo acima na relação entre os enunciados **tomando banho** na fala da mãe e **ava** na criança e entre **telefone** e **alô**, apontando para uma relação entre significantes, ou seja, para o funcionamento linguístico. As relações estabelecidas entre os termos destacados mostram como a coesão e a progressão do diálogo estão ancorados na interpretação da mãe.

2ª posição: A segunda posição constitui-se pela dominância do próprio funcionamento da língua. Neste momento, o que se coloca é o funcionamento da língua (pela criança) evidenciado no cruzamento de cadeias verbais através dos processos metafóricos e metonímicos. Ainda nesta posição, os enunciados da criança são cadeias verbais permeáveis a outras cadeias, o que faz com que ocorram deslocamentos, condensações e ressignificações. Esse movimento faz com que as cadeias decomponham-se e recomponham-se dando lugar ao aparecimento dos erros na fala da criança, mostrando a heterogeneidade da fala infantil. Esses erros (produções estranhas) são a característica primordial dessa posição. O erro evidenciaria o trabalho dos processos metafóricos e metonímicos sobre a matéria fônica. É interessante observar que esses “erros” produzidos pela criança, continuam presentes em sua fala, apesar das correções realizadas pelo adulto. Vejamos o exemplo abaixo citado por Lemos (2002) que ilustra essa posição.

Me (Bellugi): I thought you said you had a watch.

Adam: I do have one, (with offended dignity). What did you think i am a no boy with no watch?

Me: What kind of boy?

*Adams: A **no boy with no watch***

A produção acima a - *no boy with no watch* - antes de ser apenas um erro, vem pôr em evidência a existência de uma relação entre estruturas manifestas. Nesse sentido, pode-se supor que existe uma conexão entre o enunciado exposto acima e as construções negativas do inglês como por exemplo *nobody* ou *nothing*. Os erros compareceriam, nesta posição, como um índice de predominância do funcionamento da língua.

3ª posição: A terceira posição caracteriza-se pela dominância da relação do sujeito com a sua própria fala. Neste momento, os erros desaparecem, dando lugar, à presença de correções (provocadas pela fala do outro) e autocorreção na fala da criança. Assim, ter-se-ia uma maior homogeneidade da fala da criança, aparecendo os fenômenos de pausas, reformulações, correções, resultantes da interação com um interlocutor, ou seja, toda uma gama de fenômenos que têm sido descritos como indicadores de uma capacidade metalinguística. A seguir apresentamos um exemplo, também citado por Lemos (2002), que ilustra essa posição.

(Uma amiga da mãe da criança traçou no chão os quadros para ela e a criança brincarem de amarelinha, menos um)

C: criança

T: adulto

C: Quase que você não fez a amarelinha

T: O que Verrô?

C: Faz tempo que você não fez a amarelinha sua

T: O que Verrô?

C: Está faltando quadro na amarelinha sua.

Neste exemplo é possível notar que as substituições sucessivas de expressões, por parte da criança, refletem o próprio reconhecimento do seu erro. Embora essas três posições se manifestem num tempo cronológico, faz-se necessário ressaltar que a mudança de uma para outra, para Lemos, não implicaria em desenvolvimento, ou seja, em uma sequência linear e ascendente de estágios de conhecimento. Em vez disso, as posições estruturais em relação à língua não estão ausentes na fala do adulto e permanecem como possibilidade de constituição subjetiva do indivíduo por toda vida.

Para Lemos, a fala da criança, a língua e a fala do outro, compõem uma relação estrutural triádica que determina, conforme a autora propôs, as três posições explicitadas acima, para o falante. Na primeira, diz ela, a criança é falada pela fala do outro enquanto que, na segunda, ela é falada pela língua e, na terceira, ela fica no intervalo entre o que diz e o que escuta (ou seja, ela pode escutar o que diz) (LEMOS, 1997).

Em seu modelo teórico, Lemos, invoca mecanismos linguísticos para dar conta das mudanças na fala da criança. Em outras palavras, Lemos traz a língua - *la langue* - para o coração de sua teoria sobre a aquisição da linguagem. Serão os mecanismos linguísticos que responderão, também, pela subjetivação; o que quer dizer que é a língua, seu funcionamento (suas leis de referência interna), que faz recuar definitivamente o argumento de que a linguagem seja “instrumento acessório” da representação/cognição e da comunicação. É a língua que responde tanto pela possibilidade de haver fala, quanto pela de haver falante. Vem daí a noção de “captura” do sujeito pela língua, noção que se opõe decisivamente à de “apropriação” da linguagem pela criança (LEMOS, 1997).

É importante ressaltar que as teorizações de Lemos foram todas feitas tomando como referência a análise da aquisição de linguagem nas crianças sem obstáculo no seu percurso linguístico. Dessa forma, não foi objetivo desse trabalho realizar uma transposição das concepções teóricas dessa autora para o campo da patologia da linguagem, mais especificamente, para o estudo da ecolalia. O nosso objetivo foi utilizar os conceitos de Lemos como operadores de leitura da singularidade sintomática da ecolalia produzindo diferenças. Supomos que com esse corpo teórico, como suporte pudemos dar um passo adiante no estudo da ecolalia, saindo dos estudos descritivos, das polaridades correto versus incorreto e passando, por fim, a refletir acerca da relação singular do autista com a linguagem.

3.2.1 O espelhamento na proposta de Lemos e a ecolalia na fala do autista

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, consideramos de singular importância nos aprofundarmos no conceito de espelhamento proposto por de Lemos, na tentativa elaborar de levantar algumas questões acerca da verbalização ecolálica na fala do autista.

Como já foi dito acima, a partir da leitura dos processos metafóricos e metonímicos concebidos por Jakobson e reelaborados por Lacan, Lemos (1982, 1986, 1997) propõe que a trajetória linguística da criança consiste em mudanças na sua posição em relação à língua. De acordo com essa proposta, numa primeira posição, a fala da criança repete ou espelha a fala do outro/ adulto, ficando circunscrita a essa fala. Entretanto, segundo Lemos (1997) a presença de fragmentos da fala do outro, na fala da criança, somente configurará a referida posição se estiver ligada, de forma indissociável, ao reconhecimento pelo outro sob a forma de interpretação ou de atribuição de sentidos aos fragmentos, permitindo assim, a manutenção do diálogo. Explicando melhor, o reconhecimento por parte do outro desses fragmentos da

fala da criança coloca em movimento essas “repetições”, submetendo-as a urna “circulação” ou um deslizamento de “significantes” (LIER-DE-VITTO, 1994).

Cabe ressaltar que, embora a criança se encontre numa situação de dependência da fala do outro, ou seja, de espelhamento dessa fala, isso não implicaria numa assimilação do tipo reprodutivo dos enunciados do outro, pois desde o início existe uma língua em funcionamento que determinaria o processo de subjetivação da criança. O funcionamento da língua presente desde o início na fala da criança “impede que se pense em termos de uma coincidência entre a fala da criança e a fala do outro” (LEMO, 2002, p. 57).

Nas palavras da Lemos em outra obra menciona:

Os aspectos subjacentes dessa posição estrutural são reconhecíveis na identificação da criança com a fala da mãe, incorporados por ela, e na não-coincidência entre os significados da mãe e os significados da criança. Em outras palavras, semelhança e diferença são as mesmas faces de tal emergente subjetividade (LEMO, 1997, p. 16).

A partir desse momento poderíamos passar a levantar as seguintes questões: Podemos dizer que Espelhamento e ecolalia remetem, respectivamente, a repetições ditas normais e patológicas. Em comum, há o fato de que tais produções da criança serem dependentes da fala do outro. Entretanto, mesmo retendo essa característica em relação ao espelhamento, a ecolalia vem sendo descrita na literatura com uma repetição, rígida estereotipada, um eco da fala do outro.

Lemos (2001), em seu texto “Sobre Fragmentos e Holófrases” contrapõe a fala fragmentada da criança em fase de aquisição de linguagem à produção ecológica de uma criança diagnosticada como autista. A referida autora, conclui, nesse artigo, que a fragmentação seria um fenômeno que marcaria a diferença entre as repetições na fala inicial da criança e a ecolalia, em outros termos, o bloco rígido e compacto da verbalização dos autistas tornaria evidente a importância da fragmentação na fala inicial da criança, para que se dê lugar ao processo de aquisição de linguagem.

Entretanto, podemos dizer que no trabalho acima citado, Lemos não se dedicou especificamente à investigação da fala ecológica. Dessa forma, procuramos nos questionar se uma análise aprofundada sobre o fenômeno da ecolalia, poderia nos levar a um retorno ao campo da aquisição da linguagem e fazer emergir novas questões. Em outros termos, na presente investigação aprofundamos a discussão acerca do Espelhamento e da ecolalia, na tentativa de estabelecer um diálogo frutífero entre os campos da patologia da linguagem o campo da aquisição da linguagem. No próximo tópico, passaremos a uma breve discussão

acerca das falas patológicas, procurando destacar a importância de se estudá-las. Lemos (2002), no seu texto “Das vicissitudes da fala da criança e a sua investigação” chama atenção para o fato de que o estudo das crianças que de alguma forma sucumbiram ou se enredaram em sua trajetória linguística poderia trazer novas reflexões para o campo da aquisição da linguagem.

3.3 Falas patológicas: algumas considerações

Para Lier-De-Vitto (2004), as falas sintomáticas parecem estar à margem das reflexões linguísticas, enfatizando que são poucos os centros de estudos da linguagem que se ocupam em refletir e investigar essa questão. Segundo Jakobson, na metade do século XX, faz a seguinte afirmação: “a ciência da linguagem passa em silêncio (frente a elas) como se as perturbações da fala nada tivessem a ver com a linguagem” (JAKOBSON *apud* LIER-DE-VITTO, 2004, p. 35). Lier-De-Vitto (2004), ainda estende as suas reflexões, tentando compreender porque as falas patológicas têm sido marginalizadas ou ignoradas pelos linguistas.

Segundo essa autora, parece existir um ideal do linguista de homogeneidade / universalidade, tal ideal tem como representante emblemático as gramáticas. A autora ressalta ainda que não se trataria de recusar a importância de se estudar a gramática, visto que toda língua já se mostrou passível de gramatização. O ponto discutido por Lier-De-Vitto é que as regras gramaticais acabam por adquirir o estatuto de “normas de conduta”, tal estatuto, deixa de fora a diversidade e a indeterminação das manifestações da fala. Dentro das polaridades certo versus errado, possível versus impossível, vários elementos deixam de ser examinados, inclusive as falas patológicas, que são atiradas para o campo da clínica (LIER-DE VITTO, 2004).

Baseando-nos nas reflexões de Lier-De-Vitto poderíamos pensar que a ecolalia, como um sintoma é colocada fora do escopo da Linguística e de suas subáreas. Entretanto, acreditamos assim como, essa autora que as falas patológicas podem estabelecer um diálogo com o campo dos estudos linguísticos, justificando, portanto, nosso estudo. Em outros termos, ao acolhermos a ecolalia, enquanto, questão a ser investigada, estaríamos tentando elevá-la ao estatuto de fenômeno linguístico que merece maiores investigações.

Essa aproximação das falas patológicas com a linguística pode ser justificada a partir das considerações de Jakobson quando ressignifica os eixos sintagmáticos e paradigmáticos

de Saussure como processos metafóricos e metonímicos, afirmando que tais mecanismos ganhariam o estatuto de leis de composição interna da linguagem, Jakobson ainda coloca que essas leis seriam extensivas a qualquer manifestação da fala, inclusive à patológica. Assim, Lier-De-Vitto (2004) acrescenta que a fala patológica, apesar de possuir uma assistemática, ainda é regulada por leis da linguagem.

Outra questão ser levantada por Lier-De-Vitto (2004) que nos pareceu interessante para esse trabalho é que, para essa autora, ao estudarmos a fala patológica devemos levar em consideração a subjetividade, já que esta não é dissociável da língua /fala, dentro de uma perspectiva estruturalista. Essas reflexões nos ajudam nesse trabalho por dois motivos principais: o primeiro deles é que, a ecolalia, enquanto manifestação de fala, precisa de estudos que tentem uma aproximação com a linguística. E o outro é que, dessa forma, faz-se levar em consideração o eixo da subjetividade do autista como um ponto que deve ser abordado no estudo da ecolalia. Portanto, essa investigação parte, como se vê, de uma necessidade de entender melhor a ecolalia, de “apreender o modo de presença de um sujeito nessa linguagem” (LIER-DE VITTO, 2004, p. 10).

Para tanto, arregimentamos um conjunto de discussões sobre a ecolalia no autismo, elegendo, para isso, um corpo teórico em que a língua e subjetividade fossem categorias envolvidas (Psicanálise e Estruturalismo Linguístico). Tendo como norte a questão levantada por Lier-De-Vitto, ou seja, necessidade de levar a subjetividade em consideração para se compreender a ecolalia, o próximo capítulo trará uma reflexão acerca do autismo com o objetivo de fornecer ao leitor uma maior compreensão acerca dessa patologia.

3.4 O Autismo Infantil

O termo autismo foi introduzido na literatura psiquiátrica em meados de 1906 por Ploullher, em referência ao fato clínico de pacientes com diagnóstico de demência precoce referirem a si mesmos tudo o que acontecia em sua volta (STEFAN *In*: LASNIK-PENOT, 1991). Após sua introdução inicial, o termo ganhou consagração definitiva na psiquiatria em seu uso por Bleuer que considerava a sintomatologia do autismo inserida no quadro das esquizofrenias, referindo-se ao fracasso do paciente nas relações interpessoais e ao seu isolamento em um mundo rico de fantasias.

Entretanto, a delimitação e o estudo científico do autismo começaram com um extenso informe publicado em 1943, por um psiquiatra austríaco chamado Leo Kanner. Esse

autor descreveu com precisão o caso de onze indivíduos que apresentavam um quadro de distúrbio do desenvolvimento caracterizado principalmente por: uma incapacidade para estabelecer relações com as pessoas; um amplo conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem; uma “insistência obsessiva” em manter o ambiente sem mudanças (estereotipias). Nas palavras de Kanner:

Não se trata, como nas crianças ou adultos esquizofrênicos, de uma ruptura de relações previamente estabelecidas; não se trata de um ‘retraimento’ sucedendo-se a uma participação. Existe, inicialmente um fechamento autístico extremo que sempre que possível, faz com que a criança, negligencie, ignore, ou recuse tudo o que lhe vem do exterior (KANNER *In*: ROCHA, 1997, p.156).

Nesse artigo, Kanner descreve detalhadamente essas onze crianças (oito meninos e três meninas) que apresentavam sintomatologia com certas peculiaridades. Segundo o autor, elas falhavam em assumir uma postura antecipatória e preparatória ao serem pegadas pelos pais e não mudavam de posição ou fisionomia quando os pais, após estarem horas fora de casa, tentavam conversar com elas ou segurá-las no colo. Segundo descreve Kanner, essas crianças não eram capazes de se moldar ao corpo de quem as segurava, até a idade de dois ou três anos (KANNER *In*: ROCHA, 1997).

Oito das onze crianças adquiriram habilidade para falar na idade usual ou com um pequeno atraso, mas, segundo Kanner, não usavam a linguagem com o propósito de se comunicar e apresentavam uma incapacidade de formar frases espontaneamente. O autor também observou que havia uma marcante dificuldade na criação de atividades espontâneas e que o comportamento da criança era governado pela manutenção da “mesmice” que ninguém, a não ser a própria criança, poderia interromper em raras ocasiões (KANNER *In*: ROCHA, 1997).

O autor acima citado ainda descreveu o relacionamento dessas crianças com outras pessoas como muito diferente. Seus pais se referiam a elas como se fossem “autossuficientes”, “conchas” “felizes quando deixadas sozinhas”. As crianças mostraram um extremo isolamento desde o início da vida, não respondendo a qualquer estímulo que viesse do mundo exterior, entretanto, fisicamente, pareciam essencialmente normais. Kanner concluiu o artigo dizendo supor que essas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de constituir biologicamente o contato afetivo habitual com as pessoas, “assim como outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais inatas” (KANNER, 1997, p. 171).

Sabe-se que a descrição de Kanner influenciou de maneira decisiva a formulação dos critérios diagnósticos para o autismo infantil das modernas classificações diagnósticas em

psiquiatria. Na classificação do DSM.IV, (Manual de Diagnóstico das Doenças Mentais) o autismo está localizado dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. A classificação CID 10 (Código Internacional das Doenças), da mesma forma, fala da síndrome como um transtorno global do desenvolvimento, caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado, o qual deve se manifestar antes da idade de três anos e apresentar uma perturbação característica das interações sociais, comunicação e comportamento.

Os números de incidência do Autismo Infantil divulgados por diversos autores variam muito, à medida que cada autor obedece e/ou aceita diversos critérios de diagnóstico, de tal forma que o que para uns é Autismo Infantil, para outros não é. De qualquer forma, os índices atualmente mais aceitos e divulgados variam dentro de uma faixa de 5 a 15 casos em cada 10.000 indivíduos, dependendo da flexibilidade do autor quanto ao diagnóstico. Porém, independentemente de critérios de diagnóstico, é certo que a síndrome atinge principalmente crianças do sexo masculino sendo as taxas de incidência desse transtorno quatro a cinco vezes superiores para esse sexo (TAMANAH; PERISSINOTO; CHIARI, 2008).

3.4.1 Algumas considerações sobre a etiologia da síndrome

O campo de estudos do autismo é marcado por uma ferrenha polêmica envolvendo os partidários de uma etiologia orgânica de um lado e por outro os defensores de uma causa psicogênica. Segundo Carvalho e Avelar (1998), é possível observar a existência de várias hipóteses com relação aos fatores desencadeantes do autismo, contudo, até o momento, não se reuniu evidências suficientes para comprovar nenhuma delas. É possível apenas apreender das mesmas que uma multiplicidade de fatores pode conduzir a uma síndrome autista, mas qual (ou quais) deles, e em que etapa do desenvolvimento isto acontece, continua sendo uma pergunta sem resposta.

Se por um lado existe, uma ampla literatura que vem apontando para fatores psicológicos associados ao aparecimento da síndrome, por outro existem estudos na neurobiologia e na genética que fornecem, também, alguns indicadores importantes, entretanto nada de natureza conclusiva.

[...] Não (haja) portanto até hoje um marcador biológico que possa ser considerado específico mesmo naqueles casos em que anormalidades biológicas (estejam) presentes, o estabelecimento de uma relação causal entre elas e o quadro de autismo não pode ser ainda afirmado na maioria dos casos (SCHAWAETZMAN, 1995, p. 19).

A extensa literatura de pesquisas neurobiológicas do autismo infantil tem apontado para a relação da síndrome com alterações biológicas, a saber: fatores genéticos; fatores pré, peri e pós natais; fatores imunológicos; anatomia patológica; neurotransmissores e anatomias neurofisiológicas que devido aos objetivos desse trabalho não serão aprofundadas.

3.4.2 O que a psicanálise nos diz sobre o Autismo?

A psicanálise tem se colocado numa posição de destaque nas teorizações concernentes ao Autismo. Coube a ela o primeiro registro de criança autista em atendimento, o caso Dick atendido por Melaine Klein. Entretanto, pode-se dizer que as teorizações da psicanálise também são polêmicas e sujeitas a confrontos e a falhas. Apesar disso, ela apresenta elementos significativos para reflexão sobre a síndrome. Vários psicanalistas teorizaram sobre o autismo, entretanto, o presente trabalho dará especial destaque à perspectiva lacaniana do autismo, por esta propiciar uma compreensão dos fenômenos inaugurais de constituição do sujeito humano e a sua relação com a linguagem.

Ao teorizar sobre o processo de constituição subjetiva, Lacan propõe que a fase se do espelho era o momento inaugural da constituição do ser humano. Tal fase se situa entre os seis e os dezoito primeiros meses de vida do bebê (LACAN *apud* DOR, 1995). O ser humano é, fundamentalmente, um ser de relação, desse modo, o eu se constituirá a partir da relação com o Outro Primordial. Esse Outro é, no pensamento lacaniano, uma presença real que responde a uma função simbólica. Explicando melhor, o bebê precisa de um olhar que o confirme, que lhe dê uma identidade e lhe diga quem é, viabilizando, assim, o seu ingresso no universo simbólico. Portanto, dentro desta perspectiva, para se subjetivar, é necessária a inserção da criança na linguagem e essa operação somente se efetiva através de uma presença real, encarnada num semelhante lugar normalmente ocupado pela mãe (mas não necessariamente).

No chamado estádio do espelho, a estruturação do eu irá depender da identificação primordial da criança com a sua própria imagem, o que acabará com a vivência singular designada por Lacan como fantasma do corpo esfacelado, através da qual a criança experimenta o seu corpo como algo disperso, não unificado.

Como destaca Dor, a fase do espelho, na concepção lacaniana, ocorrerá, basicamente, em três tempos que pontuam a conquista progressiva da imagem do corpo pela criança. No primeiro tempo, há uma confusão entre si e o outro, ou seja, inicialmente, a criança percebe a imagem do seu corpo como de um ser real de quem ela busca uma

aproximação ou apreensão. Isso se confirma pela relação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes. Nesse momento, fica claro que é no outro que a criança se vivencia: “A criança que bate diz ter sido batida, a que vê a outra cair, chora” (LACAN *apud* DOR, 1995, p. 79), o que mostra um assujeitamento da criança ao registro do imaginário. No segundo momento, a criança descobre que o outro do espelho não é um outro real, mas sim, uma imagem. Desse modo, ela passa a distinguir a imagem do outro, da realidade do outro. O terceiro momento, mais importante, dialetiza os dois que o precederam, pois a criança não só está ciente de que o reflexo no espelho é uma imagem, mas se reconhece através dela, recuperando assim a dimensão do corpo esfacelado.

Stefan aponta que, para Lacan, o estádio do espelho é um “momento mítico inaugural, a partir do qual um corpo vivido como fragmentado é antecipadamente constituído num semblante de totalidade e maturação” (STEFAN *In*: LASNIK-PENOT, 1991, p. 23). A imagem desse corpo é decisiva para a estruturação da identidade do sujeito, sendo através dela que ele realiza sua identificação primordial. A partir do exposto, apreende-se que a fase do espelho simboliza a pré-formação do eu e pressupõe, em seu princípio constitutivo, a alienação² no imaginário.

Todo esse processo, portanto, desembocará na emergência de um sujeito. Todavia, a criança somente entrará na fase do espelho (e depois no Complexo de Édipo), se houver, num primeiro momento, o olhar do Outro Primordial. O não olhar desse Outro - e um consequente fracasso na instauração da fase do espelho - acarretará, segundo a perspectiva lacaniana, na melhor das hipóteses, dificuldades da criança no nível da relação especular com o outro, ou poderá desembocar em algo infinitamente mais grave: uma síndrome autística.

Assumindo uma perspectiva lacaniana, Jeruzalinsky afirma que a mãe do autista é uma turista do desejo, pois o seu objeto de desejo - seu filho - está fora do seu olhar. Em outras palavras, essa mãe seria como um turista que, ao se posicionar para uma fotografia de determinado monumento, volta suas costas para ele. Nessa perspectiva, estar fora do olhar do “Outro” implica estar fora do simbólico. O olhar aqui referido significa investimento libidinal e a não instalação da relação especular, por conta da ausência desse olhar, poderá acarretar patologias que traduzem a não instalação da relação simbólica fundamental: fala-se, portanto, de uma síndrome autística (JERUZALINSKY, 1993).

² Operação de alienação aqui tomada como um posicionamento da criança a partir do qual ela confunde-se com o Outro, confundindo-se, em última instância, com o objeto de desejo desse Outro materno. Tal operação é tomada, na psicanálise lacaniana, como essencial para o ingresso na experiência do espelho e, consequentemente, é um posicionamento primordial para o ingresso do simbólico (SILVEIRA, 2003).

Para o autor acima citado, enquanto a mãe do psicótico não deixa de contemplá-lo, em função de ser essa criança a representação real do seu falo, falta na criança autista o olhar dessa mãe, esse primeiro olhar que lhe outorga uma identidade. Colocando em outros termos, na psicose há uma falha no tempo de ausência desse olhar, aprisionando o sujeito no campo da alienação. Já no autista, haveria uma falta fundamental da própria presença original do Outro. Segundo Lasnik-Penot, mesmo para haver uma ausência, é preciso que antes tenha havido uma presença e é essa presença que falta no autista, colocando-o numa fase anterior à psicose (LASNIK-PENOT, 1991).

Para entender melhor a diferença entre autismo e psicose, podemos recorrer a Lacan quando no seu seminário XI, define a alienação e a separação como as duas operações constituintes do processo de causação do sujeito, para Lacan esses dois processos são viabilizados pelo Outro. Na alienação o sujeito dá o primeiro passo no campo pré-existente do Outro (tesouro de significantes), servindo-se dos significantes que ele lhe oferta enquanto que na separação recobrem-se duas faltas: a do sujeito e a do Outro. A esse respeito, Nasio discute que tal corte - separação - é operado, em geral, pelo pai, como representante da lei da proibição do incesto (NASIO, 1989). Dessa maneira, tal operação se dá, conforme aponta o autor acima citado, tanto no Outro materno, quanto no filho, já que ela incide, segundo o autor, sobre o vínculo mãe-filho e acrescenta:

Ao lembrar à mãe que ela não pode reintegrar o filho em seu ventre, e ao lembrar ao filho que ele não pode possuir a mãe, o pai castra a mãe de qualquer pretensão de ter o falo e, ao mesmo tempo, castra o filho de qualquer pretensão de ser o falo da mãe (NASIO, 1989, p. 37).

Dessa maneira, estão postas as duas faltas acima referidas: a falta do Outro Materno que se vê impossibilitado de aprisionar o filho no lugar de falo, objeto de desejo, e a falta inscrita no filho que se vê impedido de assumir tal lugar, essa operação realizada pela figura paterna é a chamada operação de separação, que abre para a criança a saída da alienação.

Jeruzalinsky coloca que a psicose estaria situada antes da operação de separação, dessa forma o psicótico encontra-se aprisionado no campo da alienação. Já no que tange ao autismo, como já foi dito, haveria uma falha na existência do olhar do Outro, haveria uma ausência desse primeiro olhar primordial (JERUZALINSKY, 1993). Soler, outra autora psicanalista, baseando-se nas duas operações de causação do sujeito descritas por Lacan, faz a seguinte assertiva acerca do autismo: está situado “num aquém da alienação, uma recusa de entrar, um permanecer na borda, [...] num aquém do limite de toda a simbolização” (SOLER

In: ALBERTI, 1999, p. 10), pressupondo, por conseguinte, um fracasso da constituição subjetiva.

Voltando a Jerusalinsky, para este autor, a psicose e o autismo seriam estruturas diferentes porque, num caso, opera-se o mecanismo da forclusão do Nome do Pai (psicose), havendo uma inscrição no sujeito, mas fracassando a instauração da função significante. Já no caso do autismo, trata-se da exclusão, pois não há inscrição do significante primevo no sujeito; no lugar onde deveria estar a inscrição encontra-se o Real, na concepção lacaniana, ou seja, a ausência de inscrição. Assim, diante da demanda do Outro, a criança autista, só poderia se colocar numa posição de repetição da exclusão. Diante disso, diz Jerusalinsky: “o que lhe outorga seu ser é ficar de fora de um universo que ativamente o exclui, seja porque os outros não param falar, embora ele não compreenda, seja porque a fala dos outros não reserva para ele um lugar” (JERUZALINSKY, 1993, p. 65).

O fracasso do tempo da alienação na constituição do sujeito equivale a um fracasso na constituição da imagem corporal, pela ausência do olhar na relação especular com o outro, o que, em última instância, resultará num fracasso da constituição do eu (sujeito).

Lacan analisou Dick, uma criança autista, atendida por Melanie Klein, anteriormente mencionada. Para o referido autor, nessa criança, não teria havido identificação primeira. Por isso, Dick viveria num mundo não humano e, portanto, não seria um sujeito (LACAN, 1986). Passaremos agora a uma breve introdução sobre o mencionado caso.

Dick tinha quatro anos quando foi atendido por Melanie Klein. O amor era estranhamente ausente na sua família, não havia calor humano em torno dele, nenhum gesto de afeição, por parte dos seus pais. “Um meio pobre de amor, relações imediata e profundamente perturbadas, sofrimentos corporais: foi este o mundo hostil em que Dick se viu mergulhado e no qual continuou a se debater” (GARCIA-FONS; VENEY-PEREZ *In: NASIO, 2001, p. 71*).

Segundo Garcia-Fons e Veney-Perez, o menino tinha tudo de um extraterrestre: era como se pertencesse a uma outra realidade; ficava ausente para as pessoas e objetos que o cercavam e que, para ele, eram como transparentes, desprovidos de sentido. Será que isso, entretanto, permite se falar em uma não humanidade de Dick como afirmara Lacan?

Contrapondo-se, de algum modo, ao argumento lacaniano - mas se apoiando no próprio Lacan (1986) - Brunetto (*In: ALBERTI, 1999*) vem realçar que Melanie Klein, analista que trata o menino, fala com ele, dá nomes, o nomeia e, sobretudo, interpreta a

brincadeira que ele costumava realizar (o trem que entrava no túnel). De certa forma, tal fato colocaria Dick como participante de um universo simbólico e, nesse sentido, para Brunetto, o autista não estaria situado num limbo, num momento não humano, fora da linguagem. Para a referida autora, Lacan (1988) afirma que, embora os autistas não respondam, eles escutam a si mesmos e os define como personagens bastante verbosos. A partir disso, Brunetto (*In: ALBERTI, 1999*), assinala que, embora os autistas não respondam, não deixam de estar inseridos na linguagem.

Conforme pudemos discutir em outro momento deste trabalho, Lacan (*apud LAJONQUIÈRE, 1999*) destaca a linguagem como principal eixo de constituição do sujeito psíquico. Ainda segundo esse autor, a criança nasce imersa num mundo simbólico, um mundo de linguagem que lhe é anterior e ao qual ela está sujeita. Diante disso, passamos a nos questionar: como seria possível um ser humano estar fora da linguagem se nela já nasce imerso? Como seria possível falar em uma criança completamente fora de um funcionamento simbólico que é anterior ao seu próprio nascimento?

Dessa forma, embora estejamos utilizando a psicanálise lacaniana como um dos marcos teóricos para a nossa análise, concordamos com o pensamento brunettiano, acima exposto, pois acreditamos que a criança autista não está fora do campo da linguagem.

3.4.3 As concepções do autismo: algumas questões para um debate e algumas controvérsias

O que é que essas crianças têm? Vocês só falam o que elas não têm! (CAMPELLO *apud* CAVALCANTE; ROCHA, 2001, p. 3).

Pode-se perceber que o universo teórico que compõe o autismo infantil que vai desde a psiquiatria até a psicanálise, parece atravessado por concepções que acentuam o déficit, a insuficiência, a ausência e a impossibilidade. Estar diante da lista dos traços tomados como sintomas indicadores de autismo da psiquiatria infantil, poderia nos levar a uma terrível conclusão essas crianças não possuem linguagem, não falam, não tem sentidos, não mantêm relações com as pessoas, não olham, não entendem e mais uma infinidade de “nãos” que lhes são atribuídos. A Psicanálise, por sua vez, os presenteiam com metáforas como “fortalezas vazias”, os colocam num limbo fora da linguagem, e chega a negar-lhes o estatuto de

humanidade. Diante disso podemos indagar, assim como fez Tereza Campello, afinal o que é que os autistas têm?

As narrativas construídas sobre os autistas parecem tornar difícil ou quase impossível se reconhecer nele qualquer possibilidade e como colocam Cavalcanti e Rocha (2001) essas narrativas parecem marcadas pela sua certidão de batismo a afirmação conclusiva de Kanner essa marca de incapacidade parece ser a logomarca do autismo infantil, algo que lhe destitui e incapacita.

Entretanto, a clínica do autismo nos interroga, nos surpreende, o nos impulsiona, a repensar as certezas teóricas. Dessa forma, somos convocados a de sair da posição de clínico e entrar na de pesquisador, para que possamos revisitar as teorias dando-lhes vida, dinâmica e assim depois desse exercício retornar a clínica, mas agora de forma diferente, abrindo a possibilidade para um novo olhar.

3.5 Linguagem e Autismo

Embora a linguagem se imponha como uma questão na abordagem do autismo, pode-se constatar uma escassez de estudos específicos sobre ela. As alterações na linguagem fazem parte dos critérios diagnósticos do autismo, além disso, algumas pesquisas ainda associam as dificuldades de linguagem à etiologia do autismo. A linguagem é, também, é frequentemente relacionada ao prognóstico da síndrome, ou seja, acredita-se que o desenvolvimento de algum tipo de linguagem, até os cinco anos de idade pode ser relacionado a um prognóstico favorável. Dentre o espectro de disfunções da linguagem, os aspectos semânticos comparecem com grande peso e tem originado toda uma vertente de pesquisas na área cujos resultados de forma geral localizam o déficit semântico enquanto sendo um dos elementos mais característicos dessa linguagem (BARTAK; RUTTER; COX *apud* LEBOYER In: MAZET; LEBOVICI, 1991).

Na literatura científica a aquisição da linguagem no autismo ainda se constitui um campo polêmico de investigação. De um modo geral, os autores postulam que os autistas apresentam vários tipos de dificuldades em desenvolver a linguagem, essas podem variar desde uma ausência total de linguagem até uma perda progressiva de uma linguagem já adquirida, ou ainda, ao aparecimento de alterações verbais com características bastante específicas: inversão pronominal, fala ecológica e/ou sintagmática que será especificada mais adiante.

Kanner definia a linguagem dos autistas como tendo uma marca de autossuficiência, sem valor semântico ou caráter de comunicação, ou seja, a linguagem não era utilizada por essas crianças como instrumento de comunicação destinado a receber e enviar mensagens dotadas de sentido. Para esse autor, não haveria, portanto, diferença considerável entre aqueles autistas que, de algum modo, verbalizavam e aqueles que apresentavam mutismo (KANNER, 1997).

Ainda no que se refere à linguagem no autismo, Kanner (1997), Lasnik-Penot (1997), dentre outros autores, observaram que as repetições verbais, nos autistas, possuíam um caráter rígido e estereotipado, o que não acontece com a criança que não apresenta esse distúrbio. Kanner nomeou essas repetições de fala ecológica: as crianças repetiam em eco tudo o que lhes havia sido dito. Este autor também observou que não havia dificuldades com plurais e conjugações, porém a ausência de frases espontâneas e a repetição ecológica levavam a um fenômeno gramatical: os pronomes pessoais usados pelas outras pessoas eram repetidos pelas crianças exatamente como eram ouvidos, sem alterações para se adaptarem a nova situação, inclusive, por vezes, eram reproduzidos até a entonação e o tom de voz dessas pessoas.

Segundo Cavalcanti e Rocha (2001), Kanner, nas suas teorizações sobre a linguagem no autismo, apresenta ideias contraditórias, no seu texto de 1943. Como foi mostrado acima, ele negou a capacidade dos autistas de se comunicarem e terem linguagem, utilizando, em vários momentos, a metáfora do papagaio: “Quando as frases são finalmente, formadas permanecem por um longo tempo combinações de palavras ouvidas e repetidas como um papagaio” (KANNER, 1997, p. 159).

No entanto, três anos depois, retorna à questão da linguagem, num artigo de 1946, e sugere que não se pode afirmar a ausência de sentido da linguagem na síndrome do autismo infantil precoce chegando a afirmar uma “inacreditável capacidade poética e criadora” dessas crianças, destacando que a linguagem dos autistas é metafórica e seus processos linguísticos não diferem dos empregados por pessoas normais. Nesse artigo, Kanner, também enfatizou que, embora as produções parecessem sem sentido, era se preciso resgatar o contexto na qual ela emergiu e afirma que essas palavras ou frases tiveram um sentido quando foram originalmente pronunciadas e só depois se tornam incompreensíveis fora deste contexto.

Lasnik-Penot (1997) aponta essa posição contraditória, sugerindo que poderíamos falar em dois Kanner: um que nega a linguagem ao autista e outro que afirma a linguagem dessas crianças, definindo-a como metafórica. Essa autora pontua, porém, que esse segundo

Kanner parece ter sido relegado ao esquecimento e o primeiro teria marcado decisivamente várias teorias, ao longo de cinquenta anos.

Entretanto, concordamos com Cavalcanti e Rocha (2001) quando afirmam que nunca existiu dois Kanner, existia um Kanner que transita o tempo todo entre duas posições: presença ou ausência de linguagem. Pode-se pensar que essa contradição de Kanner era imposta pela observação clínica das crianças que surpreendiam e traziam questionamentos ao conceito de autismo apreendido pela via da deficiência, insuficiência ou falta de comunicação e linguagem. Dessa forma, a discussão proposta neste trabalho encontra lugar no cerne da contradição de Kanner presença/ausência de linguagem. Entretanto, esse estudo não pretendeu problematizar essa questão, tomando como referencial posturas dicotômicas normal versus patológico, presente versus ausente, o que pretendemos, por outro lado, é por em questão a relação singular que o autista estabelece com a linguagem.

O referencial psicanalítico e a teoria de Lemos tornam-se importantes para se estudar a linguagem no autismo por considerar a linguagem não apenas como instrumento de comunicação, tal como propõem as abordagens cognitivistas, mas por a conceberem como crucial a indissociável: relação da linguagem na constituição da subjetividade. Face ao exposto, pode-se dizer que a ecolalia emerge como questão que poderá pôr em discussão a posição subjetiva do autista diante da língua.

3.6 Levantando questões sobre a ecolalia

Antes de dar início a este capítulo recorreremos à mitologia grega, como fazia Freud, buscando nela elementos interessantes para uma análise. O texto apresentado abaixo foi extraído do Livro de Ouro da Mitologia:

Havia uma ninfa que tinha uma história muito infeliz. Seu nome era Eco, era uma moça tagarela que falava sem parar. Zeus, o pai dos deuses gregos, sempre buscando um modo de enganar Hera, sua esposa, para que pudesse estar com qualquer ninfa ou mortal que lhe chamasse a atenção, mandou que Eco fizesse companhia a Hera e assim a distraísse. Hera percebeu a artimanha depois de algum tempo e como era seu costume se vingou na pobre ninfa. Hera fez com que Eco nunca mais conseguisse articular nenhuma frase, ela só poderia repetir as últimas palavras de qualquer frase que ouvisse. Eco era apaixonada por Narciso, um dia ela o seguiu a uma caçada onde, por infelicidade ele se perdeu dos amigos que caçavam com ele e começou a gritar à procura: ‘Ninguém me escuta?’ ‘Escuta’, repetiu Eco, mas ele não a via porque ela estava escondida, com vergonha de tê-lo seguido. Então ele gritou aos amigos, pensando que eles que lhe responderam: ‘Vamos nos juntar aqui’[...] E Eco: ‘Vamos nos juntar

aqui'[...] e, perdendo a timidez e a vergonha, apareceu de braços abertos para ele. Mas, ele a repeliu dizendo que preferiria a morte a ficar com ela. Eco ficou tão triste e deprimida com a recusa dele que deixou de se alimentar e foi definhando até se transformar em um rochedo. Apenas sua voz permaneceu, da mesma maneira que estava após a maldição de Hera: só repetia as últimas palavras do que era dito perto dela (BULFINCH, 2000, p. 43).

Apesar do mito apresentar uma explicação muitas vezes denominada fantástica ou ilusória, não há como negar sua forte carga de imagens, símbolos e alegorias capazes de penetrar na mente humana, justificando sua apropriação pela Psicanálise. Dessa maneira, podemos tentar fazer uma analogia do mito aqui apresentado com a questão que norteia esse estudo. Eco fora punida por Hera e teve sua linguagem usurpada; estava aprisionada num circuito de repetição, condenada a uma fala vazia e desabitada. Pode-se perceber que a fala de eco se apresentava numa mesmice perturbadora que para Narciso, era equivalente à própria morte. Voltemos ao presente, especificamente para o universo teórico que compõe o autismo, onde podemos encontrar vários elementos que estão subjacentes a essa história: expiação, condenação, impossibilidade, rejeição, ausência de comunicação, morte subjetiva. Parece-nos que, atualmente, nas narrativas psicanalíticas e psiquiátricas, o autista estaria fazendo alusão a essa rocha em que Eco se transformara, aprisionado em sua fala ecolálica. Essa última provocando no outro que a escuta, assim como em Narciso, um efeito de morte.

Entretanto, assumimos, nessa investigação, que toda a fala é uma demanda para o outro, o outro legitimará essa fala só após reconhecer nela uma posição de demanda. Poderíamos pensar na etimologia do “termo repetição que parece evocar um pedido de demanda” (OLIVEIRA, 2001, p. 18). É nesse sentido que a presente investigação pretendeu reconhecer na ecolalia do autista uma demanda de interpretação. Esse foi, portanto, o nosso desafio.

Oliveira fez um estudo intitulado “Ecolalia: quem fala nessa voz?”, no qual, uma de suas conclusões foi a de que não existiria demanda para o outro na ecolalia. Parece-nos que a resposta para a pergunta título dessa investigação seria, portanto, negativa, ao ponto de supormos que ninguém falaria nessa voz, haja vista que onde não há demanda, não há sujeito. Essa pesquisa, porém, caminhou na contramão das suposições do citado autor, propondo uma abertura de significação para a linguagem dos autistas e, mais especificamente, para a ecolalia. Supomos que essa voz não seja vazia, nem desabitada, ao contrário, ela comporta uma subjetividade. Assim, supomos que a ecolalia, enquanto manifestação da fala, possui

uma demanda de interpretação e, por isso, emerge dentro do campo das patologias da linguagem como questão teórica que merece maiores investigações (OLIVEIRA, 2001).

Neste capítulo, pretende-se levantar questões acerca da ecolalia, chamando atenção para o aspecto polêmico que a envolve incluindo desde a sua conceituação, caracterização até sua etiologia. Na literatura, o médico Itard é mencionado como quem primeiramente definiu o termo ecolalia como “eco na fala” em 1825 (ITARD, 1885).

Sabe-se que a grande maioria dos estudos presente na literatura tende a abordar questões como etiologia, tipologia, nosografia, descrição sintomática e comparação entre normalidade e patologia, porém, poucos são os trabalhos que tentam alguma aproximação com a linguística. Dessa forma, pode-se dizer que faltam contribuições de especialistas em patologia da linguagem. Assim, questões que contemplem a relação falante-língua-fala, na ecolalia, permanecem em aberto. A questão que se coloca nesta investigação é tentar realizar uma análise da referida relação entre falante-língua-fala. Entretanto, seria importante ressaltar que, devido à complexidade das questões aqui levantadas, sabe-se da impossibilidade de esgotá-las nesta dissertação (OLIVEIRA, 2001).

Kanner concebeu a ecolalia como “a combinação de palavras repetidas como um papagaio, às vezes reditas, em eco, mas também com frequência, armazenadas pela criança e ditas posteriormente” (KANNER, 1997, p. 159). E ainda traz a ecolalia como um transtorno de simbolização definindo-as como “repetições automáticas” sem nenhuma intenção comunicativa.

Segundo Oliveira (2001), raramente se vê no Brasil trabalhos científicos que tragam uma discussão especialmente dedicada a tal acontecimento. Dessa forma, como foi dito, o fenômeno da ecolalia permanece como questão que merece maiores investigações.

Como foi visto, Kanner, pioneiro na discussão sobre autismo, afirma que a ecolalia é “repetição de frases completas” (KANNER, 1997, p. 242). Shapiro e Lucy, por sua vez, sustentam que a ecolalia em crianças autistas corresponde a “uma repetição exata de uma parte do enunciado modelo” (SHAPIRO; LUCY, 1978, p. 373). Podemos observar que a extensão do enunciado reproduzido chamou atenção desses pesquisadores e que a ecolalia, para um, é identificada à reprodução integral e, para outro, parcial. Entretanto, em ambos os casos, trata-se de repetição exata, uma reduplicação que Rutter (1993) qualifica como “estereotipia”. Podemos perceber que essas concepções aproximariam a fala da criança autista da “fala de papagaio” e, conseqüentemente, o colocariam dentro da esfera de não humano.

Seguindo adiante, pudemos observar que foi possível encontrar na literatura algumas qualificações para ecolalia: ecolalia “imediate” ou “tardia” Essa classificação diz respeito à imediateidade, ou não, de uma reprodução. Para os autores, em ambos os casos a repetição é dita literal. Assim, toda diferença entre ecolalia imediata e tardia estaria centrada na duração do intervalo de tempo entre o enunciado prévio e a produção ecolálica. No primeiro caso, o intervalo seria mínimo, enquanto que, no segundo, necessariamente maior (minutos, horas, dias, etc.). Outra classificação presente no campo de estudo da ecolalia seria a seguinte: ecolalia “literal” ou ecolalia “mitigada”. As reproduções literais seriam reproduções que se ajustariam com mais precisão à expressão ecolalia. Fay (1967) as nomeia ecolalia pura, diz que elas possuem “uma fidelidade parasitária”. Nas ecolalias mitigadas, podemos reconhecer as características de eco, entretanto elas apresentariam modificações (supressões ou adições de elementos ou, ainda, modificações entoacionais).

De um modo geral, podemos observar que não há divergência entre pesquisadores quanto ao fato da ecolalia ser uma “repetição de enunciados produzidos por outros”, como afirmaram Prizant e Rydell (1984, p. 183). Entretanto, seria interessante lembrar que, no campo da Aquisição de Linguagem, “repetir a fala do outro”, como vimos, é uma das características da fala da criança a qual Lemos conceituou como Espelhamento. Dessa forma, seria interessante tentar aproximar o estudo da ecolalia do campo da aquisição de linguagem, com o objetivo de entender que singularidades a ecolalia imporia.

Ainda dentro dos estudos que tratam especificamente da ecolalia, podemos encontrar alguns pesquisadores da abordagem Pragmática que têm atribuído algumas funções de comunicação à fala ecolálica, principalmente quando se observa o papel ativo do falante na construção do significado, em diferentes contextos. Bates (*apud* FERNANDES *In*: FERNANDES; PASTORELLO, 1996) observou que a criança ecolálica parece insistir no uso de uma determinada produção que tem uma relação específica com algum aspecto do contexto original.

Dessa forma, a autora estaria apontando para um papel ativo da criança na produção do significado em contextos diferentes. Roberts (*apud* OLIVEIRA, 2001), outro autor influenciado pela pragmática também enfatiza a possibilidade de se atribuir intenção à fala ecolálica. Pode-se dizer que os estudos da pragmática apontam que a ecolalia seria uma tentativa primitiva de manter o contato social. Entretanto, ainda são poucos os estudos que exploram essa questão; verifica-se, portanto, a necessidade de novas pesquisas que abordem a influência do contexto nessas produções. Embora consideremos essa abordagem interessante por retirar da ecolalia o estatuto de puro “eco”, não utilizaremos a pragmática, como

ferramenta teórica para o estudo da ecolalia, já que a concepção de sujeito que norteia esse estudo é o sujeito da psicanálise. Dessa forma, passaremos agora a discutir o que a psicanálise nos diz a respeito da ecolalia.

3.6.1 O que pode nos dizer a Psicanálise acerca da ecolalia?

Pode-se dizer que a psicanálise lacaniana, também tem trazido contribuições para a compreensão da fala ecolálica. Para Jerusalinsky, implicaria numa mera repetição fônica de significante, sem produção e circulação de significação, por a criança “estar completamente hipotecada à decisão do Outro, por estar numa colagem absoluta ao Outro” (JERUZALINSKY, 1993, p. 66).

Lasnik-Penot (1997), uma outra referência no estudo do autismo, considera que esse tipo de verbalizações nem mereceria o nome de “repetição”, no sentido metapsicológico do termo, - na medida em que uma repetição, na psicanálise, implica em diferença que, enquanto tal, pertence à ordem do simbólico. Tais verbalizações não mereceriam o nome de repetição por tenderem, segundo essa autora, a tornarem-se rapidamente estereotípias, as quais consistiriam num esvaziamento do ato de tudo o que é de um valor pré-simbólico, restando, segundo ela, apenas um vestígio de um trabalho humano que começou a acontecer.

Rodriguez (*In*: ALBERTI, 1999) traz em seu artigo o “Dizer Autista” o conceito lacaniano de holófrase. Segundo esse autor, Lacan no seminário-Livro XI (1973/1978) afirma que, quando não existe um intervalo entre Si e S2 (primeira dupla de significantes), ou seja, quando há uma colagem nesses significantes pode-se falar em holófrase. Segundo Lacan, a holófrase impossibilitaria o desenvolvimento da metáfora do sujeito ou do sujeito como metáfora, visto que, nessa perspectiva, a metáfora exige que, na cadeia significante, sempre falte um significante, de forma que favoreçam enlaces metonímicos ao longo da cadeia. Entretanto, se falta o intervalo há a formação da estrutura holofrásica, caracterizando, assim, a linguagem rígida e em bloco do autista.

Pode-se dizer que, ao falar sobre a ecolalia Rodriguez (*In*: ALBERTI, 1999) propõe que tal manifestação verbal estaria indicando, no autismo, uma posição diante da língua que se caracterizaria por um permanecer literalmente fora. Pode-se inferir que na perspectiva lacaniana as propostas negativas (ou de exclusão) supõem a proposta positiva de que o referido permanecer fora não implicaria uma ausência da língua no autismo, mas estaria

significando uma determinada posição ocupada diante da língua (CARVALHO; REGO; MENDES, 2003).

Pudemos observar, a partir das discussões elaboradas nesse capítulo, que, nas posturas cognitivistas, a ecolalia tem sido tomada, na maioria das vezes, como uma falha na comunicação. Na psicanálise, por sua vez, a ecolalia, além de ser assumida como uma produção esvaziada de sentido, seria, ainda, a denúncia da ausência de um sujeito. Assim, confrontadas com a negatividade destacada por essas posições teóricas, vimo-nos convocadas a uma atividade reflexiva acerca de uma possível positividade presente na fala ecolálica. Em outros termos, procuramos, a partir do estudo aprofundado da ecolalia, sair da cristalização do discurso da negatividade, abrindo dessa forma a possibilidade de um novo olhar.

Esta investigação não teve por objetivo contrapor ou por em xeque as perspectivas assumidas por alguns teóricos, mas levantar questões que merecem ser discutidas e aprofundadas. As questões relacionadas à linguagem no autismo se impõem ao pesquisador que pretende estudar o grande mistério que representa esta patologia. Ousamos tentar abordá-las, não tomando por base um falso objetivismo, ou uma postura dicotômica do tipo normal versus patológico, correto versus incorreto, mas a partir de uma reflexão acerca da relação singular que o autista estabelece com a linguagem.

4 MÉTODO

4.1 Participantes

Foram investigados dois (2) pré-adolescentes diagnosticados como autistas (F.840)³.

a) Caracterização do primeiro participante: O primeiro participante, a quem chamaremos de Pedro⁴, tinha idade de doze (12) anos na ocasião das filmagens e participava de atividades de terapia grupai e individual na instituição Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL) localizada na região metropolitana do Recife. Pertencia ao nível sócio econômico médio e frequentava uma escola especial particular.

b) Caracterização do segundo participante: O segundo participante, a quem chamaremos de João⁵, tinha idade de onze (11) anos na ocasião das filmagens e participava de atividades de terapia grupai e individual no Centro Médico Psicopedagógico Infantil (CEMPI), serviço da prefeitura do Recife, localizado no Hospital Geral Otávio de Freitas (HGOF). Pertencia ao nível sócio econômico baixo e estudava em classe especial numa escola pública estadual.

Ambos os serviços são especializados no atendimento a crianças e adolescentes portadores de “transtornos invasivos do desenvolvimento”. Além disso, são compostos por uma equipe interdisciplinar com profissionais das seguintes especialidades: psicologia, psiquiatria, terapia ocupacional, pedagogia e fonoaudiologia. Esses serviços também possuem em comum o fato de utilizarem a Psicanálise como ferramenta teórico-prática, isto é, tanto para compreensão como para terapêutica do autismo. O tratamento nessas instituições possui o objetivo de reverter a posição subjetiva em que a criança tem sido colocada em relação ao significante (JERUZALINSKY, 1993). Dessa forma, apesar de serem tratadas em instituições diferentes, os participantes eram submetidos ao mesmo tipo de tratamento.

Os ensinamentos psicanalíticos adquirem uma importância fundamental num trabalho desta natureza, na medida em que não permitem que a criança seja vista enquanto um conjunto de partes isoladas, mas como um sujeito de desejo. O referencial teórico adotado por essas instituições coincide com a compreensão que nessa investigação, adotamos acerca do autismo. Foram utilizados alguns critérios básicos para escolha dos participantes:

³ Autismo infantil (F.84-0) é uma síndrome enquadrada pela classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10 (1993) no grupo dos “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento”.

⁴ Nome fictício.

⁵ Nome fictício.

- Ambos os participantes eram diagnosticados como portadores de Autismo Infantil conforme os critérios diagnósticos da classificação de transtornos mentais e de comportamento (CID 10).

- Apresentavam manifestações linguísticas, sobretudo, a fala ecológica.

- A sua participação no estudo só ocorreu mediante o consentimento dos pais

Vale ressaltar que o controle do nível sócio econômico não se fez importante para os objetivos da presente investigação, posto que os estudos mais recentes no campo do autismo sugerem que essa variável não se apresenta como relevante, podendo o autismo acometer qualquer criança independente da classe social a qual ela pertence.

Dessa forma, esses estudos não confirmaram a observação inicial de Kanner (1997) de que haveria um predomínio dessa síndrome nas classes mais favorecidas.

4.2 Material

- Transcrições dos registros em vídeo das sessões de terapia em grupo digitadas no editor de texto Word e impressos para facilitar a leitura;

- Prontuários da instituição onde os participantes eram atendidos, tais prontuários continham alguns dados sobre a história de vida de Pedro e João.

4.3 Procedimento

Na presente investigação, foram realizados dois estudos de caso. Segundo Nasio (2001), o estudo de caso traz em si três funções: a função didática, a metafórica e a heurística.

De acordo com o autor, a função didática do caso consiste em sua capacidade de transmitir ao leitor conceitos teóricos de uma maneira prática, assim, segundo Nasio, o leitor vai da “cena à ideia, do concreto ao abstrato” (NASIO, 2001, p. 13), em outros termos, a partir da leitura de um caso prático pode-se visualizar melhor alguns conceitos teóricos e elaborar outros.

No que se refere à função metafórica, o autor defende, pensando nos grandes casos da psicanálise, que, muitas vezes, o caso estabelece uma relação tal com o conceito que se torna metáfora dele e diz: “é frequente [...] a observação clínica e o conceito que ela ilustra estarem tão intimamente imbricados, que a observação substitui um conceito e se torna

metáfora dele” (NASIO, 2001, p. 16). Dessa maneira, podemos ver como, por exemplo, “o caso Dora” que se tornou metáfora da histeria, ou como “o caso Schereber” que se tornou metáfora da psicose.

Finalmente, Nasio destaca a função heurística do caso. Essa se refere à capacidade que um caso possui de ser gerador de novos conceitos, o que vai além de suas funções didática e metafórica. Assim, diz o autor: “às vezes a fecundidade do caso é tão frutífera, que vemos proliferarem novas hipóteses que enriquecem e adensam a trama da teoria” (NASIO, 2001, p. 17).

Diante do que foi discutido acima, podemos justificar a utilização dos estudos de caso nessa investigação. Podemos dizer que, na medicina, o caso remontaria um sujeito anônimo que é representativo de uma doença, entretanto, nessa investigação, lançamos mão da concepção psicanalítica de caso, onde esse exprime a própria singularidade do ser. Dessa forma, procuramos nos afastar da compreensão da ecolalia enquanto um déficit na linguagem, uma marca da patologia e tentamos compreendê-la com mais profundidade nos seus aspectos mais singulares.

Os dados das duas crianças foram cedidos por outras investigadoras que os registraram e os transcreveram. Esses registros contêm os processos dialógicos entre os participantes da pesquisa e seus interlocutores (outras crianças e terapeutas) e contemplam tanto os registros linguísticos como as manifestações não verbais (entonação, gestos, apontar, expressões fisionômicas). A seguir descreveremos como foi construído o corpus de cada sujeito.

a) O corpus de Pedro

Os dados de Pedro foram registrados no CPPL (Centro de Psicanálise e Linguagem) por outros investigadores e já foram utilizados e analisados em outros trabalhos de pesquisa, sendo tais dados, portanto, pertencentes a um Banco de Dados cuja organização encontra-se sob os cuidados da Professora Glória Carvalho. Vale destacar que as autorizações para a utilização desses registros foram concedidas pelos membros da Instituição e pelos pais do menino que disponibilizaram tais dados para atividades investigativas.

Os registros foram feitos semanalmente, durante um período de seis meses, totalizando 19 (dezenove) registros em vídeo com duração média de 40 minutos cada um, tendo sido transcritos logo após as filmagens. O grupo filmado era constituído de 5 (cinco)

pré-adolescentes diagnosticados como autistas, de ambos os sexos com idade média de 12 anos (2) duas terapeutas, (1) terapeuta ocupacional e (1) uma estagiária. Vale ressaltar que dentre todos os participantes do grupo, Pedro foi escolhido, mais especificamente, além dos critérios já descritos pela peculiaridade da sua verbalização, marcadamente ecológica.

b) O corpus de João

Os dados de João foram coletados no Centro Médico e Psicopedagógico Infantil (CEMPI) e registrados durante sessões de terapia em grupo. Esse grupo era composto por (4) quatro crianças entre 9 (nove) e 11 (onze) anos de idade, do sexo masculino que apresentavam diagnóstico de autismo e 4 (quatro) terapeutas. Os registros foram feitos semanalmente durante aproximadamente 3 (três) meses, totalizando um número de 10 (dez) registros com duração média de 40 (quarenta) minutos cada um. As filmagens foram autorizadas pela mãe do menino que disponibilizou o uso dos dados para fins de pesquisa. Os registros feitos em vídeo foram posteriormente transcritos e impressos. Esses registros pertencerão ao Banco de Dados do CEMPI que se encontra em construção sob os cuidados dos profissionais da instituição. João também foi escolhido por apresentar uma fala predominantemente ecológica.

Diante disso, optamos pelo modelo longitudinal de pesquisa, já que os registros foram feitos durante um certo período de tempo e o objetivo dessa pesquisa era o de aprofundar a investigação da fala ecológica no autismo. Esse tipo de metodologia permitiu um estudo mais acurado do fenômeno linguístico (ecolalia) em situação de interação e de dinâmica, fornecendo um quadro detalhado dessa manifestação verbal. Vale ressaltar que sabemos das limitações desse tipo de operacionalização metodológica, tais como, a impossibilidade de realizar extensas generalizações dos resultados, a dificuldade de replicabilidade e a não contemplação do rigor estatístico. Entretanto, consideramos que essa abordagem metodológica era a única capaz de ser fiel aos objetivos propostos nesse trabalho.

Após esta exposição dos caminhos metodológicos, passaremos para a explicitação do procedimento da análise que mostrará passo a passo como foram tratados e analisados os dados dessa pesquisa.

4.3.1 Procedimento da análise dos resultados

Para a análise dos dados, foram realizadas leituras exaustivas dos registros dos diálogos das sessões terapêuticas. Essas leituras promoveram, de uma maneira geral, uma

maior familiarização com o corpus. As leituras foram realizadas em movimentos de proação (para frente) e retroação (para atrás), idas e voltas constantes aos processos dialógicos que envolviam os sujeitos da pesquisa (sujeito 1 Pedro /sujeito 2 João).

No contato com os dados procurou-se realizar uma leitura flutuante dos dados: em seu artigo, “Recomendações aos Médicos que querem exercer a Psicanálise” de 1912, Freud fala da atenção flutuante colocando que essa se refere à forma de escuta ou atitude que deve nortear o analista em sua prática clínica: a atitude neutra e firme da atenção / desatenção flutuante, a atenção suspensa (sem se fixar, sem apoios) e distribuída de forma igualitária. Uma atenção que em nada se detém e que por isso pode se apresentar aberta a todas as diferenças, mas também a todas as semelhanças.

Entretanto, Freud nos fala da atenção flutuante dentro de um processo analítico, aqui, porém, estamos nos referindo à atitude do investigador diante dos dados. Guerra e Carvalho esclarecem como seria tal atitude: procurar ao máximo suspender as suas aspirações e expectativas, pois se o investigador “se deixar levar pelas próprias aspirações, corre o risco de não descobrir jamais, senão aquilo que já sabe” (GUERRA; CARVALHO, 2002, p. 100). Após as leituras flutuantes dos dados, passamos para a leitura dos processos dialógicos entre os sujeitos e seus interlocutores. A análise dos dados foi realizada em etapas, tais etapas serão descritas a seguir:

a) Primeira Etapa: caracterização das produções ecológicas de Pedro e João

Nessa primeira etapa, foram lidos minuciosamente os dados de cada sujeito (um por vez). Num primeiro momento, procuramos destacar as produções verbais ecológicas, já num segundo momento, procuramos fazer uma caracterização pormenorizada das produções ecológicas de Pedro e João. Assim, foi traçado um panorama geral de como se caracterizava o fenômeno da ecolalia em cada sujeito, ou seja, quais eram suas particularidades e singularidades.

b) Segunda Etapa: análise das mudanças qualitativas na fala ecológica e a posição subjetiva de Pedro e João frente à língua

Na segunda etapa, procurou-se fazer uma análise qualitativa dos processos dialógicos entre os participantes da pesquisa (Pedro e João) e seus interlocutores no grupo terapêutico. Nessa análise, procurou-se identificar como as produções ecológicas se comportavam ao longo do tempo. Foram utilizados como operadores de leitura para o fenômeno da ecolalia a

Psicanálise e a linguística estrutural representada, de uma forma mais estrita, por Lemos. Os diálogos foram tornados na íntegra, sem omissão dos fragmentos seguindo passo a passo à sequência do atendimento.

Diante disso, procuramos analisar a ecolalia a partir de um afastamento dos polos normal versus patológico / correto versus incorreto, tentando, dessa forma, captar as diferentes posições subjetivas que Pedro e João assumiam frente à língua.

c) Terceira Etapa: confronto entre a ecolalia de Pedro e João

A partir da análise realizada nas etapas anteriores (1 e 2) procuramos realizar uma discussão a partir de um confronto dos dados dos dois sujeitos (Pedro e João). Explicando melhor, procuramos, através de um confronto entre as produções ecolálicas desses dois sujeitos demarcar as singularidades encontradas nas suas ecolalias.

d) Quarta Etapa: Diálogo entre o campo da aquisição de Linguagem e o campo da patologia da linguagem

Por fim, nessa última etapa, buscamos estabelecer um diálogo entre o campo da aquisição da linguagem e o da patologia da linguagem. Para tanto, foram utilizados também alguns exemplos de falas de criança que não apresentavam um obstáculo na sua trajetória linguística. Tais exemplos foram retirados de outros trabalhos e objetivaram ilustrar e dar maior sustentação a esse diálogo teórico.

Destacamos, ainda, que, durante análise, pudemos elaborar algumas reflexões baseadas nas informações acerca da história de vida dos sujeitos. Tais informações estavam presentes nos prontuários clínicos da instituição e foram disponibilizados pelas profissionais. Ressaltamos, porém, que não foi nosso objetivo elaborar interpretações clínicas em torno desses dados, mas que o acesso aos mesmos nos permitiu a elaboração de algumas reflexões que consideramos relevantes para o curso das discussões.

Durante todo esse percurso da análise procuramos trazer exemplos dos dados que, no diálogo com a teoria, pudessem sustentar as nossas colocações. Em outros termos, trouxemos para o âmbito da nossa discussão alguns recortes dos diálogos entre os meninos e as terapeutas que ilustrassem e dessem vida à nossa análise.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento, passaremos a uma análise e discussão cuidadosa a respeito dos registros que, num diálogo frutífero com a teoria, nos permitiu a construção de novos olhares sobre a ecolalia no autismo. Como foi explicitado anteriormente, para que fosse mantida a identidade dos participantes em sigilo, eles foram identificados por nomes fictícios: Pedro e João. A partir dos nossos objetivos e das etapas da análise anteriormente delineadas e descritas, procuramos realizar uma discussão com base nos seguintes aspectos:

- Caracterizar de forma pormenorizada, as produções ecolálicas dos dois pré-adolescentes, sujeitos dessa investigação;
- Destacar as mudanças qualitativas advindas das produções linguísticas dos participantes, especificamente da ecolalia. Procurando discutir a possibilidade de possíveis mudanças na posição subjetiva assumida por Pedro e João frente à língua;
- Destacar as singularidades nas produções ecolálicas, a partir de um confronto da análise da ecolalia de Pedro e de João;
- Estabelecer um diálogo teórico entre o campo da patologia da linguagem e o campo da aquisição da linguagem.

Através dessa análise, procuramos nos afastar das explicações a respeito da ecolalia advindas da polaridade “normal versus patológico”, supondo que o estudo aprofundado da ecolalia, poderia nos ajudar a compreender a complexa relação que o autista estabelece com a linguagem. Face ao exposto, passaremos a seguir para análise do primeiro sujeito.

5.1 Sujeito 1 - Pedro - O Malabarista dos Blocos Ecolálicos

a) Quem é Pedro? (um pouco da sua história)

Pedro tinha 12 anos na ocasião das filmagens e foi diagnosticado de acordo com o CID 10 como portador da síndrome do autismo infantil precoce. Ele participava de um grupo de terapia no Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL) e também fazia tratamento individual. Pedro fora adotado por uma família de classe média onde a mãe, Janice, que era dona de casa, não podia ter filhos. O pai, Paulo, era Engenheiro Civil. Segundo consta no prontuário, desde cedo, Janice, percebia que havia “algo errado com o garoto”; ele teve um atraso significativo na aquisição da linguagem, apresentava fixação em

objetos e movimentos estereotipados. Também consta nas anotações clínicas que os pais adotivos não se entendiam, brigavam constantemente e discordavam acerca da maneira de educar Pedro. Nessas brigas, vários objetos eram quebrados, tendo o pai relatado uma vez que Pedro ficara agressivo e havia quebrado muitas coisas dentro de casa. Outro aspecto interessante, destacado nas anotações clínicas, é que Pedro, no momento das filmagens, estava passando por diversas transformações em seu corpo, já que estava ingressando na adolescência.

Segundo a equipe do CPPL, esse fato era gerador de angústia para Pedro e para os seus pais que pareciam não aceitar que ele agora já não era mais uma criança. Também consta nesse prontuário que Pedro começara a despertar para sexualidade, masturbando-se constantemente. De todos os participantes do grupo, ele era o que, em geral, mais verbalizava, sendo sua fala marcadamente ecológica. No grupo terapêutico Pedro apresentava uma série de estereotípias e fixação por certos objetos, também insistia em determinadas atividades ou movimentos, como, por exemplo, acender e apagar a luz várias vezes seguidas, ou brincar sempre com um carrinho que provocava muito barulho.

b) A ecolalia de Pedro

Ao nos defrontarmos com a fala de Pedro, logo podemos nos lembrar de Lacan (1986) quando diz que os autistas são personagens “bastante verbosos”. De fato, ele, é, dentre todas as crianças do grupo terapêutico, a que mais fala. Entretanto percebemos que, embora ele fale muito, do ponto de vista qualitativo, o seu vocabulário é restrito, principalmente se tomarmos como referência um adolescente entre 12 e 13 anos que não apresenta tal diagnóstico.

Nosso primeiro olhar sobre os dados nos levou a uma espécie de subordinação à sua fala ecológica, de modo que se tornou difícil fazer uma outra leitura. Parecia que estávamos diante da descrição de Kanner no seu artigo de 1943: tudo parecia caótico, intraduzível e sem sentido. A fala parecia cristalizada, rígida e causava, a nós investigadoras, um sentimento de estranhamento que não era traduzível em palavras. Pedro alternava momentos de silêncio com momentos nos quais disparava como uma “metralhadora” repetições insistentes e persistentes que pareciam “atropelar” o outro. Na medida em que nos aprofundávamos na leitura dos dados, passamos a nos questionar se poderia haver algum tipo de organização subjacente a essas produções, aparentemente, sem sentido.

Foi quando observamos algo que parece se destacar nas produções ecológicas de Pedro e que não foi apreendido num primeiro momento. Em sua fala, Pedro parecia insistir em determinados significantes como: quebrar, apagar, desligar, acabar, rasgar, fazer barulho, explodir, bater. Podemos perceber que, do ponto de vista semântico, esses significantes guardam algum tipo de relação entre si, parecem formar uma cadeia associativa por fazerem referência a uma destruição ou esfacelamento: algo que estava inteiro e se quebrou, explodiu, rasgou, uma luz que estava acesa e foi apagada, ou estava apagada e alguém acendeu. A seguir, mostraremos abaixo alguns exemplos retirados do corpus que ilustram a predominância de tais significantes na fala de Pedro:

L: Lia	T2: Terapeuta 2	T3: Terapeuta 3
P: Poliana	B: Bárbara	H: Hélio
A: Adriano	Al: Alexandra	

Episódio 1:

P: Não desligue o trator, desligou. Des-li-gou. Não vai desligar o trator.

O trator fica parado.

L: mas olhe, ele vai ficar com tanta saudade de Bárbara, sabia? Vai ficar com muita saudade de Bárbara.

P: Não vai. Olhe, não desligue o trator não. O trator tá parado. (Paulo brinca com o trator)

Episódio 2:

T.: De quem?

[...] - É Alexandra que tá demorando, é Paulo?

T.: Em Paulo? [...]

P.: Tá quebrado. Hoje está tudo quebrado.

Episódio 3:

P: Quebrou o trator! Não desligue não!!

Episódio 4:

P: Hélio, Hélio!

L: Hélio não veio ontem.

P: Hélio aprontou ontem.

T2: o que? foi mesmo?

P: **Apagou a luz.** Ficou tudo no escuro.

T2: então foi o que Lia e ... disseram.

P: Lia, **Hélio apagou a luz!**

T2: O que foi que ela fez? Ela brigou com ele foi?

P: Não vai apagar a luz! Hélio, não vai apagar a luz não, Hélio! Pode acender tudo, pode!

Episódio 5:

P: O avião vai subir. O avião vai **quebrar**. Agora eu vou consertar a pilha do avião

T3- E o avião tem pilha?

P- O avião tá **quebrado**.

P- O avião tá descendo na pista

[...]

P- O avião desceu na pista.

Episódio 6:

P.: Eu vou **quebrar** o vídeo game de Zazá.

[...]

P: Pronto, eu vou quebrar o vídeo game de Zazá!

L: Você não vai quebrar é nada!! Nada!

T3: Você não precisa quebrar nada!

[...]

P.: Não dá para **quebrar** não. Não dá para quebrar.

[...]

P.: Eita! Tá **quebrado**, foi você que **quebrou**.

P: **Quebrou**

T1: Oh, Hélio!

P.: Hélio **rasgou**.

L: Não, não

P: Hélio rasgou o avião do combate.

L: da força aérea brasileira só tem essa!

T2: Olha, Hélio tem o avião dele!

P.: Eu vou **explodir**. **Explodir** não. Eu vou **explodir** o seu avião

Com tais exemplos, quisemos apontar para a grande incidência desses significantes na fala de Pedro. A partir disso, poderíamos levantar as seguintes questões: será que as produções ecológicas nas crianças autistas emergem ao acaso? Será que poderíamos falar num movimento de seleção/eleição subjacente à emergência dessas produções?

Fazendo, mais uma vez, um breve retorno a Kanner, observamos que esse autor concebe a fala ecológica como “expressões irrelevantes”, “frases mecânicas”, “sem sentido”. Para ele, expressões como “através da escuridão as nuvens brilhando”, “O peixe tem dentes afiados e morde as criancinhas”, “Carrancas comem criancinhas e bebem óleo” proferidas pelas 11 crianças por ele estudadas eram consideradas como não possuindo nenhum sentido, pois eram descontextualizadas e, aparentemente, não guardavam nenhuma relação entre si. Ao dizer que a fala da criança autista é “um eco de tudo o que lhe pôde ser dito” (KANNER, 1997, p. 159). O mesmo autor não pensou na possibilidade de que poderia estar havendo, na fala desses sujeitos um movimento de seleção determinando o que viria ou não à tona.

A partir desse momento, poderíamos lançar mão de alguns dados da história de vida de Pedro que podem levantar algumas questões interessantes para esse instigante debate. Gostaríamos de ressaltar que não pretendemos fazer nenhuma afirmação categórica, apenas levantar algumas indagações que nos pareceram pertinentes. Como foi visto acima, nos registros das anotações clínicas do CPPL consta que os pais de Pedro brigavam muito e diversas vezes objetos foram quebrados e destruídos dentro de casa, esse fato parece guardar algum tipo de relação com os significantes de destruição proferidos insistentemente por Pedro, principalmente o quebrar. Além disso, podemos, ainda, pensar que esses significantes (quebrar, explodir, rasgar) poderiam fazer alguma alusão às vivências de Pedro em relação às transformações que irrompiam no seu corpo. Estendendo, ainda, nossa reflexão na direção das teses lacanianas, a partir das quais poderíamos pensar que algo que explode, que quebra poderia estar fazendo alusão ao “fantasma do corpo esfacelado”, destacado por Lacan (*apud* DOR, 1995), supostamente vivido pela criança autista.

No chamado Estádio do Espelho, Lacan afirma que a estruturação do eu irá depender da identificação primordial da criança com a sua própria imagem, o que acabará com a vivência singular designada como fantasma do corpo esfacelado, através do qual a criança experimenta o seu corpo como algo disperso, não unificado. Para autores lacanianos como Jerusalinsky (1993) e Rodriguez (1999), por exemplo, a criança autista não passaria pelo estágio do espelho, dessa forma, estaria presa a essa vivência de um corpo esfacelado. Assim nesse confronto dos dados com a teoria, podemos sugerir, à partir dessa possibilidade de interpretação, que a fala do autista não seria, como defendem alguns autores, esvaziada de sentido, mas que poderia guardar uma relação com suas vivências subjetivas. Queremos ressaltar, porém, que essas são possibilidades de interpretação que precisam ser analisadas com maior profundidade.

Depois dessa breve exposição a respeito da ecolalia de Pedro, passaremos a afunilar a análise, buscando discutir, diante dos dados, a existência de mudanças qualitativas ao longo do tempo na ecolalia de Pedro, o que poderia estar indicando mudanças na sua posição subjetiva diante da língua.

De um modo geral, pudemos identificar, na fala ecolálica de Pedro, três (3) principais posições⁶, as quais poderiam estacar indicando mudanças na sua relação com a linguagem. Vale ressaltar que não foi possível apreendermos uma superação de uma posição

⁶ O termo posição não está fazendo uma referência a posição da criança rumo a aquisição de linguagem proposta por De Lemos e sim uma determinada posição subjetiva frente à língua.

em detrimento da outra, o que estaria mais próximo da ideia de estágios. Em outros termos, ressaltamos que elas operavam ao mesmo tempo, apontando que a criança, constantemente, transitava entre essas posições. Faremos a seguir, a apresentação dessas posições:

a) 1ª Posição: Fala cristalizada: a predominância dos blocos ecológicos

Nessa posição, as verbalizações ecológicas de Pedro podem ser metaforizadas como blocos aparentemente cristalizados e impenetráveis, apresentando, portanto, pouca movimentação e um suposto caráter de imutabilidade. Tais blocos eram compostos de pedaços das falas da terapeuta, falas de televisão, falas de outras pessoas (pai/mãe) e outros que não pudemos identificar a fonte. Podemos observar que eles não apresentavam fragmentação, circulação ou deslizamento de significantes.

Os chamados blocos verbais na fala de Pedro, em grande parte, pareciam descontextualizados e, aparentemente, não faziam laço com a fala do outro. Pedro parecia estar funcionando na lógica da exclusão como apontou Jeruzalinky (1993). Em outras palavras, a ecolalia parecia excluir o outro enquanto representante da língua. Esse momento, portanto, parecia estar significando uma determinada posição ocupada diante da língua: a de permanecer fora (RODRIGUEZ, 1999). O exemplo abaixo ilustra o que foi explicitado:

Episódio 7: As terapeutas estavam fazendo uma peça teatral onde cada um representava um papel.

P: Vridróóóóó, Vriiiiidro. Vriiiiidróóó Luííza, Luííza.

T2: Chama Paulo pra brincar. Chama Hélio pra brincar.

P: Vriíído, Vidrooo! Vriíído, vidrooo, Vrido, Vividroo. O vidro do carro. Viiiidroooooo, vidro, vidro, vidro!!

Tia... (ri) Vrido, vrido. Tia, apague a luz do quarto, por favor, tia. Vrido, vrido.

B:

P: [...] o carro **quebrou**. O homem **bateeeeu** [...]. O homem **bateu** [...]. O carro **bateu** [...].

No episódio acima, apreendemos que o bloco "vidro do carro" parece ter uma função de exclusão, pois, embora a terapeuta faça tentativas, essa expressão estereotipada constitui-se como uma barreira que estaria impedindo o estabelecimento de um diálogo. Além disso, poderíamos pensar que se trata de uma fala aparentemente sem endereço. Assim supomos que o efeito de patologia dessas produções seria justamente essa cristalização que impede a entrada do outro, que aprisiona essa fala a uma reprodução sem fim e que parece não ter direção.

A seguir apresentaremos mais episódios que vêm a ilustrar essa posição:

Episódio 8:

L: Mamãe o que? Mas já cresceu mesmo.

T1: Cresceu essa mocinha!

L:

T2: Tua mãe, tua mãe.

P: (grita ou canta alguma coisa)

A: Canta!

L: Olhe os dedos

(Primeiro momento)

T1: Ah! Os dedos que estão

P: O relógio está quebrado, o relógio quebrou, o relógio está quebrado, o relógio quebrou.

T2: O relógio quebrou foi?

T2: Oh! Paulo e quando os filhos crescem os pais morrem, tu pensa? Que quando os filhos ficam grandes os pais morrem. Será hã? Hein Paulo, quando vocês crescem... Paulo grita.

(Segundo momento)

T1: Mas a gente não pode nem conversar direito, tu é barulhento!

P: Acabou a brincadeira já! Acabou a brincadeira, você vai se machucar!

T2: Não pode mais brincar não, será Lia? São outras as brincadeiras quando crescem.

(Terceiro momento)

P: Eita! Tem que ganhar muito dinheiro. Ligeiro, vamos, dinheiro!

T1:

P: Explodiu o avião

T2: Conta essa história pra mim.

P: Não pode explodir, mas ele explode!

T2: Olhe, esse piloto tá com medo de dirigir esse avião pra ele não explodir, mas alguém vem ajudar esse piloto.

No episódio destacado acima, Pedro, mais uma vez, apresenta o que estamos chamando da primeira posição: uma fala cristalizada, em bloco e que, aparentemente, nada têm a ver com o está se passando na cena terapêutica. Conforme destacamos nesse recorte, Pedro, por três vezes parece ausentar-se do que se está sendo falado naquele momento. Pode-se observar também nesse extrato, destacadas em vermelho as tentativas da terapeuta (T2) de capturá-lo no diálogo, ofertando-lhe significantes, numa tentativa de interpretação. Em outros termos, em momentos como esse, a fala de Pedro se mostra refratária à fala da terapeuta e permanece circunscrita ao mesmo, ao igual.

Nessa posição, a ecolalia de Pedro é tomada, muitas vezes, como uma fala esvaziada, desabitada, causando, no terapeuta, um efeito de ausência de sentido, sendo tomada como a personificação da metáfora do papagaio proposta por Kanner (1943), que concebia a fala do autista como um eco. Tal concepção pode ser observada na fala das terapeutas destacadas nos dois exemplos que se seguem:

Episódio 9:

T1: Quer Luana, papel?
 T2: Quer Luana, papel para desenhar?
 P.: Luana, quer papel, Luana?
 T3: **Sim, papagaio!**
 T1: Que papel é esse que tu queres dar a Luana?
 T3.: Nosso imitador! Nosso imitador!

Episódio 10:

T2: Ta procurando o que aí?
 P.: “Vamu” depressa. “Vamu” depressa. [...] De jeito e maneira. De jeito e maneira.
 T2: **Estamos arrumadas, hein? Temos um imitador aqui perfeito.**
 P.: Arrumada. Arrumada. Eita [...] Juro por Deus.
 T2: **Você está muito engraçadinho imitando, hein?**
 [...]
 T1: Tv Repórter é depois da novela.
 P: Boa noite! Quando acabar esse TV Repórter você vai dormir.
 T2: **Tu estás um papagaio hein?**

Nos exemplos acima, podemos observar que Pedro repete tanto fragmentos de falas de televisão como fragmentos das falas das terapeutas. Nesse momento, o menino encontra-se num movimento que se assemelha a uma reprodução tal como foi destacado por Lasnik-Penot (1997). A partir de uma leitura de Garcia-Roza (2003), a reprodução seria um fechamento de possibilidades para o novo, uma cristalização de algo que ressurgue no igual, no mesmo, no imutável, é o estacionamento de algo que poderia transformar-se, mas permanece encarcerado na mesmice.

Lemos (2001), no seu trabalho intitulado de “Sobre fragmentos e Holófrases”, concebe a ecolalia do autista como sendo uma produção holofrásica. A holófrase é discutida por Vorcaro (1999) como sendo uma "colagem" do par significante/significado, não permitindo um deslizamento entre eles, uma colagem entre significantes, não permitindo assim, a formação da cadeia e consequentemente, das substituições de significantes.

Assim, conforme discute Lemos (2001), as composições holofráscas se opõem à fala fragmentada da criança em fase de aquisição da linguagem, já que, essa última, por ser fragmentada, possui uma indeterminação de significados, o que lhe confere um caráter enigmático, permitindo, dessa forma, a atuação interpretativa do outro. Já no que tange às produções ecológicas do autista, a autora concorda com Vorcaro (1999) no que se refere à discussão de que tais produções são holofráscas, fechando, assim, a possibilidade de interpretação por parte do outro. Vejamos alguns exemplos, a partir dos quais poderemos discutir a posição das autoras acima citadas:

Episódio 11:

L: Enorme, enorme, enorme, essa torre tá enorme, essa torre tá enorme.

P. **explodiu!**

T2:explodiu?

P.: Quase que **explode**, quase, quase, quase que **explode** (voz fina) quase que **explodiu**, quase que **explodiu**, quase que **explode!!**

Episódio 12:

P: **O carro quebrou! O carro de mainha! Quebrou!!!**

[...]

L: Olha os óculos escuros do gato, vai usar?

P: **O carro quebrou!! Carro quebrou!**

L: carro quebrou.

P. carro todinho (voz fina) Vamos cair fora daqui!

L: O carro da sua mãe não quebrou não e você não vai deixar de vir pra cá não!

P: **o carro tá tudo quebrado**

L: Não tá nada!

Episódio 13:

T2: O Adriano, bota aqui no canto ...

P: O Pedrooo, ligue agorinha!!

T2: O que Pedro?

P: Aonde você está? Aonde você está? Aonde você está? Aonde você está? (falafino)

T2: Ô Pedro fala de mulher!!

T2: Pedro

L:

P: Aonde você está? Aonde você está? Aonde você está? (fala fino)

T2: Pedro, escuta!

P: Aonde você está? Aonde você está? Aonde você está? (fala fino)

L: Vai arrumar todinho. ÉÉ

Diante dos exemplos postos acima, poderíamos, de certa forma, entrar em concordância com as autoras, no sentido de que a fala ecológica de Pedro, por possuir esse

caráter de bloco verbal, parece dificultar a atividade interpretativa por parte das terapeutas. Entretanto, na medida em que fomos nos aprofundando na análise dos dados, pudemos perceber, que tal concordância, porém, possuía limites. Pois, a análise cuidadosa dos dados permitiu que apreendêssemos a existência de diferentes posições subjetivas ocupadas por Pedro diante da língua. Em outros termos, diferentemente das autoras citadas, não pudemos considerar que tal caracterização da fala da criança autista contemple a totalidade da fala de Pedro. Ao contrário disso, observamos que, na sua fala, essa cristalização dos blocos era apenas de uma das possíveis posições subjetivas ocupadas por ele diante da língua.

Um pouco mais adiante nas discussões de Vorcaro, vemos essa autora colocar a criança autista num lugar de “[...] puro ser vivo, organismo [...]” (VORCARO, 1999, p. 34), estabelecendo, ainda, uma comparação entre essa criança e um boneco de ventríloquo, o que, em outros termos, seria dizer que essa criança apenas empresta seu aparelho fonológico para que a voz de uma outra pessoa seja ali emitida configurando, dessa forma, uma fala cuja autoria não lhe pertence. Tal posição desponta como mais um ponto de divergência em relação ao nosso trabalho pelo fato da nossa análise ter apontado para uma série de mudanças subjetivas dessa criança diante da língua, que podem levantar uma ampla discussão a respeito da subordinação dessa criança à linguagem, retirando-a da posição de puro organismo vivo, conforme defende Vorcaro (1999).

Face ao exposto, poderíamos caracterizar essa primeira posição como sendo momentos nos quais Pedro parece obedecer às definições de Kanner sobre ecolalia, ou ainda, a posição de Vorcaro (1999) que assume como uma impossibilidade a. dimensão metafórica-substituição de significantes - barrando, assim, a atividade interpretativa do outro. Diante disso, levanta-se, como questão, a possibilidade de mudanças qualitativas no campo linguístico de Pedro, mais especificamente, em sua fala ecolálica, é o que passaremos a discutir a seguir, a partir daquilo que pudemos apreender como sendo a respeito da segunda posição ocupada por Pedro diante da língua.

b) 2ª Posição: Saída da ecolalia: um movimento evanescente

Na segunda posição, podemos perceber que há um abandono da fala ecolálica e que Pedro endereça a sua fala a alguém. Entretanto, podemos dizer que esses momentos não apresentam uma continuidade, são evanescentes. Nessa posição, a fala de Pedro faz laço com a fala do outro, entretanto o diálogo não se sustenta; é como se um janela pudesse ser aberta e Pedro emergisse como sujeito falante, trocando mensagens com seus interlocutores. Dessa

maneira, o menino parece confrontar a posição de Kanner (1997) que descreveu a fala da criança autista como um “eco de tudo o que lhe pôde ser dito”, fechando, assim, a possibilidade de haver, nessa fala, qualquer intenção comunicativa. Ao contrário do que discutimos na primeira posição ocupada por Pedro diante da língua, aqui pudemos falar na possibilidade da existência de uma situação dialógica, saindo, assim, do registro da ausência de comunicação. O exemplo abaixo ilustra o que estamos chamando de segunda posição.

Episódio 14:

Situação: Pedro brinca com um carrinho com o qual faz muito barulho. A terapeuta, que já o havia repreendido, dessa vez resolve tomar-lhe o brinquedo.

T2: me dê Pedro, Pedro você espera?

P: **eu vou fazer barulho não tia. Eu vou brincar direito, tia!**

T2: eu guardo depois e lhe dou

P: calma calma!

T2: o que você ta fazendo aí?

P: não é pra fazer barulho não

T2: um barulhão desse não!

P: Tiago

P: Tiago

Nesse exemplo vemos que Pedro sai do movimento ecológico, prometendo à terapeuta que não vai fazer barulho com a brincadeira. Inclusive, nesse momento, ele utiliza o pronome Eu por duas vezes - rompendo com a expectativa imposta à fala do autista, no que se refere à impossibilidade da inversão pronominal - e endereça uma mensagem à terapeuta, o que o faz tornar-se autor da sua própria fala, contradizendo a metáfora do boneco ventríloquo proposta por Vorcaro (1999) e a do papagaio proposta por Kanner (1997).

Nessa posição, Pedro rompe com algumas negativas que são impostas à fala da criança autista, como, por exemplo, “a ausência de intenção comunicativa”, “ausência da inversão pronominal” “fala sem valor semântico” (KANNER, 1997). Tais negativas, portanto, são postas em xeque quando Pedro se faz autor de sua própria fala: ele comunica sua intenção de brincar sem fazer barulho, expressa seu desejo de continuar brincando, argumenta e negocia a devolução de seu brinquedo sob a promessa de não fazer barulho. Diante de tal produção, nos parece difícil admitir que haja aí a ausência de um sujeito, dotado de desejos e de uma fala própria. Em outros termos, nos parece difícil admitir a inexistência de uma subjetividade que, embora submetida a um obstáculo, não se mostra ausente. Ao contrário

disso, parece tratar-se de uma subjetividade submetida a um jogo no qual ora se oculta e ora se revela.

O movimento desse jogo, portanto, evidencia-se a partir das duas posições discutidas até agora, nas quais a criança, num momento, parece presa a uma fala cristalizada, refratária à interpretação, sem laço aparente com a fala da terapeuta e, em outro momento, ela emerge como autora de sua própria fala, desvelando, assim, uma subjetividade que antes parecia oculta.

Exemplos dessa posição estão presentes em vários momentos no corpus estudado, evidenciando, como discutimos, a emergência de um sujeito de fala própria. Porém, conforme apontamos anteriormente, não há uma superação das posições, onde uma sobrepõe-se à outra a extinguindo. O que podemos ver, é um constante movimento de ir e vir, onde a criança ora encontra-se numa posição, ora em outra. Dessa maneira, vemos que o diálogo estabelecido no episódio acima citado não se sustenta durante muito tempo. O que observamos no final daquele recorte, é que Pedro parece ausentar-se do diálogo estabelecido com a terapeuta, ingressando, novamente, no movimento de repetição dos blocos ecológicos, onde ele começa a reproduzir o nome “Tiago” que aparece insistentemente na sua fala. A seguir, traremos mais alguns exemplos dessa segunda posição, onde Pedro estabelece um laço com a fala da terapeuta, apontando para a emergência de uma situação dialógica:

Episódio 15:

T2: Essa revista tá bem? O que é que tá acontecendo com essa revista, hein Paulo?

P: **A Pista**

T2: Sim, deixe eu ver. Mas essa é pequena, deixa eu ver maior.

P: **Você já viu! (Pedro mostra a revista pra a terapeuta)**

Episódio 16:

Situação: brincadeira de teatro, onde cada um interpreta um artista e a terapeuta insiste em convocar Pedro para participar.

T2: é Malu Mader Lia

L: é Malu Mader

P: Oi (fala dirigindo-se para Poliana investigadora que está filmando)

Po: Oi Pedro!

P: é o pé da tia! (apontando para o pé de Poliana)

T2: é o pé da tá. Olha o seu pé também

L: vamos malu mader, mamos para televisão

T2: Bárbara quem fica com a câmera. Você pode pegar conversar

L: cadê a escova?
 L: agora só falta aquele ator apontando para Pedro como é o seu nome?
 T2: Tarcisinho, filho de Tarcísio Meira! Pedro bate palmas
 C: Vamos Pedro
 T: Pedro
 L: agora você
P: eu não vou não!
 L: ah vai!!
 L: esse menino está um rapaz tá bonito demais
P: me dê uma carona!
 C: me dê uma carona?
 C: vai para casa da sua namorada é? Perfumezinho pra ver a namorada!
P: perfumezinho

No episódio 15, vemos Pedro estabelecer um pequeno diálogo com a terapeuta, quando ela pede para ver a revista que o menino está vendo e ele diz: “Você já viu!”. Assim, diante dessa produção de Pedro, não apenas podemos discutir a respeito de um estabelecimento de laço com a fala do outro, como podemos apreender aí um valor semântico, por deixar subjacente alguns significados como, por exemplo: “Você já viu, por isso não vou lhe mostrar a revista!”. Nesse episódio, Pedro, mais uma vez, rompe com as expectativas, surpreendendo o observador com uma fala própria, dotada de valor semântico e intenção comunicativa.

No episódio 16 vemos, mais uma vez, Pedro sair da fala ecológica, cristalizada, em bloco, apresentando uma intenção de comunicar-se com Poliana, logo depois, nega-se de forma enfática a participar da brincadeira proposta pela terapeuta usando, novamente, o pronome “eu”: “**Eu não vou não!**”. Entretanto, logo depois ele traz a expressão “me dá uma carona!”, parecendo, assim, sair da situação dialógica, retornando, dessa maneira, aos blocos ecológicos tão característicos da primeira posição. Vejamos a seguir mais alguns exemplos que ilustram nossa discussão.

Episódio 17:

L: essa cantora de óperas, deixa eu ver o cabelo dela que lindo!
P: Ela não vai para o aeroporto, não vai!
 L: será que tu tava se arrumando para viajar? (fala para Pedro)
P: Vai viajar de avião não
 L : vai não?
P: Não
 [...]
 C: ah Lia! Bruna ta tomando leite no copo agora
 L: Heitor não toma leite na mamadeira não. Tu tomas Pedro? De Jeito maneira
P: De jeito maneira!

Podemos apreender, mais uma vez nesse episódio que Pedro num primeiro momento emerge com o bloco ecológico “ela não vai para o aeroporto, não vai!” que parece não guardar nenhuma relação com o que acontece na sessão, mas logo depois Pedro responde ao apelo de Lia, por duas vezes Alustrando o que estamos chamamos de segunda posição. Vejamos a seguir mais um exemplo:

Episódio 18:

(1º momento)

L: vamos falar da história de Bruna quando chegou no CPPL.

C: me conte como foi ontem (perguntando para Pedro)

P.: Adriano ficou de castigo.

T.: Adriano ficou de castigo?

P.: Adriano! fica de castigo, Adriano.

T.: O que foi que ele fez?

P.: Brincadeira.

[...]

(2º momento)

P: bateu

T.: Sim, o que é que você fez?

P.: **Derrubou. Adriano quebrou. Derrubou a mesa, cadeira, bateu.**

T.: Ele tava

P.: Adriano não **derrube** a mesa! Não **derrube**, não **derrube**.

P.: Adriano não **derrube**! (Gritando)

T2 porque não pode

P: porque não pode Adriano

C: sabe o que Pedro fez ontem? pegou a almofada e fez a brincadeira

P: brincadeira acabou, acabou a brin-ca-dei-ra

C: ô Pedro tu sabe que a brincadeira acaba, mas a vontade não. A vontade de ir para o quarto escuro

P: ti-a-go não faça isso!!!

C: conta essa história de Tiago?

P: Heitor, Heitor

(3º Momento)

L: Heitor veio?

P: Heitor aprontou ontem!

C: o que foi mesmo?

P: apagou a luz! Ficou tudo no escuro!

C: e o que foi que Lia fez ? ela brigou com ele?

P: Não vai apagar a Luz, não Heitor. Pode acender tudo, pode Heitor!!

T2: quem mais veio ontem?

(4º momento)

P: Todos reprovados! Todos reprovados agora!

T2: o que foi não entendi?

P: todos reprovados, todos reprovados, todos reprovados.

T2: reprovados?

P: todos reprovados, todos reprovados, todos reprovados, todos reprovados.

No extrato acima, podemos observar a primeira e a segunda posição em curso corroborando a nossa afirmação de que uma posição não se sobrepõe à outra: elas estão em curso ao mesmo tempo. Podemos apreender, nessa passagem, o jogo onde ora ele faz laço com a fala do outro e ora ingressa num movimento ecológico característico da primeira posição. O episódio acima recortado foi dividido em quatro momentos, de maneira que pudemos apontar o constante movimento presente na fala de Pedro, que se traduz numa direção de aproximação e afastamento. Vejamos isso mais claramente.

No primeiro momento, vemos Pedro responder a dois apelos da terapeuta: “Me conte como foi ontem” e “O que foi que ele fez?”, aproximando-se da fala da terapeuta, constituindo, assim, uma situação dialógica. No segundo momento, observamos um movimento de afastamento de Pedro em relação à fala da terapeuta, onde ele ingressa, novamente, na reprodução ecológica da fala de Lia: “Adriano não derrube a mesa! Não derrube, não derrube. Adriano não derrube!”. Além disso, vemos a emergência de mais um bloco ecológico - “Acabou a brincadeira” - ratificando, mais uma vez, seu movimento de afastamento em relação à fala da terapeuta, tão característico da primeira posição.

No terceiro momento, Pedro, novamente, volta a aproximar-se da fala da terapeuta, ao responder às duas perguntas: “Heitor veio?” e “O que foi mesmo?”. Porém, aquilo de mais especial que podemos discutir a partir desse trecho do recorte, é a produção “Não vai apagar a Luz, não Heitor. Pode acender tudo, pode Heitor!!”. À primeira vista, essa cadeia verbal parece ser uma mera reprodução em eco da fala do outro, como propôs Kanner (1997), de fato, vemos emergir, na fala do menino, um bloco verbal advindo da fala de Lia.

Porém, o que nos parece é que essa produção ultrapassa os limites de uma mera reprodução em bloco, tendo em vista que é utilizada para responder a uma pergunta feita por uma das terapeutas: “o que foi que Lia fez? Ela brigou com ele?”. Dessa maneira, Pedro parece, num mesmo enunciado, reunir as características das duas posições discutidas até agora: ele traz, em sua fala, um bloco da fala do outro, mas, ao mesmo tempo, parece estabelecer um laço com a fala da terapeuta, respondendo à sua pergunta. E, por fim, no

quarto momento, Pedro retoma à primeira posição, com a insistência do bloco verbal “todos reprovados”, rompendo, novamente, o laço com a fala do seu interlocutor. Dessa forma, somos defrontados, nesse episódio, com dois movimentos opostos em relação à fala do outro: a aproximação e o afastamento. A seguir, passaremos para terceira posição na fala de Pedro.

c) 3ª Posição: Os malabarismos nos blocos ecológicos: um movimento metonímico singular?

Nessa posição, pudemos observar outra mudança qualitativa nas produções ecológicas de Pedro, onde foi percebido um movimento bastante singular. Pudemos apreender que Pedro passou realizar quebras ou fissuras nos blocos aparentemente cristalizados das suas produções verbais. Assim, após a quebra, parecia haver tentativas de recombinações dos fragmentos desses blocos, tendo, como resultado, produções bastante singulares que eram compostas por fraturas de diversos blocos ecológicos proferidos no seu discurso ao longo das sessões. O extrato abaixo ilustra o que foi explicitado:

Episódio 19:

P: tá tudo quebrado.

P: Tá tudo quebrado.

T2: O relógio não está quebrado não.

P: O carro quebrou, o carro de minha quebrou.

P: O carro quebrou.

P: O carro quebrou.

T2: O carro quebrou.

P: O carro todinho.

T2: O carro da sua mãe não quebrou e você vai deixar de vir prá cá não.

P: O carro tá tudo quebrado.

T2: Tá nada.

P: Quebrou.

P: O carro quebrou.

P: Tá tudo quebrado

Nesse momento, Pedro desloca a expressão “tá tudo quebrado”, usada em várias outras ocasiões e faz uma cisão na expressão ecológica “o carro/quebrou”, realizando o que estamos chamando de uma junção desses blocos, tendo, como resultado, uma expressão estranha: “O carro tá tudo quebrado”, que viola a estrutura sintática da língua. A partir do estudo de Saussure (*apud* FARIA, 1997), vemos que a operação que está na base dos processos metonímicos é a combinação. Poderíamos dizer que ao fragmentar esses blocos e recombiná-los, Pedro poderia estar pondo em curso um processo metonímico singular, no

qual não pudemos apreender o que, na realidade, aproxima esses fragmentos uns dos outros. O que não pudemos deixar de apontar foi que aqueles blocos cristalizados que observamos na primeira posição, são, de fato, fragmentados e recombinações, gerando uma particular movimentação nessa fala, aparentemente imutável. Entretanto, as recombinações desses blocos verbais causariam um efeito de sem sentido por não responderem a um padrão estrutural da língua. Dessa forma, podemos dizer que, de uma maneira bastante singular, Pedro parece capturado pelo funcionamento da língua, como propõe Lemos (1997).

Assim, parece haver um indício de movimentação que rompe com aquele padrão inicial apresentado na primeira posição, dado que Pedro parece conseguir quebrar os blocos fazendo uma recombinação dos mesmos, criando novas produções que lhe são muito próprias. Em outros termos, ainda que, nessa posição, sua fala continue permeada pela fala do outro, suas fragmentações e subsequentes recombinações, parecem ser um representante emblemático de sua própria subjetividade. A partir desse momento, percebemos que Pedro começa a fazer verdadeiros malabarismos com os seus blocos ecológicos realizando rearranjos e recombinações. Vejamos a seguir mais alguns exemplos que ilustram essa posição.

Episódio 20:

P: Quebrou! O carro tá tudo quebrado [...].

T3: Como é essa historia?

P: Acenda Pedro, o vidro do carro, o ônibus quebrou o vidro.

Assim como no episódio 19, Pedro traz a expressão “acenda”, fragmentada do “acenda a luz”, que insiste ecolalicamente na sua verbalização e realiza uma junção do “acenda Pedro” com fraturas de outros blocos a saber: “o vidro do carro”, “ônibus quebrou o vidro”. Podemos perceber que, embora ele pareça preservar em sua fala o caráter rígido dos blocos, esse movimento viria, momentaneamente, quebrar o padrão verbal de cristalização muito presentes em outros momentos de sua fala. Dessa forma, podemos dizer que essas são produções singulares e que Pedro poderia estar realizando uma repetição com diferença, opondo-se à reprodução em eco proposta por Kanner (1943), ou ainda, à concepção de Lasnik-Penot (1997) que considera tais produções como meras reproduções, que não produzem diferença. Vejamos mais um exemplo desse movimento:

Episódio 21:

P: a luz

T3: Tô consertando aqui o farol. Tá tirando o retrato

P: tá tirando o retrato todinho

No exemplo acima, Pedro produz uma ecolalia imediata “tá tirando retrato”, na qual reproduz como bloco a fala da terapeuta. Entretanto, podemos observar que o bloco todinho se desloca e agrega-se àquela produção fazendo emergir o “tá tirando retrato todinho”. A partir daí o “todinho”, bem como, sua variação “tudinho” vão se agregando a vários blocos: “Tá fazendo barulho todinho”, “o carro quebrou todinho”, “foi Pedro que chorou tudinho”. Assim, poderíamos metaforizar esses rearranjos como verdadeiros malabarismos que rompem com padrão inicial da sua fala demonstrado no episódio 1. A seguir, traremos mais alguns exemplos de como os blocos “todinho” e “tudinho” vão se agregando a outros blocos:

Episódio 22:

T2: Eita que motorista barulhento!

L: Rubinho Barrichelo é Paulo? Ah, Rubinho, Rubinho rapaz, cuidado pra não virar nesse carro! (fala para um outro menino do grupo)

P: **vai nesse carro** / todinho!

Episódio 23:

H: é, é, é, é, u, u, a, a, é, é!!

T2: só porque Lia tá conversando!!

P: **Tava fazendo barulho** / todinho

Episódio 24:

T3: Vamos bater palma! (fala para Hélio)

L: telefona aí vai, telefona aí pro aeroporto, pra força aérea.

P: [pega o fone e põe no ouvido] força aérea, ô força aérea, / **Não é pra fazer barulho não** /todinho!

Nos recortes que destacaremos a seguir, podemos observar mais um exemplo daquilo que estamos considerando como terceira posição, sob a metáfora do malabarista. Como veremos a seguir, Pedro operará fragmentações e recombinações de diferentes blocos verbais, produzindo um terceiro enunciado que se apresenta com o um resultado dessas operações:

Episódio 25:

Situação: Pedro relata às terapeutas que um colega seu, no dia anterior, derrubou as cadeiras da sala de terapia.

T2: E ele continuou.

P: Não derrube as cadeiras Adriano! Adriano, não derrube as cadeiras!!

T2: derrubava as cadeiras na

P: jogava nele.

P: Adriano derrubou as cadeiras!

T2: Pois é tia, devia estar muito aperrado pra fazer essas coisas que sabe que não é pra fazer.

P: Adriano, não derrube a mesa!!!

T2: Porque não pode.

P: Porque não pode Adriano. Não derrube a mesa! Não derrube a mesa!!

T2: Mas Paulo também. Sabe o que Paulo fez ontem? Paulo pegou a almofada ai fez um dormiu não, você... a brincadeira...

P: A brincadeira acabou! A brin-ca-dei-ra a-ca-bou. Adriano Derrubou as cadeiras!

Episódio 26:

P: A brincadeira acabou

T2: Por que a brincadeira acabou? Pode brincar mais...

Episódio 27:

T2: Ô Paulo, deixa eu contar isso, é importante rapaz, aí Sr. Silva

P: Acabou as cadeiras

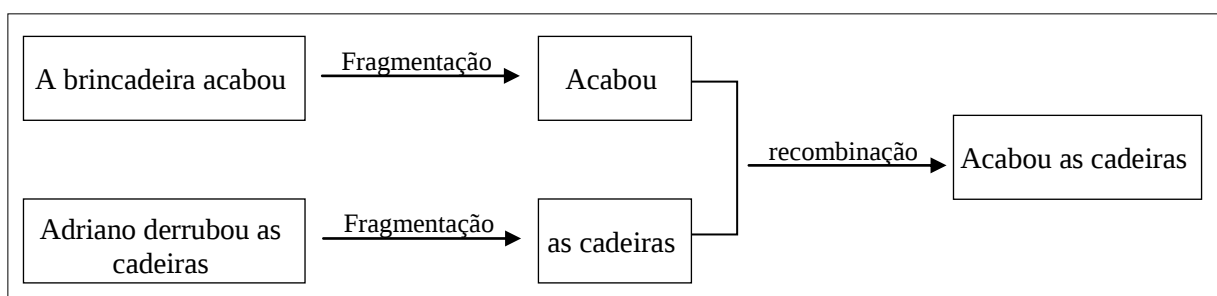
T2: pois é ...

T3: Que brincadeira é essa Paulo?

P: Acabou brincadeira. Brincadeira Acabou. Aca-bou brincadeira!

No episódio 25 destacado acima, pudemos ver emergirem nos dados, pela primeira vez, os blocos “a brincadeira acabou” e “Adriano derrubou as cadeiras”. No episódio 26, vemos, mais uma vez, a emergência do bloco “brincadeira acabou”. Porém, no episódio 27, vemos uma possível atuação dos movimentos de fragmentação e recombinação, presentes na fala de Pedro nessa terceira posição: o menino parece fragmentar os blocos “a brincadeira acabou” e “Adriano derrubou as cadeiras”, de maneira a produzir “Acabou as cadeiras”. Dessa maneira, Pedro traz, do primeiro bloco, o fragmento “Acabou”, desprezando o restante da cadeia, trazendo, do segundo bloco, o fragmento “as cadeiras”, é o que tentamos ilustrar abaixo:

Figura 3. Fragmentação 1



Fonte: (dados do estudo - elaborada pela autora)

Como vimos, Lemos (1997) discute que a criança em fase de aquisição de linguagem ocupa três posições diante da língua. Em particular, na segunda posição, onde há a predominância do polo da língua, a autora ressalta que a fala da criança está submetida aos processos metafóricos e metonímicos, evidenciados pelas produções estranhas. É nesse momento que a criança passa a realizar um constante movimento de desestruturação e reestruturação das cadeias verbais contidas na fala da mãe. Vejamos o exemplo a seguir:

(C - 2; 0.15)

C: Criança

M: Mãe

C: Qui, Qui, Qui, aqui é sagadu. Qui u tio Marciu?

M: U tio Máciu tá guiandu o cano.

C: tá?

M: tá.

C: a tia Lillian tá Qui, guiandu u carru?

M: Não, a tia Lillian tá conversando cum tio Márcio.

C: Ondi eia lá? Ondi, eia tá fazenda??

As produções dessa criança considerada normal podem ser concebidas como resultado de um cruzamento das cadeias verbais da criança com as da mãe, as quais permitem ilustrar que a criança realiza uma desestruturação das cadeias verbais presentes na fala da mãe para, posteriormente, reestruturá-las. Assim, tal movimento de desestruturação e reestruturação traz, como resultado, uma produção estranha, singular e de caráter equívoco: “onde ela tá fazendo”, que traz subjacente a ela uma possibilidade de múltiplos sentidos. Dentre tais sentidos, está o de que essa criança pode ter trazido, nessa produção, fragmentos de duas diferentes cadeias verbais: “onde ela está” e “o que ela está fazendo” formando, a partir da desestruturação destas duas cadeias, uma nova cadeia.

Nesse ponto, porém, interpõe-se uma delicada questão: ao mesmo tempo em que podemos apreender uma certa semelhança entre o movimento de Pedro na terceira posição e o movimento de desestruturação/reestruturação das cadeias numa criança sem obstáculos em seu percurso linguístico, apontado por Lemos (2001), onde estaria aí a diferença, ou ainda, diante disso, o que poderia ser tomado como marca da singularidade de Pedro em relação à criança citada?

Frente à produção “onde ela tá fazendo?”, da criança sem obstáculos, deparamo-nos com o equívoco que abre possibilidades de várias interpretações e aponta para a atuação dos processos metafóricos e metonímicos. Em contrapartida, as produções de Pedro, embora

sujeitas a fragmentações e recombinações, parecem preservar o caráter de bloco. Expressões como: “o carro tá tudo quebrado” e “acabou as cadeiras” parecem dificultar a inferência de cadeias subjacentes, impedindo o equívoco nessa fala, ou seja, a possibilidade da emergência de múltiplos sentidos para esses enunciados. Sob esse aspecto, torna-se difícil falar em processos metafóricos na fala de Pedro.

Assim, nessa terceira posição, apesar da dificuldade de apontarmos nos dados uma atuação dos processos metafóricos na fala de Pedro, na medida em que essa criança fragmenta os blocos re combinando-os, parece-nos subjacente uma atuação dos processos metonímicos que, nesse menino, atuam de uma forma muito singular, apontando para uma, também singular, captura de Pedro pelo funcionamento linguístico.

Diante do que foi discutido, essa terceira posição nos chama atenção por ser um movimento muito singular da fala de Pedro e que parece indicar uma mudança na sua posição subjetiva. Diante disso, resolvemos chamá-lo de **“Pedro, o malabarista dos blocos ecolálicos”**, visto que ele parece fazer verdadeiros malabarismos, realizando os mais diversos rearranjos e recombinações; fragmentando e cindindo os blocos, reorganizando-os e reinventando-os. Assim, através de um processo metonímico singular, os blocos e seus fragmentos vão ligando-se uns aos outros, sem uma lógica aparente, surpreendendo e interrogando o investigador ao lançá-lo, desse modo, frente a um intrigante efeito de estranhamento.

O que podemos observar é que haviam mudanças qualitativas advindas do campo linguístico de Pedro e essas mudanças parecem acontecer via ecolalia. Assim, apesar do obstáculo na sua trajetória linguística, Pedro nos mostra a riqueza dos questionamentos que pudemos levantar diante da sua fala. Face ao exposto, essa terceira posição é caracterizada por uma singular movimentação na fala de Pedro, através da qual ele opera transformações em seus blocos verbais, fragmentando-os e re combinando-os. Dessa forma, apesar da preservação dos blocos ecolálicos em sua fala, pudemos apreender, nessas transformações, uma atuação na qual seria autor, ou ainda co-autor dessa fala, já que ela traz o outro em seu conteúdo(os blocos) e o próprio Pedro em sua forma (fragmentações e recombinações). Em outros termos, apesar da fala de Pedro ser, na sua grande maioria, composta pelos blocos da fala do outro, esse menino parece emergir como sujeito falante na medida em que a movimentação presente sua fala, ao fragmenta e re combinar, parece ser de sua própria autoria. Passaremos agora para a análise dos dados do segundo sujeito dessa investigação: João.

5.2 Sujeito 2 - João: O equilibrista caminhando na corda bamba da linguagem

a) Quem é João? (um pouco da história)

João tinha 11 anos na ocasião das filmagens e foi encaminhado ao CEMPI pelo serviço de psiquiatria do IMIP (Instituto Materno Infantil de Pernambuco) com o diagnóstico de autismo. João é o filho caçula de uma família de nível socioeconômico baixo, a sua mãe, Marta era costureira, segundo relatos da mãe, seu pai, Jorge, era “pistoleiro” e motorista. A sua mãe relatou que se separou do marido quando estava grávida de João, aos 6 meses de gestação. Eles brigavam bastante e, além disso, ele tinha um relacionamento extraconjugal. A mãe ainda relatou que esteve doente durante a gravidez de João, não se alimentava de forma adequada e o seu marido lhe que dizia que não queria outro filho e que ela deveria fazer um aborto. A mãe também disse que ele “passou do prazo de nascer” e ela teve que ser submetida a uma intervenção cirúrgica. Segundo relatou, João pareceu nascer saudável, mas ela começou a notar que havia uma diferença no desenvolvimento dele, quando comparava-o aos outros filhos. João foi criado pelas tias porque a mãe teve que trabalhar, pois não tinha mais dinheiro. Ficou com essas tias até os 4 anos de idade e, segundo a mãe, quando visitava-o sempre “notava algo diferente”.

O pai, segundo ela, não ajudava em nada, nem estava ciente do problema do filho. A mãe tentou coloca-lo em três escolas, mas nenhuma o aceitou, mas atualmente, João estuda numa sala especial de uma escola pública do estado. Teve um atraso significativo na aquisição da linguagem falando as primeiras palavras aos 4 anos de idade. A mãe diz que ele falava pela televisão imitando as frases que ouvia. A mãe diz: “ele tá dividido entre a linguagem dele e a da gente”. A mãe também queixava-se que ele não olhava para as pessoas e não dava atenção a nada, gostava de brincar só, disse que se alguém se aproximasse ele saía logo de perto. Diante desses relatos, logo pode-se perceber que João apresenta comprometimento nas três áreas do desenvolvimento: interação social, linguagem/comunicação e atividade imaginativa. João Participava do grupo terapêutico com mais dois meninos William e Nando, da sua mesma faixa etária, João também era muito falante, apresentava a fala ecológica e fazia tratamento em grupo e individual.

b) A ecolalia de João

De um modo geral, pudemos observar que, embora João apresentasse uma fala bastante ecológica, a sua fala guardava certas particularidades que merecem ser aqui

destacadas. Sua ecolalia parecia contextualizada, visto que observamos com mais frequência a ecolalia imediata, ou seja, João repetia de forma imediata a fala do outro, ou seja, o intervalo entre o enunciado prévio e a sua produção ecolálica era mínimo. Dessa forma, a maioria das suas produções ecolálicas versavam sobre o que estava acontecendo durante as sessões, diferentemente de Pedro. Vale destacar que as suas repetições eram predominantemente circunscritas à fala de uma das terapeutas, Fernanda⁷. Esse aspecto será discutido melhor, mais adiante nos dados.

Assim como no corpus de Pedro, também pudemos identificar nas produções ecolálicas de João possibilidades de mudança que indicariam o que estamos chamando de quatro principais posições, as quais se alternavam, sem que pudéssemos identificar uma superação de uma em detrimento da outra. Dessa forma, não estamos falando em estágios, mas em possibilidades, via ecolalia, de mudança do ponto de vista estrutural da relação dessa criança com a linguagem. Tais possibilidades, portanto, poderiam estar representando mudanças na posição subjetiva de João. Passemos, então à discussão acerca dessas (4) quatro posições⁸.

1ª posição: Repetições de falas de outros desconhecidos

Nesta posição, João apresenta um tipo de manifestação verbal que se assemelhava a um monólogo de difícil interpretação. Parecia que João estava narrando algo e essas produções emergiam à revelia da fala e da presença do outro. Era como se João fosse, de repente, invadido por falas alheias. Tais falas eram compostas por reproduções literais, trechos de falas de televisão, textos bíblicos e músicas. Essas repetições eram descontextualizadas, falas aparentemente sem endereço. Os exemplos abaixo retirados do corpus ilustram aquilo que estamos chamando de primeira posição ocupada por João:

J: João	W: William	N: Nando	Fg: Fagner
F: Fernanda	T1: Terapeuta 1	T2: Terapeuta 2	T3: Terapeuta 3

Episódio 1:

T2: Vai perguntar aos meninos: se topam ou não topam?

W: João!

William passa a corda no pescoço de João

⁷ A terapeuta autorizou que utilizássemos o seu nome verdadeiro.

⁸ Vale ressaltar, que o termo "posição" não faz uma referencia direta às três posições da criança rumo a aquisição de linguagem destacadas por De Lemos (1992) estamos buscando apreender a forma singular com que João se relaciona com a linguagem.

T2: pergunta a João...

J: Ai Ai...

W: Cuidado!

João se livra da corda olha pra câmera e faz gesto de negação. Ele se dirige ao portão e depois contorna a grande mesa.

W: Ação!

W: Oh João, oh João, tem esse aqui

William mostra os objetos do armário

J: “fui atrás do meu pai.. tudo que você precisa saber”

T3: O que foi que ele disse?

T2: Só entendi meu pai

T3: que é que tem seu pai?

Episódio 2:

J: João

João joga para bola

T1: é uma bola de...como é nome dessa bola?

T2: de Beisebol..

T2: de Beisebol..

João fecha as portas do armário, faz gestos com os braços, enquanto fala na frente do armário.

J: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra ENTRE OS HOMENS de boa vontade. (texto bíblico)

Episódio 3:

W: eita!

William derruba uma caixa, João reergue, começando a por brinquedos na caixa.

W: eita!

J: ... agora 520 megahetz

Episódio 4:

F: ajuda a arrumar !

J: caixa de brinquedos

T1: não William, não!

W: tudo bem!

J: “A festa da produtos de qualidade”

Episódio 5:

(João contorna a grande mesa e vai em direção a câmera, sorrindo, Nando coloca os brinquedos dentro da caixa)

N: caiu

T3: Oh João? Tu vive andando, Jô, vá apanhar os brinquedos!

J: Tinta de pintar igreja

F: é o que?

J: Pintar tinta, pintores de igreja

T3: pintores da igreja?

Os exemplos acima corroboram a entrevista da mãe na qual afirmara “ele agora está dando pra falar pela televisão, imitando frases que ouve, um dia o vi imitando todo um comercial de televisão”. Podemos dizer que essas repetições de João não fazem laço com a fala do outro. Poderíamos, ainda, falar que nessa posição, há uma dependência da fala do outro, entretanto, esse outro é desconhecido, não está presente naquele contexto. Dessa forma, podemos dizer que esta não seria uma dependência dialógica. Essas manifestações verbais parecem não ter destinatários, nem esperar resposta. Podemos observar nos trechos acima destacados em vermelho, o efeito de estranhamento que essas falas causam no outro, assim como, podemos observar nos episódios (1) e (4) a reação das terapeutas frente a essa fala. É interessante destacar que, esse mesmo efeito se fez presente nas investigadoras quando estavam diante dados.

Nessa primeira posição, podemos demarcar facilmente as diferenças entre a repetição na aquisição de linguagem, apontada por Lemos (1997), e esse tipo de fala. A fala da criança é fragmentada, tais fragmentos, circulam entre falas e se articulam, enlaçam-se na fala do outro, implicando trânsito, incorporação mútua. Em contrapartida, o que mais caracteriza essa primeira posição de João é o fato dela não ser dialógica, ou seja, ser completamente desatrelada da fala do outro e marcada por uma impessoalidade que tem sua expressão máxima na imitação da entonação de uma voz que não se sabe de onde vem. É importante ressaltar que esse tipo de manifestação ecológica, embora estivesse presente durante as sessões, não foi encontrada com tanta frequência se comparada a outros tipos de manifestações verbais desse menino, nem se mostrou persistente, tendendo inclusive a diminuir ao longo do tempo.

b) 2ª posição: repetição imediata da fala da terapeuta: repetição sem diferença

Essa posição caracteriza-se por uma reprodução *ipsis literis* das fala das terapeutas ou de partes destas. Podemos identificar nessa fala um caráter de “eco” na medida em que eram repetições imediatas da fala das terapeutas, ou seja, o intervalo entre o enunciado prévio e a sua produção ecológica era mínimo. Poderíamos ainda dizer que, nessa posição, a fala de João se assemelha a uma reprodução, tal como propõe Lasnik Penot (1997). Reprodução

remete à mesmice e não abre possibilidade da emergência do novo, da pluralidade, da diversidade e assim como na primeira posição, dificulta o diálogo e a interpretação. Vejamos a seguir alguns exemplos que ilustram o que estamos caracterizando como segunda posição:

Episódio 6:

F: esse trem tá muito rápido.
 T3: é o trem bala
 J: esse trem tá rápido
 F: esse trem tá rápido demais
 J: rápido demais (mesma entonação)

Episódio 7:

João passa um tempo perto do portão de entrada com a corda do trem na mão depois sai do local.
 F: tudo bom!
 J: tudo bom (mesma entonação)
 F : tu tás encabulado é?
 F: Não?
 J: Não?
 J: Não nada
 F: não nada?

Episódio 8:

F: Tu não tá aqui esperando?
 J: Tu ta esperando?
 F: eu tou, tu tas?
 J tu tas esperando?
 F: eu tou, Tu tas?
 J: eu tou!
 F: tu ta também?
 J: tu ta também?
 F: oche tu ta repetindo o que eu tou dizendo é?

Episódio 9:

F: ui
 João se coloca no meio do percurso da bola, ficando entre Ferannda e Fagner
 F: quem é o doidinho?
 Fg: Eu
 J: quem é o doidinho?(sorrindo)
 Fg: Eu Fernanda joga a bola por cima de João, para Fagner. Ele devolve pra ela
 F: é João, Pega João , a bola , vai João

Episódio 10:

F: quem é que escreve as das estações heim?

W: Eu! Eu!

J: Oi

F: quem é que escreve?

W Eu!

J: quem é que escreve?

F: quem já sabe escrever?

J: escrever

W: ah

F: quem sabe escrever?

W: Eu

J: quem sabe escrever?

As produções destacadas acima caracterizam-se pela manutenção das características prosódicas originais, por uma ausência de segmentação e pela repetição fônica da fala do outro, sem aparente significação ou deslizamento de significantes (LIER DE VITTO, 1994). Poderíamos falar no que Jeruzalinsky (1993) chama de posição de “colagem absoluta ao Outro”. Ao recorrermos a Lemos (1997), poderíamos dizer que essas repetições não poderiam ser consideradas um processo de espelhamento que caracteriza a primeira posição da criança frente à língua. Nesta última, os fragmentos da fala da mãe (outro representante da língua) incorporados pela criança correspondem a deslizamentos metonímicos da fala do outro para a da criança. Portanto no espelhamento falamos que há diferença entre as falas da mãe e da criança: mesmo que os fragmentos da fala da mãe façam presença na fala da criança, a diferença entre elas logo se mostra na medida em que o significante pode ser o mesmo, mas o significado, é indeterminado. O exemplo abaixo retirado de Lemos (2002 p. 57) ilustra como caracteriza-se o processo de espelhamento, característico da primeira posição da criança frente a língua:

(criança entrega para mãe uma revista - C: criança e M: mãe)

C: Ó nenê / au au

M: auaau? Vam acha o auau? O a moça tá tomando banho.

C: aya? Eva?

M: É, ta lavando o cabelo. Acho que essa revista não tem au au nenhum.

C: au au

M: só tem moça, moço, carro, telefone.

C: alô?

M: alô quem fala? é a Mariana?

Diante desse exemplo, observamos o retorno na fala da criança de partes dos enunciados da mãe. Entretanto, esse retorno permite ir além da semelhança, pois os

significados da fala da criança não estão explícitos, eles convocam interpretação do outro para significá-los e permitir a coesão e a progressão do diálogo.

Essa não coincidência está ilustrada no exemplo acima na relação entre os enunciados “tomando banho” na fala da mãe e “ava” na criança e entre “telefone” e “alô”, apontando para uma relação entre significantes, ou seja, para o funcionamento linguístico. As relações estabelecidas entre os termos destacados mostram como a coesão e a progressão do diálogo estão ancorados na interpretação da mãe.

Dessa forma, o espelhamento, segundo propõe Lemos (1997), seria, então, uma **repetição com diferença**: não haveria uma coincidência absoluta entre a fala da mãe e a fala da criança. Em contrapartida, na segunda posição ocupada por João, haveria uma coincidência monótona entre as falas que não dá lugar à diferença.

Entretanto, é interessante ressaltar um aspecto que se destaca no corpus estudado e que caracteriza essa posição: João não repete qualquer fala, ele elege a fala de uma terapeuta – “Fernanda” - com a qual existem maiores indícios do estabelecimento de uma vinculação afetiva, como podemos observar nas transcrições das sessões: demonstrações de carinho mútuo, a convocação do olhar de Fernanda por parte de João e que Fernanda também parece privilegiar a fala de João, significando-a. Os exemplos abaixo procuram ilustrar a relação de Fernanda com João.

Episódio 11:

Fernanda tenta tocar João e ele se afasta um pouco. Ele próprio toca o seu olho e sorri.

F: Cadê o nariz de João?

João se afasta novamente com a aproximação do dedo de Fernanda.

J: tá aqui

F: cadê a boquinha de João? cadê... cadê a boca

João sorri mexendo na sua boca, afastando para perto do portão.

F: virge deixa eu pegar a boca de João! (João pega a máquina fotográfica que estava em cima da grande mesa. Coloca no rosto e convoca com um gesto o olhar da câmera - Fernanda)

F: Deixa eu pegar a boca de João, cadê , cadê boca?

Para Jeruzalinsky, o corpo do autista está às margem da linguagem na condição “de pura carne” (JERUZALINSKY, 1999). Discutindo acerca do processo de aquisição de linguagem, Lemos coloca a criança como corpo pulsional, que demanda interpretação, isto é, um “corpo que articulado na e pela linguagem se acha no regime da demanda e do desejo” (LEMOS, 2000, p. 32). No episódio acima, observamos que Fernanda parece significar o

corpo de João, reconhecendo-o como corpo pulsional que demanda interpretação, trazendo-o para o campo da palavra.

Episódio 12:

J: Fagner, brigar com ele essas coisas. Fernanda se dirige a João

F: Já pensou? João aponta o dedo pra Fernanda passando por ela

J: Já peeeensouuuuuuu

F: já pensou , nisso? João se volta pra o trinco do armário

J: você já pensou nisso? Fernanda insiste novamente com Fagner

F: vem cá Fagner, Oh Fagner? (João sai do armário dirige-se a parede e logo depois aproxima-se, sorrateiramente de Fernanda, que está encostada no portão, do lado de fora da sala, dando-lhe um beijo no braço)

F: tu desse um beijo aqui no meu braço, foi?

João se afasta sorrindo com as mãos no rosto

J: foi um beijo

F: foi um beijo rosa no meu braço!

T3: e foi?

F: foi

F: passe

J: passe! Passe! Passe!

F: passe pra dentro!

J: passe pra dentro!

Podemos observar no extrato acima a demonstração de carinho de João em relação a Fernanda, quando, sorrateiramente, ele vem dar-lhe um beijo. Vale ressaltar que a mãe relata na entrevista, que ele, normalmente, afasta-se das pessoas, parecendo não estabelecer um vínculo afetivo com elas. Logo depois o menino passa a repetir a fala de Fernanda corroborando a nossa afirmação de que a fala de João está predominantemente circunscrita a fala dessa terapeuta, o que também pode ser observado nos exemplos que caracterizam a segunda posição.

A partir de agora, portanto, procuraremos abrir um espaço para algumas possibilidades de interpretação. Levando-se em consideração que o grupo de terapia era composto por mais duas terapeutas e duas outras crianças poderíamos dizer que há uma visível predileção de João pela fala de Fernanda. Nesse momento, poderíamos recorrer às teses lacanianas e levantar algumas questões que nos parecem pertinentes, mas que não poderiam ser esgotadas nesse trabalho: qual o lugar que Fernanda estaria ocupando diante João? Poderíamos arriscar dizer que Fernanda estaria sustentando o lugar de Grande Outro?

Ao nos reportarmos à história de vida de João podemos perceber que ele foi uma criança que nasceu em circunstâncias adversas, nas quais os pais já não se entendiam. O pai o rejeitou desde o ventre e permaneceu ausente na sua vida. A mãe, por sua vez, teve uma

gravidez complicada e não pôde criar João, dessa forma, o menino foi criado por tias com quem não parecia possuir vínculo significativo. Foi também relatado pela mãe que João preferia estar só e sempre se afastava das pessoas. Diante disso, podemos supor, a partir desses dados, que na falha a constituição subjetiva pode ter ocorrido devido a possibilidade dessa criança não ter ocupado um lugar de desejo nessa família. De acordo com Lasnik Penot (1997), o autismo seria um fracasso da alienação por uma incapacidade de alguém do entorno da criança sustentar o lugar de Grande Outro.

Como foi visto na fundamentação teórica, o Outro seria o “tesouro de significantes”, um lugar terceiro de onde vêm os significantes que fundam a posição do sujeito (Lacan, 1988). Esse Outro pode ser entendido, portanto, como o universo prévio da palavra, o lugar em que a constituição subjetiva se dá, sendo, segundo aponta Milner, “o grande Outro (A)”⁹ da linguagem, que está sempre aí. É o Outro do discurso universal, de tudo o que foi dito, na medida em que é pensável” (MILNER, 1989, p. 22).

Isso posto, compreendemos, a partir da leitura lacaniana, que é nesse lugar onde o sujeito é fundado, no campo do Outro, no lugar do seu desejo onde a criança é colocada, falada, inventada. Assim, estaria posta a posição inicial da constituição subjetiva: a de ser falado por esse Outro, que representa a estrutura prévia da linguagem, ou seja, a posição de receber dele os significantes ofertados, estando submetido ao seu saber. Assim, nos diz Lacan que “o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro” (LACAN, 1986, p. 178), sendo, portanto, “determinado pela linguagem e pela fala” (LACAN, 1986, p. 187).

Finalmente, esse Grande Outro, como lugar de oferta de significantes, pode vir a ser ocupado por um elemento do plano da realidade: inclusive o analista. A partir dessas colocações, poderíamos supor que Fernanda, na posição de analista, poderia ser esse outro de carne e osso que estaria sustentando ou ocupando o lugar de Grande Outro na relação com João. Diante dessa interpretação, essa posição ganha uma outra roupagem: poderíamos falar que, nessa posição, João encontra-se alienado na fala de Fernanda? Seria possível que, através de Fernanda, João começaria a ingressar no registro do imaginário e posteriormente do simbólico? Estaria Fernanda viabilizando uma forma muito singular uma situação de espelhamento? Essas são possibilidades de interpretação que deslocariam a discussão da ecolalia para uma outra direção: será que as produções ecolálicas emergem mesmo ao acaso? Essas produções seriam de fato um eco de uma subjetividade vazia que se aproximaria de um “grau zero”? Ou, ao contrário, elas nos diria algo desse sujeito?. Essa questão será

⁹ O “A” refere-se ao Outro em francês: “Autre”.

retomada mais adiante. Passemos, portanto à discussão acerca da terceira posição encontrada na fala de João.

c) 3ª posição: Repetição com diferença: a emergência do novo

Podemos observar que, nessa posição, João continua privilegiando a fala de Fernanda, entretanto, começa a operar modificações nessa fala, trazendo novos elementos para dentro da cena terapêutica. É interessante observar que essas operações resultam, inclusive, na emergência de novas possibilidades dentro do grupo. Podemos perceber que, ao contrário de uma colagem absoluta ao Outro, poderíamos falar de uma ancoragem na fala deste Outro. Em outras palavras, a partir dessa ancoragem na fala de Fernanda, João se arriscaria a se afastar dela, tornando-se, então, autor da sua própria fala. Dessa forma, chamamos atenção para o fato de que, nessa posição, a fala de João perde caráter de rigidez da primeira e da segunda posição. Aqui, pudemos observar que a atividade imaginativa, a novidade e a comunicação estão mais presentes, caracterizando o que Garcia Roza chama de repetição com diferença: “produtora de novidade e, portanto, fonte de transformações” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 24).

A repetição diferencial, ainda segundo esse autor, toma um sentido positivo e pode constituir-se como instrumento no sentido da cura. Podemos dizer que, nessa posição, há uma mudança qualitativa significativa na fala de João e conseqüentemente, uma possível mudança na sua posição subjetiva. Já não podemos falar em coincidência, em monotonia, dado que há, visivelmente, uma circulação de novos significantes e uma continuidade do diálogo. A seguir, apresentamos um exemplo retirado do corpus que ilustra o que estamos chamando de terceira posição.

Episódio 13:

(Todos estão participando de uma brincadeira de trenzinho, todos enfileirados saíram pelo hospital cantando piui ta-tá-tá.)

O trem passa por uma encruzilhada que poderia levá-los ao CEMPI, João então diz:

J: Estação CEMPI

T3: vamos pra estação CEMPI, ouviu Ana o que João disse?

J: es-ta-ção Cem-pi

W: ah ah aha (sorri)

J: cempi

J: estação Cempi

T2 vamos todos pra o Cempi, lá na estação

J: estação Cempi

T2 estação copa

J: copa
 O trem está passando pela copa
 T2: vamos passar pela pneumologia, estação pneumologia
 J: estação Cempi

Podemos apreender, a partir desse exemplo, onde o grupo estava brincando, todos enfileirados em forma de trem, que, surpreendentemente, João traz um elemento novo para o contexto: “estação CEMPI”. Vale ressaltar que esse elemento novo, não é um elemento estranho, pois guarda uma estreita relação com o que está se passando na sessão. Diferentemente dos blocos ecológicos da primeira posição que pareciam emergir à revelia da presença do outro, a produção “**Estação CEMPI**” incorporou-se à brincadeira e começou a configurá-la de uma forma diferente, mobilizando todo o grupo. Destacamos ainda que depois desse episódio, a terapeuta passou a nomear diversas “estações”. “Estação copa” “Estação psiquiatria” e assim por diante. Aqui podemos ratificar aquilo que Garcia- Roza (2003) coloca como sendo uma repetição com diferença: produtora de novidade e fonte de transformações. A seguir, um outro exemplo vem dar maior sustentação ao que foi explicitado:

Episódio 14:

João fecha a abertura de unia grande caixa e se dirige a câmera.

F: ação - João vai para cena
 F: João empurre a caixa de brinquedos
 William vai para a cena
 F: William vai ajudar
 Enquanto os dois carregam a grande caixa, a tal caixa cai no chão
J: Caixa de brinquedo ta-ba-já-ra
 W: eheheh
 F: é tabajara?
 J: ta-ba -já- ra , caixa de brinquedo tabajara
 W caiu, caiu, caiu
 J: a caixa de brinquedos tabajara sumiu
 F: Tabajara!(sorri)
 W: caiu oh caiu
 F: eita a caixa de brinquedo se abriu
 J: tabajara
 F: a caixa de brinquedos tabajara se abriu.
 Enquanto João e Nando colocamos brinquedos dentro da caixa, William tenta empurra-la.
 J: eita tabajara
 William traiçoeiramente derruba tal caixa de novo. João começa a colocar tudo de novo na caixa com bastante vigor.
 William continua a tentar derrubar. Jô derruba todos os brinquedos da caixa emborcando-a

J: vira, vira!
 F: a caixa do atelier tabajara!
 J: a caixa de brinquedos tabajara
 T2 ah tabajara, é a rede tabajara do caceta e planeta!
 W tabajara
 F: pois é!

Esse exemplo mostra, de forma bastante interessante, essa posição que estamos tentando ilustrar. João repetiu a expressão “caixa de brinquedo” advinda da fala de Fernanda. Podemos perceber que o fato da caixa ter caído desastrosamente parece ter feito com que João fizesse uma associação metonímica com o programa de humor Caceta & Planeta. Essa associação fez com que ele trouxesse o elemento novo- “tababajara”- para aquela situação dialógica. Assim, João repete com diferença produzindo uma novidade na sua fala: “caixa de brinquedo tabajara”. Essa produção incorpora-se ao diálogo e passeia pelas falas das terapeutas e dos outros integrantes do grupo, terminando por configurar uma nova brincadeira “engraçada:” a de juntar os brinquedos e depois deixa-los cair novamente. Esse elemento novo que se incorporou à produção ecológica parece ter aberto as portas para a configuração de uma verdadeira situação dialógica. Nesse extrato, vemos incorporação mútua, trânsito entre as falas e pluralidade, características do processo de espelhamento proposto por Lemos (2002).

Dessa maneira, a emergência de um significante novo rompe com o padrão de fixidez e imobilidade das produções ecológicas ilustradas na primeira e na segunda posição. Vale ressaltar, entretanto, que, na maioria das vezes, é na fala de Fernanda que João encontra solo fértil para operar essas transformações. Segue-se abaixo mais um exemplo que caracteriza essa terceira posição de João:

Episódio 15:

Fernanda encontra peças de encaixe (verde, amarela e verde). Ela fecha as portas do armário e se volta para frente de João e Fagner.
 F: Oh sinal
 J: oh sinal
 Fernanda se dirige a João com a peça de encaixe
 F: que cor é essa?
 J: Siga
 Fernanda pede silêncio a Fagner, com gesto com a mão.
 F: que cor é essa?
 Fg: verde
 J: verde
 F: siga

João da partida no seu carro de brinquedo, Fernanda, interrompe tal arrancada.

F: que cor é essa?

J: pare

F: esse é pare

Fernanda, agora, apresenta a peça amarela

F: E esse?

B: atenção

F: atenção, vamos lá

João bate na mesa e dá partida no seu “carro”

A partir daí começa uma brincadeira com os supostos sinais de trânsito conduzida por Fernanda

No exemplo acima, observamos, novamente, que João se ancora, num primeiro momento, na fala de Fernanda, entretanto, faz uma associação metonímica (por contiguidade) entre as cores mostradas por ela e a sinalização de trânsito (verde = siga; vermelho= pare; amarelo = atenção). A partir daí a brincadeira começa a se configurar de uma forma diferente: Fernanda sinalizava com as peças e os meninos obedeciam aos “supostos” sinais de trânsito. Esse episódio corrobora o que já foi ilustrado, ou seja, que João consegue trazer para relação a dialógica, por contiguidade, novos elementos e esses novos elementos abrem possibilidades de incorporação mútua, de um enlace na fala do outro, que se aproxima do que Lemos chama de espelhamento, já que não há aquela coincidência absoluta da sua fala com a fala do outro. Como pudemos ver, esses episódios parecem ilustrar uma mudança na relação de João com a linguagem, onde podemos perceber a sua captura pelo funcionamento da língua (metonímia) portanto, diante dessa possível e singular captura, poderíamos supor a existência de uma possível e também singular forma de organização simbólica que afastaria definitivamente o autista da categoria de não humano. É interessante observar que João parece conseguir realizar essas mudanças via ecolalia.

A ancoragem de João na fala de Fernanda vem dar mais força ao nosso argumento de que de Fernanda poderia estar sustentando o Lugar de grande Outro, “tesouro de significantes”, um lugar de onde vêm os significantes que fundam a posição do sujeito (LACAN, 1988). Assim, parece ter sido a partir desse lugar que houve a possibilidade da emergência de um sujeito autor da sua fala.

d) 4ª posição: João e suas produções insólitas

Nessa posição, João apresenta composições onde pudemos encontrar uma combinação mais livre de significantes. Nessas produções, pudemos apreender um movimento (desestruturação e reestruturação) que rompe com o padrão rígido e estereotipado

atribuídos às produções ecológicas. Esse movimento parece abrir a possibilidade de se pensar numa predominância do funcionamento da língua (processos metafóricos e metonímicos), ao qual a fala de João parece estar submetida. Em outros termos, podemos fazer uma aproximação dessa posição com a segunda posição proposta por Lemos quando a fala da criança está submetida às leis de composição interna da língua (metáfora e metonímia). Segundo Lemos (1997), essa posição é primordialmente, caracterizada pelo erro, ao que Lemos (2002) chama de produções insólitas, que causam estranhamento: uma combinação imprevisível de significantes. Esse movimento de João, portanto, rompe, ainda que momentaneamente, com o padrão sintomático, previsível e estereotipado das produções encontradas na primeira e na segunda posição. Além disso, o erro evidencia o trabalho dos processos metafóricos e metonímicos sobre a matéria fônica.

Diante disso, poderíamos fazer a seguinte reflexão: ao contrário da criança sem obstáculo na sua trajetória linguística, aquilo que parece ser mais sintomático na ecolalia é o acerto, a colagem na fala do outro, uma inscrição na mesmice; porém, nessa posição, a fala de João parece romper com essa colagem na fala do outro e fazer uma passagem para o erro. Assim, ao retornarmos a Lemos (1997), vemos essa autora assumir o erro como sendo um indício de mudança, uma mudança qualitativa, mudança na posição da criança diante da língua. Dessa maneira, diante da passagem de João da mesmice ao erro, estaríamos falando de uma mudança na posição de subjetiva dessa criança em relação à língua, um momento onde sua singularidade emerge. O exemplo abaixo ilustra o que foi explicitado:

Episódio 16:

Situação: Fernanda está filmando o grupo. Uma criança (L.) está olhando o grupo pelo lado de fora da janela.

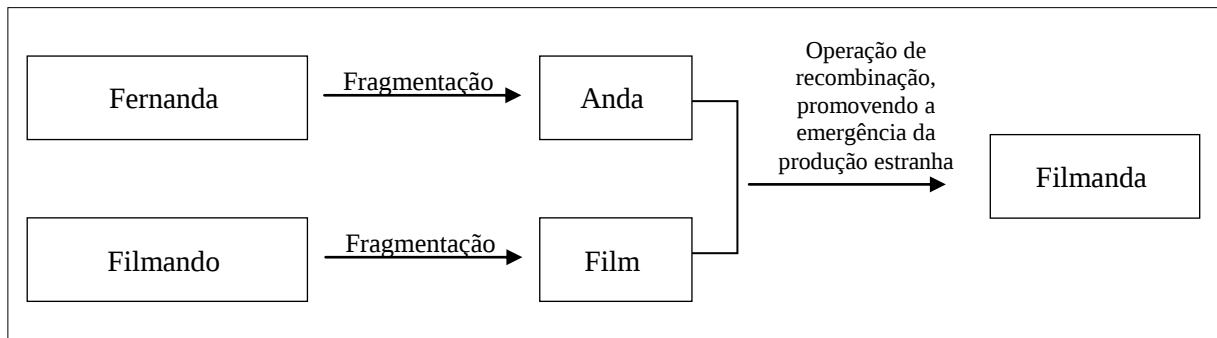
L.: Tu não quer ser filmado não é? Tu num quer ser filmado?

B.: **Filmanda**, tchau!

B: Filmanda

Nesse episódio, João parece ter fragmentado e cruzado ou, ainda, recombinao o nome de Fernanda com o verbo no gerúndio filmando, construindo, dessa forma, uma produção singular: **Filmanda**. Diante de tal produção, somos levados a inferir que ele usou o “anda” de Fernanda, já que não existe gerúndio no feminino e, fragmentando o termo “filmando”, emergiu com tal produção. Tentaremos apontar tal movimento com a seguinte ilustração:

Figura 4. Fragmentação 2



Fonte: (dados do estudo – elaborada pela autora)

A expressão “Filmanda”, além de causar estranhamento, abre a possibilidade de interpretação, põe em evidência a equivocidade da língua e rompe com o efeito de colagem ao Outro (JERUZALINSKY, 1993).

Explicando melhor, dizer que a produção “filmanda” põe em evidência a equivocidade da linguagem significa dizer que ficam subjacentes a ela diversos significados (“Filmando”, “Fernanda”, ou até mesmo “Fernanda está filmando”). Tal produção contrapõe-se frontalmente à posição de Vorcaro (1999) que assume as produções ecológicas do autista sendo holófrases.

Segundo essa autora, a holófrase estaria caracterizada, especialmente, pela colagem do par significante/significado, impedindo o deslizamento de um sobre o outro, deslizamento esse que permitiria que um significante não estivesse radicalmente submetido a um só significado e vice-versa. Ou ainda, uma colagem entre significantes que impediria a formação da cadeia e da substituição significante. Dessa maneira, a autora aponta que holófrase é o nome que Lacan dá a ausência de dimensão metafórica, fechando, assim, a possibilidade da emergência do equívoco na fala da criança autista e, conseqüentemente, a possibilidade de interpretação, já que, essa última se dá no campo do equívoco.

Diante dessa produção de João, ainda podemos refletir que os significantes “Filmando” e “Fernanda” guardam uma semelhança no que se refere à sonoridade, dessa forma, poderíamos estar falando no que Milner (1983) chama de homofonia (a evocação de um nome por semelhança sonora). Esse autor ainda discute que a homofonia está na ordem do simbólico, o que viria a corroborar nossa suposição de que João, nesse momento, foi capturado pelo funcionamento da língua, lugar de emergência do sujeito (LEMOS, 1997). Diante disso, um outro exemplo vem corroborar o que estamos discutindo:

Episódio 17:

João brinca com as outras crianças e com as terapeutas de entrar numa grande caixa olhe-se dentro da caixa:

F: 1, 2, 3 e Já

F.: “Lá vai! Vou fechar!”

J.: “Vou fee....” (sorrindo)

F.: “Um...”

J.: “Chaaaar! ! !” (sorrindo)

F.: “dois e três e ...”

J.: “E jáá!!! Ah, ah, aaaaahhh! !” (Sorrindo e gritando)

Momentos adiante, B. sai de dentro da grande caixa:

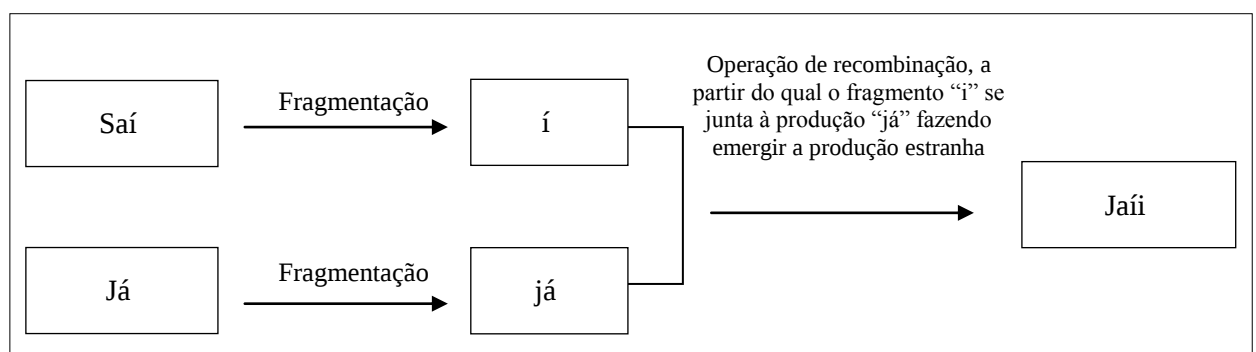
J.: “Saiiuii!!!”

J.: Sai correndo ao redor da mesa e gritando:

J.: “Jaíí!!!”

Mais uma vez, João nos surpreende quando emerge com a produção insólita "Jati". Podemos observar, a partir do episódio acima, que João parece ter fragmentado e cruzado o verbo "sair" na primeira pessoa do singular (saí), com a expressão “já” (“1, 2, 3 e já!!!”) presente nas cadeias verbais de Fernanda em várias sessões. O “jaz”?, portanto, parece ter emergido a partir do mesmo processo do qual emergiu o “filmanda”. Tentaremos destacar isso graficamente:

Figura 5. Fragmentação 3



Fonte: (dados do estudo - elaborada pela autora)

Tal produção, a partir dos subjacentes movimentos de fragmentação e recombinação, além de produzir novidade na fala da criança, abre para o equivoco, possibilitando diversas interpretações, dentre elas, por exemplo: “Já saí!”, dado que tal produção emerge depois de um jogo na qual a criança brinca de entrar e sair e de uma caixa. Logo abaixo, apresentaremos mais um extrato que ratifica o que viemos discutindo até aqui.

Episódio 18:

João estava vendo uma foto na revista dizendo

J: è di-fi-cil

N: maça desenhar

T: aonde?

J: Fícil

N: maçã

T: nessa mão?

N: sim!

J: de estar nessa mão, que nada!

T: o João , ela tá pedindo pra eu desenhar

J: Nhá-da, nhanda

Podemos supor que, nesse momento, João utiliza o “nhá” de desenhar e, novamente, fragmenta Fer/nanda irrompendo com mais uma produção insólita “nhanda”. Além de corroborar o que estamos discutindo até aqui, esse exemplo nos lança em mais uma reflexão. Diante de tal exemplo, podemos perceber que essas transformações que resultam na emergência dessas produções insólitas na fala de João, são operadas na fala e no nome de Fernanda, fato que pode ratificar a hipótese levantada acima de que esta terapeuta poderia estar ocupando o lugar de Grande Outro na relação com João ofertando-lhe significastes de subjetivação. Podemos observar que, na trajetória de João frente à fala de Fernanda, existem momentos em que ele parece alienar-se na fala da terapeuta (segunda posição), já em outros momentos a criança ancora-se nessa fala arriscando-se a afastar-se dela (terceira posição) e, em outros, ele opera verdadeiras transformações na sua fala separando-se, assim, da fala de Fernanda (quarta posição).

Dentro ainda dessa quarta posição, pudemos encontrar, no corpus estudado, algumas produções as quais não conseguimos apreender a origem, ou seja, de que cadeias verbais elas advinham. Tais produções causam no investigador um efeito de enigma. Apresentaremos a seguir algumas dessas produções.

Episódio 19:

J: Ei, ei, ei

N: Soldado João se aproxima da grande mesa, devagar, olhando alguns objetos sobre a mesa

J: Peradon

N: Soldado

F: É

João puxa uma cadeira da grande mesa, olhando para alguns objetos em cima da mesma

J: Bora

João passa pela frente de Nando e por detrás de Fernanda, indo em direção ao armário, abrindo as portas.

J: E agora que revista chegou agora!

Episódio 20:

N: aliiii

F: por favor!! Favor

João volta a mesa e se senta na cadeira que estava anteriormente sentado. Fernanda permanece sentada na mesa, tendo o desenho na sua frente. Nando está na janela da sala Fernanda se dirige a João.

F? Tu vai desenhar também?

J: Oi?

F: Tu vai desenhar?

J: Jiquii vil (tentando rasgar a pagina que tem uma grande foto de um avião da Varig).

F: Olha tem lápis aqui oh!

J: Não Fernanda pega alguns lápis que estavam sobre a mesa e um depósito vermelho que também estava repleto de lápis cera. João rasga a página da revista.

J: Jiqui Vil [...]

F: Nando? Não Nando!!

Nando sai da frente do portão e fica nas proximidades do armário. João se levanta e se dirige a Nando, imitando Fernanda

J: Hum! (levantando-se)

Não Nando!!

Nando olha para João e imediatamente dirige-se a Fernanda, perguntando sobre o pai de Lucas enquanto ela “reclama” porque João a está imitando.

F: Oche João ta me imitando é?

N: cadê o pai de Lucas?

João imita Fernando reclamando dele colocando as mãos na cintura e olhando para o lado esquerdo dizendo:

J: Éhhh (sorrindo colocando a mão na cintura) **táretando** (sorrindo e batendo palmas)

Pode-se perceber, como já foi destacado anteriormente, que as produções estranhas de João (Peradon, Jiqui Vil, táretando) assemelham-se aos erros imprevisíveis destacados por Lemos (2002) que caracterizariam a segunda posição da criança frente à língua. Essas produções de João seriam, do ponto de vista linguístico, “um distanciamento da fala do outro” (LE MOS, 2002, p. 11), uma mudança de posição em relação à própria fala e à fala do outro. Como já foi dito anteriormente, o aparecimento de erros desse tipo rompem com um aprisionamento do falante num mesmo funcionamento e pode estar indicando uma passagem

de sintoma (colagem ao outro) para o erro, erro que é marca ou indício de uma mudança de posição da criança frente à língua.

Diante disso, apreendemos que diante de algumas dessas produções havia uma impossibilidade de se fixar um único sentido evidenciado, como já foi dito, aquilo que Milner (1991) chamou de equívoco. Explicando melhor, a latência, ou seja, cadeias que permanecem sob a cadeia manifesta, deixando nela seus vestígios, é que atribui a esta última um sentido múltiplo, uma possibilidade constante de transformar-se em outra cadeia, causando estranhamento como propôs Lemos (1997). O significante “tárentando”, por exemplo, evoca o “imitando” da fala da terapeuta ou o ando de Nando. A seguir, apresentaremos outros exemplos dessas produções insólitas:

Episódio 21:

F: Eu vou ali, visse João! Tu pode ficar aí! Viu Rosa?

R: ta certo

[...]

W: Ui

F: Ei? Nando?

[...]

F: Nando?

J: **EmiêêDeus** (colocando a foto cortada em cima da folha de papel)

Fg: EhEh

W: Ah.

J: Éédeus

F: Seu Fu-jão

J: **Epaminosaaaaa**

Fg: Aahhh

J: é me é Deus!!(rasgando a outra página da revista)

João olha para o portão da sala, onde William se encontrava (do lado de fora) entretido com o movimento do corredor. João pega outra página da revista, que contém a outra parte do avião da Varig.

J: **Dessatiri** Euíí (cortando a foto com a mão)

João corta a página contornando a foto(resto do avião).

J: desamiamiamiadadamia (corta a foto olhando pra William que sai de perto do portão)

Dadamia (corta foto) damiadamí

Ainda no que se refere a essa quarta posição, foi através da emergência dessas produções insólitas que pudemos apreender uma circulação mais livre dos significantes, o que nos colocou diante de uma fala que permite a entrada do outro, uma fala onde há incorporação mútua, troca, novidade e transformação. Entretanto, poderíamos supor que João encontra-se na segunda posição frente a língua proposta por de Lemos? A resposta seria negativa, pois

embora essas produções retenham todas essas características, não pudemos observar uma predominância desse funcionamento. O que, de fato, fica claro na análise da fala de João é que ele transita entre as quatro posições descritas. Observemos o próximo exemplo retirado do *corpus*.

Episódio 22:

T1: Oh Maquinista
 J: Oh maquinista uqui
 T1: Maquinista olha a pista
 J: uqui
 T1: Não insista
 João segura a cintura da terapeuta olhando para ela e dizendo
 J: Maquinista ruqui
 T1: Maquinista puqui, olhe a pista
 T1: maquinista puqui olhe a pista!
 Maquinista puqui puqui puqui
 João olha para câmera
 T1 : Maquinista maquinista
 J: uuqui!! Uqui
 T1: uqui
 J: uiiiiiiiiiii

Nesse extrato, podemos observar com mais clareza as mudanças na fala ecológica de João. Num primeiro momento ele repete o "maquinista" acrescentando a essa produção o significante "uqui". (terceira posição). Num segundo momento, podemos observar que João cola-se novamente a fala do outro produzindo uma ecolalia imediata "puqui" (segunda posição). Num terceiro momento ele retorna ao "uqui", que, finalmente, se transforma num "uiiii" (quarta posição). Dessa forma, embora possamos perceber, nesse episódio, a circulação e a transformação do significante "uqui" no diálogo da terapeuta com João, ou seja, as palavras inicialmente contidas na fala da terapeuta passaram para a fala João "com diferença" depois retornam a fala da terapeuta e transformam-se para depois retornar novamente para a fala de João em forma de estereotipia e depois foi novamente transformada. Assim, podemos a partir desse episódio, observar que João transita entre as posições sem que haja uma predominância de uma sobre a outra. Entretanto, é interessante discutir que essas produções destacadas acima podem apontar para o fato de que João não se encontra num limbo fora da linguagem, ou seja, num vácuo linguístico: o funcionamento da língua de alguma forma o afetou.

Por fim, poderíamos metaforizar que João seria um equilibrista caminhando numa corda bamba da linguagem. Em alguns momentos parece ser completamente capturado pelo funcionamento da língua (processos metafóricos e metonímicos), e em outros, retornaria à reprodução com marcas de estereotipia. Esses movimentos de ir e vir poderiam estar indicando mudanças, via ecolalia, do ponto de vista estrutural na sua relação com a linguagem. Explicando melhor, João seria nosso equilibrista, alternando reproduções ecolálicas mais rígidas (duas primeiras posições) com produções onde podíamos observar uma combinação mais livre de significantes e a emergência de elementos novos (posições 3 e 4). Esses dois movimentos opostos nos fazem lembrar da frase de Deleuze: “se se morre por causa da repetição, é ela também que salva e cura” (DELLEUZE, 1968, p. 28). Assim fomos defrontadas com as duas vertentes da ecolalia, dois movimentos opostos que parecem estar em curso na fala de João: Conforme colocamos inicialmente, em termos objetivos, propusemo-nos a investigar marcas de singularidade nas ecolalias dos sujeitos aqui estudados. Em outros termos, diante do que pudemos discutir até agora, aceitamos que há na ecolalia marcas de singularidade que formam esses sujeitos únicos na relação que estabelecem com a linguagem.

Diante disso, procuramos elaborar um confronto entre o que foi discutido acerca dos dois sujeitos, buscando destacar tanto elementos que os aproximavam, como aqueles que os afastavam, delineando assim, a singularidade de cada um. É o que veremos no tópico a seguir.

5.3 Pedro e João seus autismos, suas ecolalias, suas singularidades

De um modo geral, ao fazermos um confronto entre Pedro e João, podemos ratificar o que afirmou Leboyer (1995) quando nos diz que não poderíamos falar em um único autismo, pois a clínica, de fato, nos revela "autismos", tamanha é a singularidade da manifestação dessa síndrome, o que torna o seu diagnóstico tão controverso. Podemos dizer, também, a partir das reflexões realizadas nesse estudo, que poderíamos, da mesma forma, não falar em ecolalia, mas sim em ecolalias, tendo em vista que esta manifestação verbal também se apresenta de forma bastante singular em cada sujeito. Assim, considerar a existência de ecolalias é, de certa forma, uma oposição às constantes tentativas de homogeneização e universalização da fala da criança autista que, ao longo do tempo e em certa medida, vêm aniquilando sua singularidade. Essa reflexão, portanto, convocaria o investigador a considerar

que, naquela verbalização, existe algo subjacente (subjatividade) que deve ser explorado em seu caráter único e singular.

Pudemos observar na análise que ambos os sujeitos (Pedro e João), em determinados momentos, apresentavam o que poderíamos chamar de concepção clássica de ecolalia: blocos verbais não desmembráveis, repetições da fala do outro e uma ausência de uma circulação mais livre de significantes (LIER-DE-VITTO, 1994) o que dificultava a constituição do diálogo e a interpretação. Entretanto, a análise pormenorizada das ecolalias de Pedro e João nos permitiu perceber que havia mudanças qualitativas no campo linguístico desses sujeitos e que tais mudanças pareciam ser operacionalizadas via ecolalia.

Dessa forma, procuramos caracterizar a fala de Pedro em 3 (três) posições e a de João em 4 (quatro) posições. Essas posições procuram fazer referência a mudanças na relação desses sujeitos com a linguagem. Porém, o que pudemos apreender foi que, apesar da identificação de cada uma dessas posições individualmente, não foi observado uma superação de uma posição sobre a outra, dado que as mesmas estavam em curso ao mesmo tempo. Dessa forma, assim como Lemos (2000), nos recusamos a afirmar que essas mudanças caracterizam uma aquisição de um conhecimento sobre a linguagem e sim que esse sujeitos eram afetados de forma singular pelo funcionamento da língua.

Pudemos observar, a partir da análise dos dois sujeitos, que a primeira posição caracterizada nas falas Pedro (Fala Cristalizada: blocos ecolálicos) e João (Repetição de Outros Desconhecidos) parecem muito semelhantes por apresentarem a característica de bloco verbal. Esse tipo de produção traz, como uma das principais características, a não abertura de um lugar para o sujeito falar, nem para que se estabeleça um diálogo, bem como dificulta a atividade interpretativa por parte do outro. Entretanto, há duas diferenças marcantes no que se refere a essa primeira posição nos diferentes sujeitos: em João, esse tipo de fala aparece em momentos evanescentes, ou seja, não têm uma continuidade, enquanto que, em Pedro, ela se faz mais presente. Outra diferença marcante é que, do ponto de vista qualitativo, esses blocos, na fala de Pedro, aparecem de forma insistente e persistente, parecendo atropelar o interlocutor, enquanto que, na fala de João, parece ser mais comum a emergência de um único bloco por vez que, embora seja descontextualizado, não possui a mesma insistência. A seguir, mostraremos um exemplo do que chamamos de primeira posição em Pedro e João para tornar essa diferença mais evidente para o leitor:

Pedro

P: Vridróóóóó, Vriiiiidro. Vriimdróóó Luííza, Luíííza!

T2: Chama Paulo pra brincar. Chama Hélio pra brincar.

P: Vrííído, Vidrooo! Vríííído, vidrooo, Vrido, Vividroo. O vidro do carro. Viiindroooooo, vidro, vidro, vidro!!

Tia (ri) Vrido, vrido. Tia, apague a luz do quarto, por favor, tia. Vrido, vrido.

B:

P: [...] o carro **quebrou**. O homem **bateeeeu** [...] O homem **bateu** [...] O carro **bateu** [...].

João

João joga para bola

T1: é uma bola de ... como é nome dessa bola?

T2: de Beisebol.

T2: de Beisebol.

João fecha as portas do armário, faz gestos com os braços, enquanto fala na frente do armário.

J: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra ENTRE OS HOMENS de boa vontade. (texto bíblico)

Ainda a partir do confronto entre esses dois sujeitos, pudemos apreender que havia um processo de seleção subjacente às produções de Pedro e João, ou seja, essas produções não pareciam emergir ao acaso. Assim, enquanto que a ecolalia de João era primordialmente circunscrita a fala de “Fernanda”, a quem supomos que poderia estar sustentando o lugar de grande Outro para esse menino, a ecolalia de Pedro era caracterizada pela insistência de blocos ecolálicos ou fragmentos desses blocos que traziam conteúdos de destruição, esfacelamento (rasgar, quebrar, fazer barulho, explodir, acabar, apagar). Essa nos parece uma diferença marcante do ponto de vista qualitativo e que torna cada fala bastante singular. Essas observações nos afastam da concepção de Kanner (1943), que concebia a fala ecolálica como “expressões irrelevantes”, “frases mecânicas” e deslocam a discussão da ecolalia para um ponto interessante: haveria uma seletividade dentro da fala ecolálica? Ou seja, haveria um mecanismo de eleição do que viria ou não à tona e que estaria invariavelmente ligado à subjetividade da criança autista? Esse ponto parece-nos ainda mais interessante, tendo em vista que grande parte das teorias a respeito do autismo são marcadas por uma postura diagnóstica e classificatória que parece pulverizar a subjetividade e a singularidade dessas crianças.

Outra diferença interessante no que se refere a esses dois sujeitos é que, de uma forma geral, Pedro é mais verborrágico, sua fala ecolálica é mais descontextualizada e parece guardar, de forma mais visível, a característica de bloco verbal. Em contrapartida, pudemos observar em João uma fala mais contextualizada, com uma combinação mais livre de significantes que, de uma

forma singular, se aproximava da segunda posição da criança frente à língua, proposta por Lemos (2002), dentro da qual estão em curso os processos metafóricos e metonímicos. Por outro lado, somos, diante dos dados de Pedro, constantemente surpreendidas por movimentos de fragmentação dos blocos ecológicos e sucessivas recombinações dos mesmos. Essas recombinações, nas quais Pedro faz emergir novos blocos, nos fez pensar num processo metonímico muito singular, já que ele opera de forma mais livre no eixo das combinações. Porém, tais combinações parecem não obedecer a um padrão estrutural da língua, o que leva suas produções a causarem um constante efeito de sem sentido.

Face ao exposto, destacamos a singularidade de Pedro, que, apesar de apresentar uma visível restrição em seu vocabulário, mostra-se, mesmo dentro de um pequeno repertório, capaz de promover verdadeiras transformações nos seus blocos ecológicos. Diante do que foi dito, pudemos situar Pedro e João, cada um de uma forma bastante singular, dentro do campo da linguagem e afetados pelo funcionamento da língua (processos metafóricos e metonímicos).

Outra característica que marcava a singularidade desses dois sujeitos é no que se refere à terceira e a quarta posição, nas quais pudemos apreender um movimento nas falas desses sujeitos (movimentos de fragmentação ou reestruturação/recombinação). Entretanto, as fragmentações de Pedro eram circunscritas aos blocos ecológicos e a sua produção mantinha a característica de bloco, enquanto João, de uma forma mais refinada, fragmentava as palavras, abrindo espaço para que pudéssemos observar de forma mais evidente o funcionamento da língua. Na quarta posição de João, pudemos perceber que as suas produções pareciam deslocar a sua fala para o estatuto de fala enigmática, haja vista o caráter equivoco de tais produções, que nos faziam pensar na presença de uma dimensão metafórica na sua fala. Os exemplos abaixo ilustram o que foi explicitado:

João

L.: Tu não quer ser filmado não é? Tu num quer ser filmado?

B.: **Filmanda**, tchau!

B: Filmanda

Pedro

P: Quebrou! O carro tá tudo quebrado...

T: Como é essa historia?

P: Acenda Pedro, o vidro do carro, o ônibus quebrou o vidro.

Em ambos os sujeitos, pudemos identificar possibilidades de mudança na produção ecológica ou o que poderíamos chamar de repetição com diferença, “produtora de novidade e, portanto, fonte de transformações” (GARCIA-ROZA, 2003 p.24). A repetição diferencial, segundo esse autor, toma um sentido positivo e pode constituir-se como instrumento no sentido da cura. Enquanto Pedro realizava uma segmentação nos seus blocos verbais e criava uma nova expressão bastante singular, João, amplamente submetido ao funcionamento da língua, emergia com as produções insólitas, fruto de combinação imprevisível de significantes.

Por fim, a partir daquilo que mais nos tocou na fala de cada um desses sujeitos, decidimos fazer uma analogia de Pedro e João com o Malabarista e o Equilibrista. Assim, Pedro seria o malabarista dos blocos ecológicos por fazer verdadeiros malabarismos e transformações naqueles blocos, por meio de fragmentações e recombinações, via ecolalia. Por outro lado, João seria nosso equilibrista que caminharia numa corda bamba, equilibrando-se entre duas posições: falas que guardam o caráter de reprodução e falas que escapam completamente de tal concepção, colocando-nos num lugar de onde podemos vislumbrar o acontecimento do trabalho da língua. A seguir, mostraremos uma tabela na qual podemos visualizar melhor as singularidades das ecolalias desses sujeitos:

Tabela 1. Comparativo das ecolalias de Pedro e João

Pedro, O Malabarista	João, O Equilibrista
Grande insistência da fala em bloco	Fala em bloco como momentos evanescentes
Fala que dificulta a interpretação	Fala mais aberta à interpretação
Vocabulário mais restrito	Vocabulário mais amplo
Produções circunscritas a temas destrutivos	Produções circunscritas à fala de Fernanda
Maior descontextualização da fala	Mais frequente estabelecimento de laço com a fala do outro e com a situação
Fragmentação e recombinação dos blocos ecológicos	Fragmentação e recombinação incidindo, mais especificamente, sobre palavras
Predominância do eixo das combinações	Atuação, ainda que singular, tanto dos processos metafóricos quanto dos antonímicos.

Fonte: (dados do estudo - elaborada pela autora).

5.4 Um breve diálogo entre o campo da aquisição da linguagem e o campo da patologia da linguagem

Embora o diálogo entre o campo da aquisição da linguagem e o campo da patologia da linguagem tenha permeado toda a nossa discussão, achamos necessário retomá-lo nesse momento com o objetivo de elaborar algumas reflexões que merecem ser aqui destacadas: a primeira delas é que diante das questões que nos foram impostas pela análise dos dados acreditamos que da mesma forma como Lemos (1997) trouxe a repetição como questão teórica a ser problematizada no campo da aquisição da linguagem, podemos dizer que a ecolalia emerge no campo da patologia da linguagem com o estatuto de questão teórica que merece maiores investigações. Em outros termos, podemos perceber que o estudo da ecolalia. Diante dos dados, fomos defrontadas com a concepção clássica de ecolalia, uma repetição rígida e estereotipada, conforme observamos claramente na primeira posição encontrada na fala de Pedro e na primeira e na segunda posição encontrada na fala de João.

Observemos a seguir exemplos dessas posições nas falas dos dois sujeitos:

Pedro (primeira posição)

T1: Ô Adriano bota aqui no canto

P: O Pedro ligue ago-ri-nha

T: O que Pedro?

P: Aonde você está?

Aonde você está

Aonde você está?

T: O Pedro fala de mulher

T: Pedro

P: Aonde você está?

Aonde você está?

Aonde você está?

T: Pedro escuta

P: Aonde você está?

Aonde você está?

Aonde você está?

T2: Vai arrumar todinho é é

T: tem mais uma coisa aqui...

T: Pedro dá licença

P: fechada, fechada

Podemos perceber que a expressão "Aonde você está?" é uma ecolalia tardia que emerge insistentemente na fala de Pedro. Embora ele seja convocado pela fala da terapeuta,

parece fechar-se no ciclo de repetição que dificulta o estabelecimento de um diálogo. O segundo extrato, referente ao sujeito 2 (João), traz mais elementos para essa reflexão.

João sessão (segunda posição)

F: Quem foi que ganhou?? (dirigindo-se a João)

J: Quem foi que ganhou??

F: Quem chegou primeiro aqui?

W: William já tinha entrado no pátio, observando tal cena.

W: Eu

J: Quem chegou primeiro aqui?

F: Quem chegou primeiro aqui ? Foi quem?

J: Foi quem?

F: Foi João ou foi Nando?

J: Foi João ou foi Nando?

No recorte acima, podemos observar que João está amplamente submetido à fala do outro, pois reproduz literalmente a fala da terapeuta: não há segmentação e fragmentação da substância fônica. Poderíamos falar numa posição de “colagem absoluta ao Outro”, ou “alienação absoluta” que parece fazer com que a criança esteja “completamente hipotecada à decisão do outro” (JERUZALINSKY, 1993). Dessa forma, poderíamos dizer que, nesse extrato, João parece não ser autor da sua fala.

Podemos pensar que nesses dois momentos referentes aos dois sujeitos dessa investigação é possível perceber uma diferença marcante entre esse tipo de manifestação verbal ecológica demonstrada nos extratos acima e as repetições presentes na fala inicial da criança que caracterizariam, de acordo com Lemos (1997), a primeira posição frente à língua, posição de circunscrição à fala do outro. A primeira diferença seria que as produções ecológicas demonstradas acima, caracterizariam uma submissão à fala do outro; explicando melhor, haveria uma colagem à fala do outro que parece impedir a livre circulação de significantes (LIER DE VITTO, 1994). Além disso, podemos observar nesses exemplos que a ecolalia parece funcionar como um obstáculo ao curso do diálogo, excluindo o outro enquanto representante da língua.

A presença de fragmentos na fala inicial da criança, conforme discutiu Lemos (2001) surge como uma das diferenças fundamentais das produções ditas ecológicas encontradas nessas posições de Pedro e João. A fragmentação abre a possibilidade da entrada do outro, da sua atividade interpretativa e do deslizamento e circulação livre de significantes. O exemplo abaixo retirado do trabalho de Lemos (1999). ilustra o que foi explicitado.

M: mãe
 C: criança
 M: Traz aqui a revista
 C: Boinha M: Cebolinha! E aqui quem é?
 C: boinha
 M E aqui é a Mônica
 C: Mônica
 M: o que é que a Mônica ta fazendo?

No exemplo acima, que as repetições de M. são retomadas, isto é, elas reaparecem na cadeia discursiva da mãe, apontando para um espelhamento recíproco. Como podemos observar, tal retomada implica a colocação dos fragmentos do discurso do outro/adulto, presentes na fala de M., num todo significativo e fechado. Explicando melhor, a retomada pelo adulto do o fragmento “boinha”, presente na fala da criança, o colocaria num todo significativo que resultaria na progressão do diálogo.

Dessa forma, podemos perceber que ao contrapormos ecolalia e espelhamento podemos perceber que neste último a fragmentação presente na fala inicial da criança aparece como uma operação fundamental constitutiva do dialogo mãe-criança, assim como do processo de aquisição da linguagem, já que permite a entrada da criança na língua em funcionamento através da fala do outro. Explicando melhor, os fragmentos retirados da fala da mãe aparecem na fala da criança e voltam para fala de mãe que os interpreta configurando o que podemos chamar de deslizamento ou circulação livre de significantes (LIER-DE-VITTO, 1994). A fala indeterminada (fragmentada) da criança ganha significação na fala da mãe constituindo um diálogo e pondo em curso a trajetória da criança rumo à aquisição da linguagem.

Assim, podemos dizer que os fragmentos iniciais contidos na fala da criança convocariam naturalmente a interpretação da mãe, enquanto que as produções ecolálicas de Pedro e João, nessas posições pareciam funcionar como um obstáculo à interpretação, por serem repetições não desmembráveis e carentes de intervalos (LEMOS, 2000). Em outros termos, nesses exemplos de Pedro e João pudemos observar que parece haver uma ‘incorporação’ completa do enunciado do outro que se cristaliza, que não se submete ao jogo de referências internas da linguagem e que não se deixa afetar pela intervenção do outro. Essa incorporação, ao contrário do que ocorre nas repetições da criança considerada sem obstáculo na sua trajetória linguística, é de uma só via, portanto não pode ser dita dialógica.

Até aqui foi possível observar, a partir dos exemplos acima, que os blocos compactos e rígidos das verbalizações ecolálicas de Pedro e João enquanto exclui o outro, torna visível a

importância da fragmentação do enunciado do outro, na fala inicial da criança, para que se dê lugar ao processo de aquisição de linguagem (LEMOS, 2001). Por sua vez, o espelhamento nos mostra a importância do reconhecimento da fala da criança pelo outro. Dessa forma, poderíamos pensar que, apesar de toda dificuldade, seria importante reconhecer a ecolalia como fala e a criança autista como sujeito falante. Essa afirmação nos faz lembrar de Lacan quando nos diz: “uma fala somente é fala na medida exata em que alguém nela crê” (LACAN, 1988, p. 24).

Podemos observar, a partir dessas reflexões elaboradas acima, que essas primeiras posições de Pedro e João se afastavam do campo da aquisição de linguagem tornando mais evidente o seu efeito de patologia. Entretanto, foram encontradas mudanças qualitativas nas ecolalias desses sujeitos que colocavam em questão, o caráter de fixidez dessas produções, dessa forma nos aproximamos, novamente, do campo da aquisição de linguagem trazendo outros questionamentos. Foi possível encontrar também, nas ecolalias de João e Pedro produções que puderam caracterizar aquilo que chamamos de repetição com diferença, onde não encontrávamos uma coincidência absoluta entre as suas falas e a fala do outro, onde pudemos também, apreender a presença de processos metafórico e metonímicos que, embora singulares, indicavam que esses sujeitos estavam de alguma forma afetados pelo funcionamento da língua. Com tais colocações, estamos nos referindo, especificamente, à terceira posição de Pedro e à quarta posição de João.

Poderíamos não ter avançado nessa investigação se nos cristalizássemos na concepção clássica de ecolalia: “palavras ouvidas e repetidas como papagaio” proposta por (KANNER, 1943). Poderíamos até mesmo reproduzir, “ecolalicamente” o que Kanner nos disse em 1943, já que, em ambos os sujeitos, encontramos produções que corroboravam aquilo que, normalmente, se entende por ecolalia e por funcionamento autístico (primeira posição de Pedro e primeira e segunda posição de João). Entretanto, nosso objetivo foi ir além e aprofundar o estudo da fala ecolálica, pois, ao contrário de Kanner (1943), acreditamos que há uma diferença significativa entre os autistas que apresentam alguma manifestação de fala e aqueles que apresentam mutismo.

Diante dos dados, poderíamos pensar que por seu caráter de rigidez a ecolalia, via de regra, não é acolhida como fala e, conseqüentemente, a criança autista não é reconhecida como falante. Dessa forma, podemos dizer que entraria em curso um processo de negação radical que ratifica a ideia de que os autistas são seres sem linguagem e inacessíveis aos contatos humanos. O discurso científico, portanto, atravessaria o imaginário do clínico ou do

investigador que se defronta com o autismo, levando-os a uma expectativa negativa, que cristalizaria essa linguagem num lugar de impossibilidade.

Segundo Frithz, atualmente, a grande maioria dos autores cognitivistas concorda com a seguinte ideia “as dificuldades de caráter pragmático da linguagem (a capacidade de usar a linguagem para fins de comunicação) constituem um dos traços universais do autismo” (FRITHZ *apud* TAFURI, 2003, p. 175).

Esses autores tentariam compreender se essa dificuldade diz respeito a uma deficiência específica da linguagem, ou se está relacionada ao atraso global do desenvolvimento. Segundo eles, seria difícil avaliar a competência linguística das crianças autistas porque em alguns momentos elas demonstram um grau surpreendente de competência linguística como que por acidente. Esse é um dado fundamental para a reflexão da presente pesquisa. A descoberta de competências linguísticas nessas crianças evidencia a impossibilidade de reduzir o autismo infantil precoce a uma deficiência cognitiva. Apesar dos autores cognitivistas minimizarem a importância desse imprevisível que emerge na fala da criança autista, acreditamos que esse pode ser um ponto fecundo para reflexão.

Dessa forma, poderíamos supor que tais “acidentes” podem ser, na maioria das vezes, ignorados pelos pesquisadores, ou seja, relegados a um lugar desprovido de valor, isto é, fora do olhar do investigador.

Lemos (1999) nos mostrou que a psicolinguística higienizou a fala da criança em fase de aquisição de linguagem, deixando de fora aquilo que ela chama de “resto” (as produções imprevisíveis), ou seja, produções que não deixariam claro que a criança estaria respondendo a um padrão estrutural da língua e que não se curvam à demanda de regularidade do saber. Ao que parece, no campo de estudo da linguagem da criança autista houve uma espécie de higienização às avessas: essas supostas competências são postas de lado e se trabalha em cima daquilo que é irregular, em outras palavras, o olhar incide sobre aquilo que essas crianças não têm, suas impossibilidades e incompetências. Seria, portanto, interessante refletir que, assim como Lemos trabalhou com o imprevisível na fala das crianças, o investigador que se defronta com a linguagem do autista deveria dispor-se a acolher o imprevisível da competência linguística na sua fala.

Poderíamos supor, ainda, que, no autista, a competência se torna o próprio imprevisível, pois ela emerge numa fala de onde só esperávamos insuficiência, falta e deficiência. Assim, enquanto o imprevisível da fala de uma criança sem o diagnóstico de

autismo seriam os erros, as produções estranhas e supostas incompetências, ou ainda, produções que não responderiam a um padrão estrutural da língua, já na fala de uma criança com tal diagnóstico essa expectativa é subvertida, levando o investigador a surpreender-se com qualquer elemento que se refira a uma competência. É exatamente isso o que chamamos higienização às avessas: a exclusão da competência e das possibilidades de abertura ao novo (LEMOS, 1999).

Por fim, não podemos deixar de considerar que essas mudanças nas produções ecológicas aconteceram dentro de um setting terapêutico. Diante disto, podemos inferir que, dentro desse contexto, existem elementos que podem favorecer a entrada dessas crianças no campo da linguagem. Vimos que o espelhamento proposto por Lemos nos mostra a importância do reconhecimento da fala da criança pelo outro. Esse fato poderia estar, da mesma forma, apontando para a importância de se reconhecer a ecolalia enquanto fala e o autista como sujeito falante. No setting terapêutico, observamos as constantes tentativas das terapeutas de significar aquela fala que, aparentemente, parecia intraduzível. O extrato abaixo mostra um exemplo retirado do corpus onde a terapeuta faz a tentativa de interpretação da produção ecológica de Pedro.

Pedro:

P: O carro quebrou! O carro quebrou!

T1 : carro quebrou

P: O carro todinho. Vamos cair fora daqui (voz fina)

T1: O carro da sua mãe não quebrou não e você não vai deixar de vir pra cá não.

P O carro ta tudo quebrado

T1.: não ta nada

P: [...] Solta gritinhos

T1: tua mãe vai poder trazer você sim, mesmo com o carro quebrado

P: quebrou

Nesse momento, a terapeuta insere a repetição de Pedro dentro de um circuito de significações. Pode-se observar, por exemplo, que ela coloca a produção “o carro tá tudo quebrado” na totalidade significativa “tua mãe vai poder trazer você sim, mesmo com o carro quebrado”. Vale ressaltar que, nos extratos das reuniões clínicas com a equipe do CPPL (instituição onde o adolescente era atendido), consta que Pedro poucos dias antes, estava no carro com sua mãe quando houve um acidente onde foi quebrado o vidro do carro. Podemos perceber então que, de algum modo, a ecolalia de Pedro convocou interpretação da terapeuta e ela consegue reconhecer, nessa fala, uma demanda de interpretação. Segue-se, então, outro exemplo que ilustra essa tentativa da terapeuta.

Pedro

P: Já acabou, já acabou

P: pronto

P: acabou muito

T: acabou a muito

T2 Ah (bate palmas) Adriano

P Não admito

T: **Não vou mais admitir** rapazes e moças aqui entendendo as coisas. E fazer essas coisas, assim, de ficar quebrando [...] é acabar com essa história aqui sabe Pedro? Eu tenho pensado muito nisso sabe? Rapazes e moças nesse grupo, entendeu? **Acabando as coisas aqui. Vai crescendo e ficando com muita força não é Pedro? não é? Vão ficando rapazes.**

P: cirurgia acabou a muito tempo (gestos nos dedos)

T: cirurgia acabou. Que cirurgia?

P: **uspendemais** [...] acabou a muito tempo

T: tu conhece esse programa?

T: isso foi um programa na televisão, foi? Tu assistisse algum filme assim, foi Pedro?

P: Uspendemais

T: Acabou

P: acabou a muito tempo

No extrato colocado, observamos que a terapeuta aproveita as produções ecológicas de Pedro “não admito” e “acabou muito” dando-lhes uma espécie de “banho simbólico”, inserindo essas produções dentro de uma cadeia de significantes. Essa interpretação se torna mais clara quando recorremos aos registros da evolução clínica de Pedro pela equipe do CPPL onde é ressaltado que no grupo, Pedro vivia questões relativas a sua sexualidade, ao seu crescimento e seus desejos, ou seja, ele estava vivenciando as angústias relativas às mudanças no seu corpo e a emergência da sua sexualidade. Assim, podemos perceber que a interpretação da terapeuta procura lançar a ecolalia dentro dessa rede significativa. É interessante ressaltar que Pedro, inesperadamente, rompe com o padrão ecológico e produz o significante “uspendemais”. Parece haver, nesse momento, uma descolagem do Outro e a emergência de uma produção singular, insólita, equívoca e que causa estranhamento. Vale ressaltar que esse tipo de produção não é comum na fala de Pedro tendo sido encontrada (3) três vezes em todo o corpus estudado. A seguir mostraremos um exemplo do corpus de João que mostra a atividade interpretativa da terapeuta sobre a fala ecológica.

João

Todos estão jogando bola com as terapeutas

W: Oh João, oh João, tem esse aqui!

J: Fui atrás do meu pai ... enfim tudo que você precisa saber...

T2: O que foi que ele disse?

T2 dirige-se a Rosa tentando esclarecer o que João Falou

R: só entendi: meu pai
 W: Pode vir
 T2: quê que tem seu pai, João?
 T2: quê que tem seu pai, João?
 João está encostado no portão da sala
 J: meu pai virado
 J: meu pai virado
 T2: tu não dissesse que cuidasse do se pai?
 J: meu pai que nada ... tudo
 W: Meu pai que nada
 J: Oh
 A: seu pai Jorge?
 J: lá ta na casa do Jorge, ta na casa dele
 T2: faz tempo que tu não vê teu pai?
 João coloca o olho na máquina fotográfica, apoiando na mesa
 T2: Faz?
 J: Faz?

Podemos observar, no episódio acima, que a terapeuta (T2) aproveita uma produção de João “Fui atrás do meu pai [...] enfim tudo que você precisa saber [...]”, que emerge aparentemente fora do contexto, e tenta significá-la. Dessa forma, a terapeuta coloca João numa posição de sujeito falante, apostando que naquela fala existe um sentido, mesmo que ele não seja evidente, nem aparente.

Percebemos então, que, dentro do setting terapêutico, a interpretação é um elemento presente. Assim nós nos questionamos: seria possível supor que as mudanças nas ecolalias de Pedro e João poderiam ser atribuídas a essas tentativas de interpretações que colocariam a fala ecolálica dentro de um circuito significativo? Que singularidades essas interpretações guardariam em relação à interpretação da mãe de uma criança em aquisição de linguagem?, ou ainda, qual o impacto da postura do outro nas falas ditas ecolálicas? Essas colocações, mergidas a partir de nossas discussões sobre os dados, ficam como forma de questão para futuras investigações.

6 REFLEXÕES FINAIS

Evidência objetiva e certeza são, sem dúvida, ideais muito bons para se trabalhar, mas onde neste planeta iluminado pela lua e visitado pelos sonhos são encontrados? (JAMES, 2001, p. 26).

Ao discutirmos sobre o que expor nessas reflexões finais, logo percebemos que nunca foi nossa pretensão chegar ao fim; terminamos com poucas respostas e muitas perguntas, o que não nos surpreende, pois um estudo que aborda questões dessa natureza não pode ter a pretensão de esgotá-las. Para Louis Pastuer (apud KAPRA 1982) a ciência avança através de respostas provisórias e conjecturais, em direção a uma série cada vez mais sutil de perguntas que penetram cada vez mais nos fenômenos. Dessa forma, o presente estudo não teve por objetivo oferecer respostas fechadas e sim abrir possibilidades de novas interpretações.

Podemos dizer que a teoria de Lemos mostrou-se como um operador de leitura valioso para ecolalia, já que permitiu que lançássemos um outro olhar sobre esse fenômeno, Tal olhar produziu diferenças e permitiu que estabelecêssemos um frutífero diálogo entre os campos da patologia da linguagem e da aquisição de linguagem. Além disso, a análise dos dados nos levou a deslocar a discussão da ecolalia para uma outra direção que fazia recuar o argumento de que essas seriam falas “vazias” e “desabitadas”. Diante dos dados de Pedro e João tivemos indicações de que poderia existir, nas falas desses meninos, um movimento de seleção que estaria determinando o que viria ou não à tona. Esse fato, além de por evidência a singularidade desses sujeitos, nos colocaria frente a diversos questionamentos, como por exemplo: Essas produções emergem ao acaso? seria a ecolalia, de fato, um eco esvaziado de sentido? Estariam as produções ecolálicas invariavelmente ligadas à subjetividade de quem as produz? (LEMOS, 1997).

Um outro aspecto interessante que podemos destacar a partir da discussão dos resultados é que, conforme discutimos num momento anterior, Lasnik-Penot (1997) sugere que a leitura de dois artigos de Kanner (1943 e 1946) nos revela dois Kanner: um que nega a linguagem ao autista e outro que afirma a linguagem dessas crianças, definindo-a como metafórica. Entretanto, concordamos com Cavalcanti & Rocha (2001) quando afirmam que nunca existiu dois Kanner, existia um único Kanner e a sua contradição poderia ser imposta

pela observação clínica das crianças que surpreendiam e traziam questionamentos acerca do funcionamento linguístico das mesmas.

Essa investigação nos revelou, entretanto, que, diante dos dados, como investigadoras, vimo-nos surpreendidas por essa mesma contradição de Kanner, na medida em que ambos os sujeitos pareciam estar num jogo de ir e vir ora alienando-se numa fala sem autoria (colagem absoluta ao Outro), ora nos surpreendendo com mudanças e singularidades nas suas produções. Essa contradição poderia estar indicando possíveis mudanças de posição desses sujeitos (Pedro e João) frente à língua dentro do processo terapêutico. A partir do que observamos, poderíamos pensar que a ecolalia parece ser um elemento fundamental que operacionalizaria essa mudança. Portanto, nesse ponto, discordamos de Kanner quando esse autor diz que não haveria diferença significativa entre as oito crianças que falavam e as três apresentavam mutismo.

A esse respeito, podemos destacar, ainda, um outro aspecto interessante: trinta anos depois do seu artigo de 1943, Kanner faz uma avaliação das crianças observadas por ele e relata que 8 dessas crianças haviam passado a vida em instituições para doentes crônicos e incapazes, tendo ele constatado que tais crianças haviam instalado um modo de vida “nirvana”. Todavia, duas delas tinham atingido uma autonomia profissional e econômica, demonstrando capacidades criativas, culturais e artísticas. Esses dois destinos diferentes são considerados por Kanner como resultantes de encontros com pessoas capazes de entrar verdadeiramente em contato com elas. Porém, Chemama (1995) chama a atenção para o seguinte fato: nesse artigo, o que Kanner não diz é que essas duas crianças eram, justamente, aquelas que desenvolveram, de maneira mais particular, a linguagem ecolálica. Essa afirmação vem contribuir com nossa suposição de que a fala ecolálica, embora “aparentemente” fora do discurso comunicante, ao contrário da opinião de Kanner, “pode engajar o aparelho psíquico da criança em um caminho estruturante” (CHEMAMA 1995, p. 54).

Diante das discussões acerca dos dados, poderíamos, ainda, pensar na seguinte afirmação de Lacan (1988) quando, numa conferência em Caracas, é indagado por Lagache: “Como o Sr. vê a questão da criança autista?”, ao que Lacan responde: “Não tenho experiência com a criança autista, mas em algum lugar a língua aconteceu nesta criança” (LACAN, 1988, p. 04). Acreditamos que esse estudo nos mostrou que a fala ecolálica pode nos fornecer alguns elementos para se pensar nesse “algum lugar” referido por Lacan, onde o autista teria sido, de alguma forma, afetado pelo funcionamento da língua. Ao que parece, as mudanças qualitativas encontradas nas produções ecolálicas de Pedro e João poderiam estar

sinalizando mudanças dos mesmos na sua relação com a linguagem. Essa afirmação se contrapõe radicalmente à ideia de que esses sujeitos encontram-se fora do campo da linguagem. Em outros termos, as discussões elaboradas diante dos dados dessa investigação confrontam-se com determinadas correntes teóricas que supõem que o autista estaria num grau zero da subjetivação, no limiar humano/infra-humano, fora do campo da linguagem.

A análise aprofundada da ecolalia nos surpreendeu e permitiu que percebêssemos o trabalho da língua que singularmente acontecia naqueles sujeitos. Além disso, as mudanças qualitativas encontradas na fala de Pedro e João também poderiam estar indicando a possibilidade de novos arranjos da estrutura subjetiva desses sujeitos. Em outros termos, tais mudanças poderiam estar redimensionando novas posições subjetivas nesses adolescentes. Conforme procuramos apontar ao longo dessas reflexões finais, a presente investigação foi capaz de produzir tanto possibilidades de interpretação - as quais apontamos acima - como possibilitou, também, a emergência de uma série de indagações que, certamente, nortearão nosso olhar numa nova atividade investigativa. Consideramos, portanto, que as reflexões elaboradas ao longo dessa investigação nos permitiu construir duas grandes indagações:

- Poderia a ecolalia ser pensada como um caminho de engajamento da criança no funcionamento linguístico?

- Estando os sujeitos dessa investigação num setting terapêutico de base analítica, ou seja, um ambiente onde as terapeutas privilegiavam as interpretações e a significação da suas, seria possível pensar que tal postura estaria favorecendo a emergência de mudanças no campo linguístico de Pedro e João? Em outros termos, indagamo-nos se tais mudanças não teriam sido viabilizadas pela postura adotada pelas terapeutas.

Frente a tais indagações, vemos surgir a possibilidade de novos caminhos para uma futura investigação, na qual o papel do outro seria o cerne de nosso estudo. Em outras palavras, uma futura pesquisa baseada nas indagações postas acima, poderia ter como caminho metodológico a investigação da ecolalia em dois contextos diferentes que implicariam em posturas diferentes por parte do outro: uma terapia de base analítica e uma terapia cognitiva-comportamental, na qual o terapeuta se propõe a trabalhar na tentativa de extinção de comportamentos indesejados e aquisição de outros comportamentos desejáveis. Esses contextos implicariam em diferentes posturas dos terapeutas. Assim, poderíamos investigar a influência de diferentes posturas assumidas pelo outro na lida com a fala ecolálica.

Gostaríamos, nesse ponto, de destacar que esse trabalho não se aprisionou ao mero exercício do pensamento. Ao contrário disso, pudemos, a partir de nossas discussões diante do diálogo teórico/empírico, refletir acerca de implicações que percorreram desde o campo teórico, passando pelo clínico e chegando até o âmbito educacional. É, portanto, a respeito dessas implicações e contribuições que passaremos a discutir, ainda que sucintamente, a partir de agora.

- **Implicações Teóricas:** Poderíamos dizer que a principal contribuição teórica foi a nossa tentativa, a partir de um estudo aprofundado das produções verbais ecológicas, de fornecer reflexões que não se restringiram à polaridade normal versus patológico ou correto versus incorreto, possibilitando, assim, a abertura de um novo olhar sobre a ecolalia. Além disso, foi possível discutir acerca da existência de possíveis mudanças na posição subjetiva desses sujeitos e, conseqüentemente, na sua relação com a linguagem, apontando para uma série de transformações e rompendo com a ideia de rigidez e cristalização dessas produções.

As discussões elaboradas confrontaram-nos com a posição de autores como, por exemplo, Rodriguez (1999), que assumem um posicionamento do autista num lugar “literalmente fora” da linguagem. Em outros termos, pudemos supor uma singular captura daquelas crianças pelo funcionamento da língua que, mesmo sendo diferente de uma criança sem obstáculo em seu percurso de subjetivação, não se mostrou inexistente. Assim, a partir dessas reflexões, pudemos, estabelecer um frutífero diálogo entre o campo da aquisição de linguagem e da patologia da linguagem.

- **Implicações Clínicas:** Gorog afirmou que, para a clínica, o que nos interessa é em que os autistas não são autistas” (GOROG *apud* BERNARDINHO, 1999, p. 22), ou seja, o que nos interessa é, muito mais, aquilo que se configura como possibilidades, do que o que se apresenta como falha. O autor acima citado coloca, também, que a clínica do autismo ainda tem muito a inventar. Diante disso, consideramos que o aprofundamento do estudo da ecolalia pode, futuramente, contribuir para novos arranjos na situação analítica que facilitem o desenvolvimento da linguagem, já que, nesse estudo, pudemos ter indicações de marcas de subjetividade e singularidade que permeavam as produções ecológicas de Pedro e João, retirando a ecolalia do lugar de puro eco, de uma fala vazia, desabitada.

- **Educacionais:** Sabemos que, para a criança, o principal agente de inclusão social é a escola. Dessa forma, é crescente a discussão sobre a inclusão escolar de crianças portadoras de necessidades educativas especiais. Entretanto, segundo Kupfer (*In*: KUPFER, 2002), aquelas diagnosticadas como portadoras de transtornos globais do desenvolvimento

(psicóticas e autistas), há até pouco tempo, estavam excluídas da escola, por se considerar que estas não poderiam aprender ou se beneficiar da instituição escolar. Entretanto, fala-se, atualmente, em condições intelectuais nessas crianças, as chamadas “ilhas de inteligência” que permaneceram intocadas apesar da interrupção do seu desenvolvimento. Mais do que a inclusão na escola, podemos falar, em termos lacanianos, de uma inclusão dessas crianças na estrutura discursiva da escola, isto é, pensar a escola como um eixo que possui um papel subjetivante para essas crianças que encontraram um obstáculo no seu processo de nascimento subjetivo. Dentro desse contexto de mudança, o professor que vai trabalhar junto a essas crianças torna-se peça fundamental dessa engrenagem. Assim, trabalhos nessa direção podem ajudar na capacitação de professores que vão lidar diretamente com essas crianças.

Entretanto, quando assumimos um projeto audacioso de investigação, não deixamos de assumir um risco, dessa forma, poderíamos apontar, a seguir, uma das principais limitações desse estudo: o fato de que trabalhamos com transcrições da fala; transcrições feitas por outrem. Assim, entre o que se diz o que se é registrado, muito se perde, dessa forma, como destaca Lemos (*In: LEITE, 2003*) em seu artigo *Corpo e Corpus*, trabalhamos com um corpus que, no Latim significa cadáver. Diante disso, podemos dizer trabalhamos em cima do cadáver de uma fala, onde aspectos como a entonação, linguagem gestual, aspectos suprasegmentais e expressões faciais ficam de fora, elementos que se encontram presentes nos processos dialógicos e que poderiam nos trazer outros dados para uma análise mais aprofundada da fala ecológica.

Diante dos dados dessa pesquisa, já não nos parece possível pensar na ecolalia como uma fala cristalizada, nem como um puro eco, esvaziado de sentido. Já não nos parece possível pensar numa criança autista como um "quase sujeito", ou como um espaço esvaziado

de subjetividade. Ao contrário, pudemos entender que maior do que sua dificuldade de falar, é a nossa de ouvi-los, maior do que sua dificuldade de se mostrar enquanto sujeito, era a nossa de aceitarmos que há outras formas de existir no mundo que não a nossa.

Por fim, relembremos a frase de Deleuze (1968) que dizia que “Se se morre por causa da repetição, é também ela que salva e cura...”. Diante disso, um questionamento não deixa de se inscrever ao final dessa investigação: será que precisamos continuar pensando a ecolalia como sendo mesmo uma denúncia de morte subjetiva, ou seria possível pensá-la, enquanto repetição, como uma possibilidade de saída?

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Manoela de Lira Malta. **Investigador e autista: a busca por uma aproximação**. [Monografia]. Recife: UFPE, 2003.
- ARCANGIOLI, Annie-Margarite; VENEY-PEREZ, Marie-Claude. Um caso de Bruno Bettelheim: Joey ou o autismo. *In*: NASIO, Juan-David (Org.) **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. O que uma analista pode aprender com Hamlet? Estilos da clínica. **Revista sobre infância com problemas**. Instituto de Psicologia da universidade de São Paulo, v. 4, n. 7, p.18-29, 1999.
- BRUNETTO, Andréa. Ser ou ser... um sujeito? Eis a questão do autista. *In*: ALBERTI, Sônia (Org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. São Paulo: Ediouro, 2000.
- CARVALHO, Glória Maria Monteiro de; AVELAR, Telma Costa de. Linguagem e autismo: fatos e controvérsias. **Cadernos de extensão da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife: Universitária-UFPE, 1998.
- CARVALHO, Glória Maria Monteiro de; REGO, Fabiana Lins Browne; MENDES, Daniela Lima. Aquisição de Linguagem e a verbalização ecológica do autista. **Psichê: Revista de psicanálise**. Ano 7, n. 12. São Paulo: Unimarco, 2003.
- _____; _____. **Ecolalia e autismo: uma investigação no campo da aquisição da linguagem**. [no prelo], 2002.
- CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de. **O poder da comunicação e a intertextualidade**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- CAVALCANTI, Ana Elisabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- DE LAJONQUIÉRE, Leandro. **De Piaget a Freud: Pra repensar as aprendizagens a (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1968.
- DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.
- FARIA, Nubia Rabelo Bakker. **Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita**. Recife: Edufal/UFPE, 1997.
- FAY, Warren H. Mitigated echolalia of children. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 10, jun. 1967.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Autismo Infantil *In*: FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; PASTORELLO, Lucila Mari (Org.). **Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos da infância**. São Paulo: Lovise, 1996.

FERNANDES, Lia Ribeiro. **O olhar do engano**: autismo e o outro primordial. São Paulo: Escuta, 2000.

FONSECA, Suzana Carielo da. **Afasia**: A fala em sofrimento. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo, PUC-SP, 1995.

GARCIA-FONS, Tristan; VENEY-PEREZ, Marie-Claude. Um caso de M. Klein: Dick ou o Sadismo. *In*: NASIO, Juan-David (Org.). **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Freud e o inconsciente**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GUERRA, Alba Gomes; CARVALHO, Glória. **Interpretação e método**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

ITARD, Jean C. M. Memoires sur quelques fonctions des appareils de la locomotion, de la prehension et de la voix. **Archives Generales de Medecine**. v. 8, 1885.

JAMES, Wiluam. **A vontade de crer**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.

JERUZALINSKY, Alfredo. **A psicanálise do autismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. O autista diante da palavra: um caso supervisionado. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 4, n. 7, p. 109-120, 1999.

_____. Psicose e autismo na infância: uma questão de linguagem. **Psicose Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. v. 4, n 9, 62-73, 1993.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. *In*: ROCHA, Paulina Schmidtbauer (Org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta. 1997.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Educação especial? *In*: KUPFER, Maria Cristina Machado (Org.). **Tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento**. Salvador: Ágalma, 2002.

LACAN, Jacques. **Intervenciones y textos**. Buenos Aires: Manantial, 1988.

_____. **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAJONQUÈRE, Leandro de. **A escolarização de crianças com DGD**. **Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas**. v. 2, n. 3, p. 116-129, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASNIK-PENOT, Marie-Christine. **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador, Algama, 1991.

_____. **Rumo à palavra**: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil**: fatos e modelos. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. Neuropsicologia e cognições. In: MAZET, Philippe; LEOVICI, Serge. (Org.). **Autismo e psicoses da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

LEMONS, Cláudia Thereza Guimarães de. A sintaxe no espelho. **Cadernos de estudos linguísticos**. n. 10. Campinas: UNICAMP, 1986.

_____. Corpo & corpus In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo (Org.). **Corpolinguagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 42, jan./jun. 2002.

_____. Interacional process in the child's construction of language. In: DEUSTSCH, Werner (Org.). **The child's construction of language**. New York: Academic Press, 1981.

_____. **Processo metafóricos e metonímicos**: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Trabalho apresentado no The trend lectures and workshop on metaphorand analogy, Trento, Itália, 1997.

_____. Questioning the notion of development: The case of language acquisition. **Culture & Psychology**. v. 6, n. 2, 169-182, 2000.

_____. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralin**, n. 3. Recife, Universidade Estadual de Pernambuco, 1982.

_____. Sobre fragmentos e holófrases. **Anais do III Colóquio do LEPSI**. Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância USP, São Paulo, 2001.

_____. **A língua que me falta**: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. **As margens da linguística**: falas patológicas, a história e desencontros. Trabalho apresentado no VII Congresso de Linguística Aplicada. ALAB. Out. 2004.

_____. **Fonoaudiologia**: no sentido da linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Patologias de linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo (Org.). **Corpolinguagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

MILNER, Jean-Claude. **Introduction à une science du langage**. Paris: Du Seuil, 1989.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. **Ecolalia: quem fala nessa voz?** [Dissertação de mestrado]. São Paulo: PUCSP, 2001.

PIAGET, Jean. A linguagem e as operações intelectuais *In*: PIAGET, Jean, *et al* (Orgs). **Problemas de psicolinguística**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

PRIZANT, Barry M.; RYDELL, Patrick J. Analysis of functions of delayed echolalia in autistic children. **Journal of Speech and Hearing Research**. n. 27, jun. 1984.

REGO, Fabiana Lins Browne. **Um estudo em aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate autismo e subjetividade**. [no prelo], 2004.

RODRIGUEZ, L. O dizer autista. *In*: ALBERTI, Sônia (Org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999.

RUTTER, Michael. Autismo infantil *In*: GAUDERER, Ernst Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**. Brasília: Ministério do Bem estar social, 1993.

SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAFOUAN, Moustafa. **Estruturalismo e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1967.

SHAPIRO, Theodore; LUCY, Peter. Echoing in autistic children: achronometric study of semantic processing. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**. v. 19, out. 1978.

SHAWRTZMAN, José Salomão. Neurobiologia do autismo infantil. *In*: SHAWRTZMAN, José Salomão, *et al*. (Org.). **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

SILVEIRA, Tácito C. A Psicanálise e os Impasses da Constituição Subjetiva. **Psichè: Revista de Psicanálise**. v. 2, n. 11, São Paulo: Universidade de São Paulo, p.117-132, Jun. 2003.

SOLER, Collete. Autismo e Paranóia. *In*: ALBERTI, Sônia (Org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999.

STEFAN, Denise R. Autismo e psicose. *In*: LASNIK-PENOT, Marie-Christine (Org). **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador: Álgama, 1991.

TAFURI, Maria Izabel. **Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança Autista**. Brasília: ABRAFIPP, 2003.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v. 13, n. 3, São Paulo, 2008.

VORCARO, Angela M. R. **Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.